



**Poesias  
Lyricas**  
Luiz Delino

1934  
Companhia Editora Nacional  
S. Paulo

0453

70490

h311

g

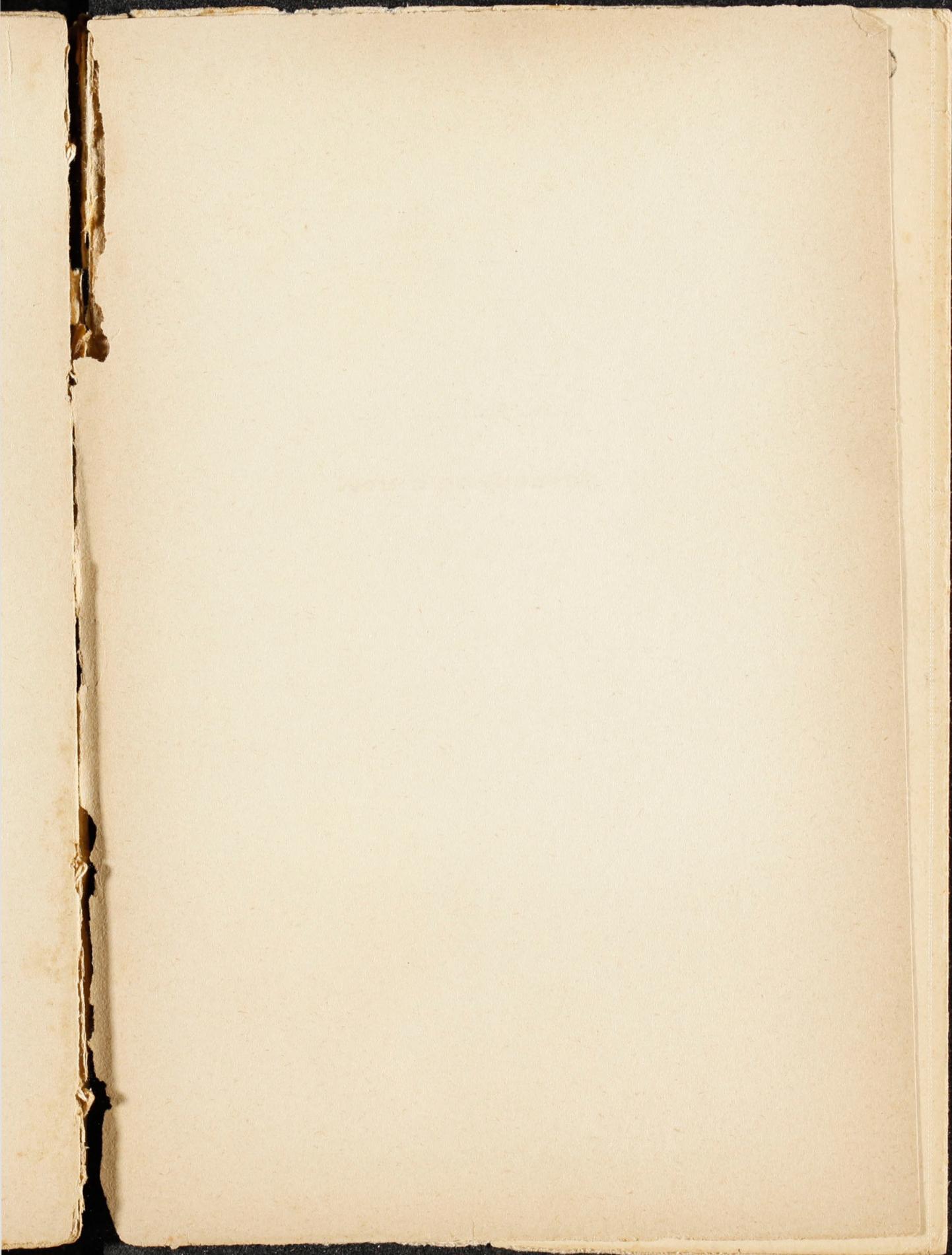


B. Silva de Valla

Lib. de Historia, B.

Vol. 10, p. 222

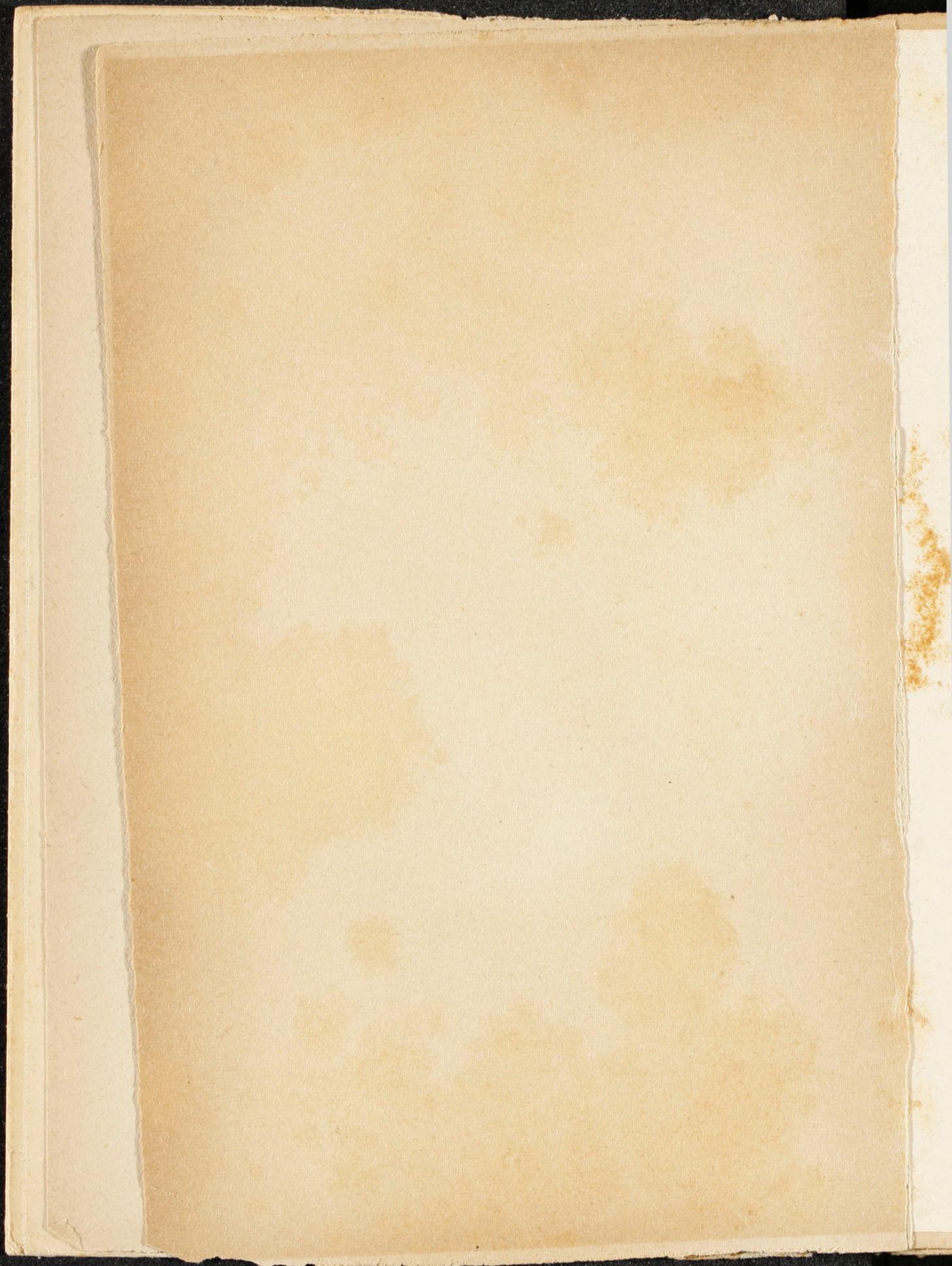
1872



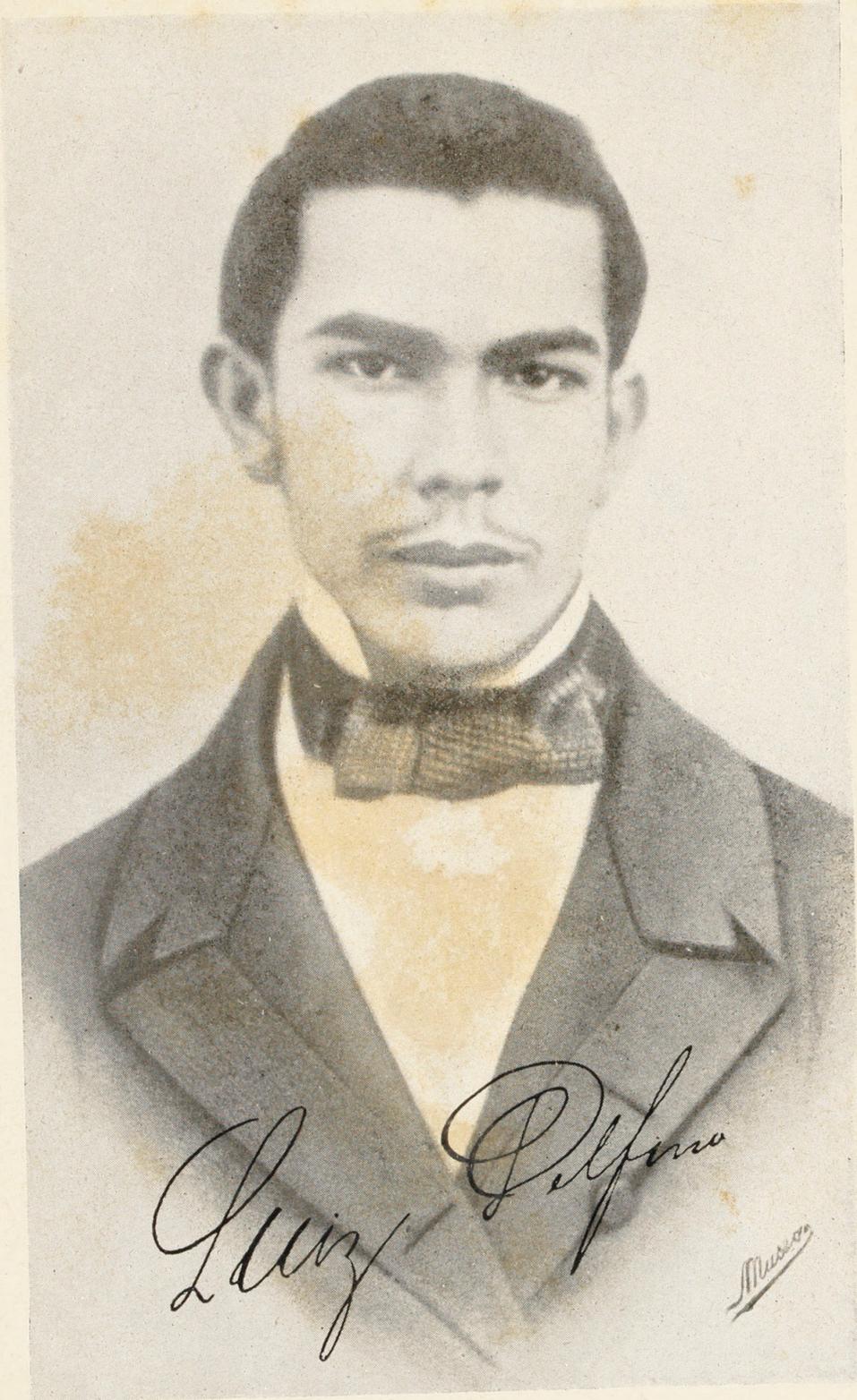
POESIAS  
LYRICAS

MARIO DE ANDRADE

L	II
f	26







Luiz Pelina

Mason

(Aos dezeseite annos)

LUIZ DELFINO

(1834-1910)

POESIAS  
LYRICAS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 24-A — 30

SÃO PAULO

1532

MA  
869,9149  
5349/p

**Do mesmo autor :**

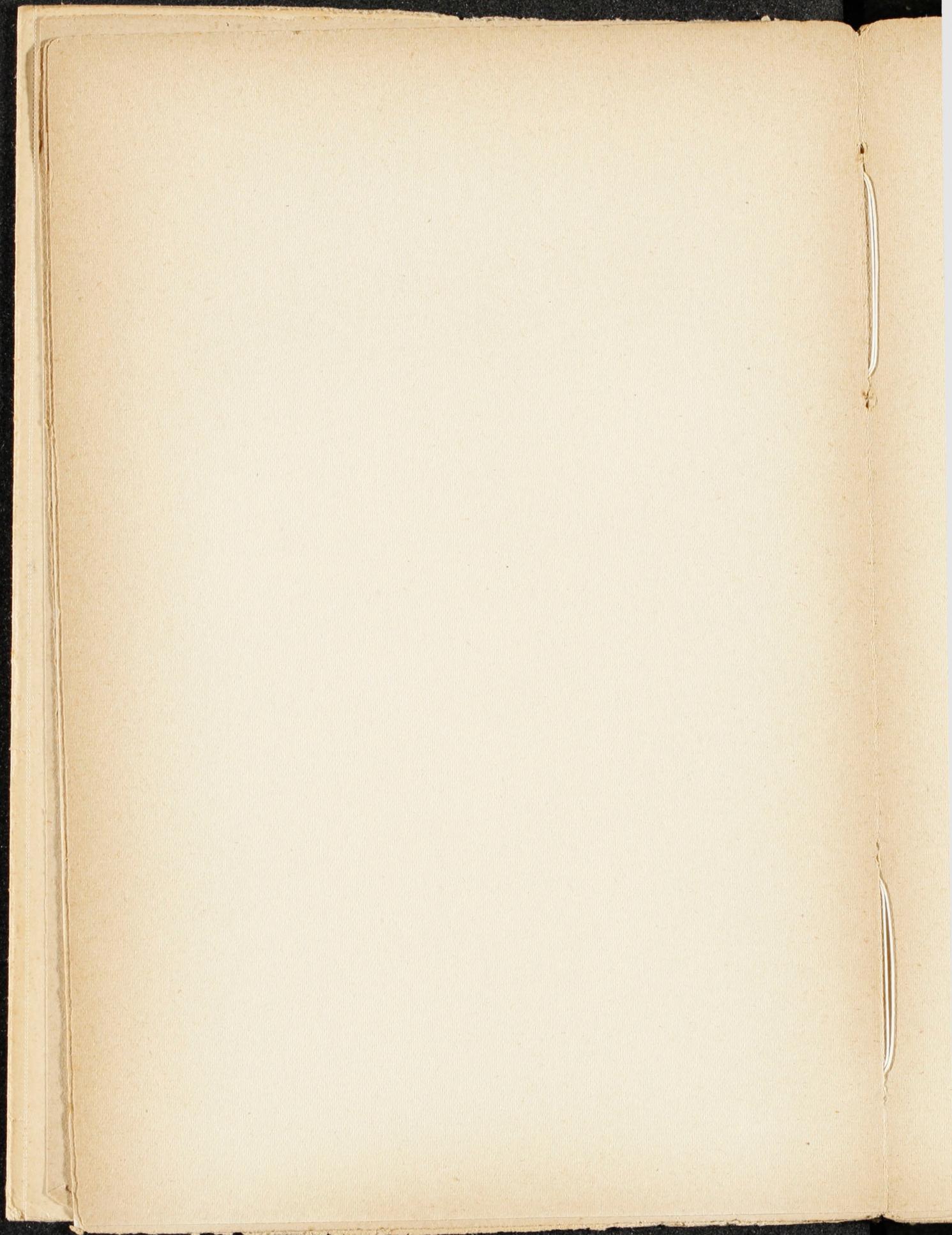
Publicadas :

*ALGAS E MUAGOS* — *Editor: Pimenta de Mello  
& Cia. — Rio.*

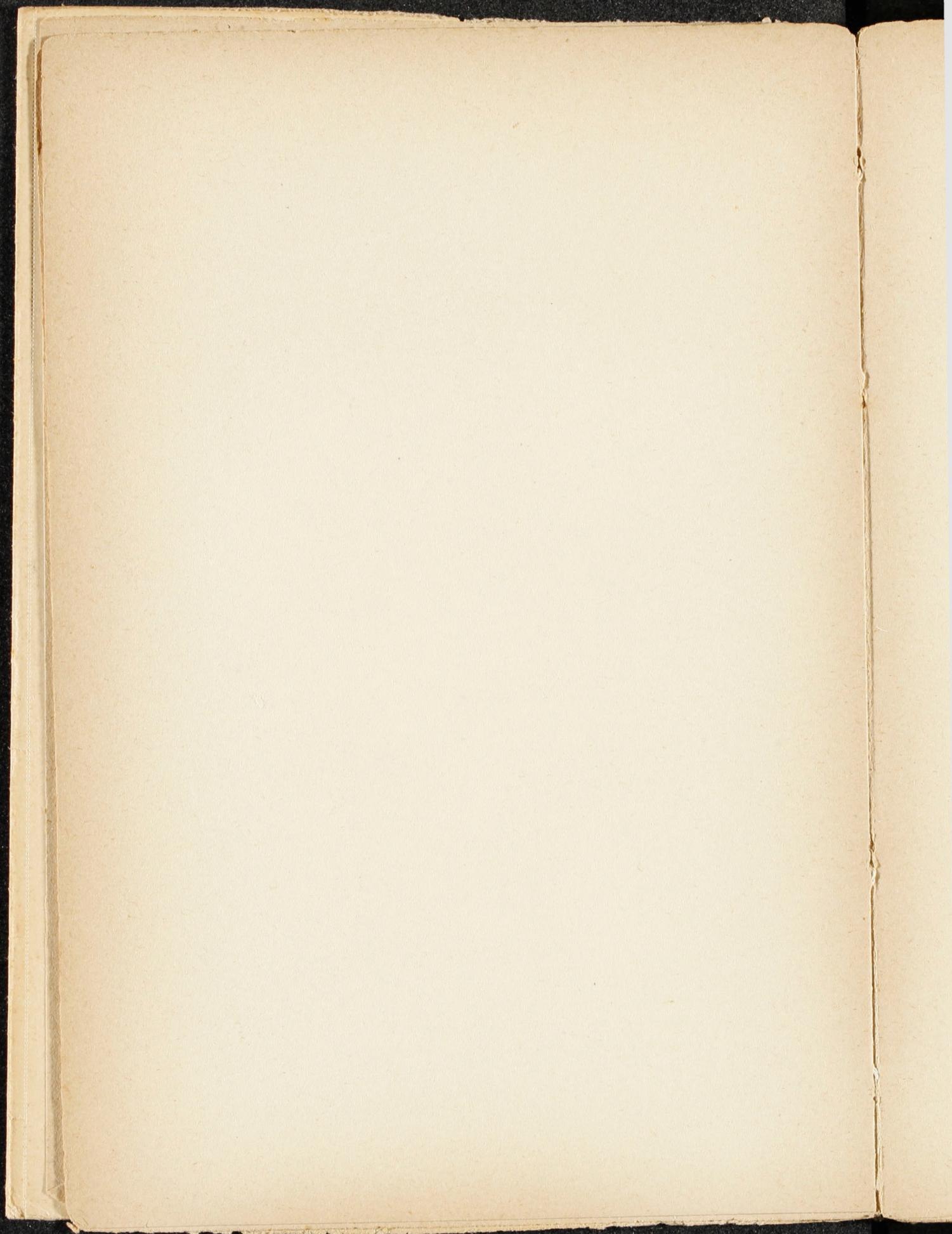
*POEMAS* — *Editor: Jornal do Comercio -- Rio.*

## INDICE

	PAG.
O anjo de minha poesia (1852) . . . . .	7
Historia de um amor (1854). . . . .	15
Origem das nuvens (1854) . . . . .	25
Vingança (1855) . . . . .	39
Amor e dever (1855) . . . . .	59
Hymno de morte (1855) . . . . .	65
Pagina escura (1855) . . . . .	75
Memoria (1855) . . . . .	81
Desejos de viver (1856) . . . . .	87
Desillusões e morte (1856) . . . . .	95
Gritos de um louco (1856) . . . . .	105
Myosotis (1856) . . . . .	113
A flôr do valle (1857) . . . . .	121
A sorte (1857) . . . . .	127
A lampada eterna (1857) . . . . .	133
Não rasgues teu nome (1857) . . . . .	137
Scismando . . . . .	141
A vida . . . . .	145
A Abelha . . . . .	149
O nome . . . . .	157
A ave do amor . . . . .	163
Salve, ó livro . . . . .	175
Aquella tarde . . . . .	181
Crer e morrer . . . . .	187
Palmas e loiros . . . . .	195
Virtus . . . . .	201
Pauperrima domus . . . . .	207



O ANJO DA MINHA POESIA



*Je fus poète alors ! Sur mon âme embrasée  
L'imagination secoua sa rosée,  
Et je reçus d'en haut le don intérieur  
D'exprimer par des chants ce que j'ai dans le coeur !*

BRIZEUX - MARIE

Quando perco num'hora a essencia d'homem,  
Vejo as asas roçar-me de um archanjo,  
    Cahidas pela dôr ;  
Como pomba ferida pela setta,  
Que as brancas asas roça pela relva,  
    Fugindo ao caçador.

Desponta sempre no horizonte d'alma,  
Como entre a noite e o dia a estrella d'Alva,  
    Que triste pranto súa ;  
Vem aclarar-me a morredoura chamma  
De uma vida mal gasta entre a desordem,  
    De oleo quasi nua.

E o morrão a atigar, sempre co' os olhos,  
Como a lua do céu quando gotteja :  
    Inda ás franjas da tarde,  
Uma gotta insensível se desprende  
Que cae sobre o brandão, que mais o apaga,  
    Que então apenas arde.

E as sombras de minha alma se debuxam  
Tristes pelos meus labios, como quadros  
    De lobregos clarões ;  
E quaes brisas casando aos sons do mocho  
Seus ais na aba de um lago : assim tempero  
    Minhas tristes canções.

Perdem-se sempre pelo mar, que as leva,  
Dormem sem vida no regaço occultas  
    De um triste e ermo desvio ;  
Confundem-se co' as ramas de algum tronco,  
Abraçam-se dormentes, mal ouvidas,  
    Co' as vagas de algum rio.

E o homem ? — Pedis embalde á syrte o pranto,  
Os soluços da vaga ! — Se os escuta,  
    E' nos labios sem — ai !  
Vagos sons, que o não movem, vão passando,  
Como aura pelo seixo asas roçando  
    Lamentosa lá vae.

E embalde peço ao anjo dos meus sonhos,  
E da minha poesia — alma afinada  
    Pelas fibras da minha,  
Crendo que ás vezes sobre um brejo infecto,  
Paira a luz de uma estrella abandonada,  
    Da abobada rainha.

Mas a esperança ? — num mirrado peito,  
O que pode sorrir ? — em seus abysmos,  
    Que luz ha-de raiar ?  
Nem a vejo indistincta, como a vela,  
Quasi sombra nas orlas do horizonte,  
    Começando a nadar.

Ah ! se houvesse no mundo por descuidos  
Uma alma de mulher que me entendesse,  
    Sempre candida e pura ! . . .  
E' verdade : — talvez que inda algum dia,  
Transportada minha alma á nova esphera,  
    Me sorrisse a ventura.

Mas a taça esgottei de um jacto enorme  
Da desgraça fatal ! descri do mundo :  
    Meu sonho abandonei :  
Disse então : — quando o mar tornar-se em flôres,  
Em perolas a terra, hei-de no mundo  
    O anjo vêr que sonhei.

Oh ! inda bem, meu Deus, que me o escondeste  
Deste mundo fallaz ! — talvez que louco  
    Por seus mimos gosar,  
Me esquecesse de ti : — foi bom : 'stou salvo !  
Ah ! nunca dês que a virgem de meus sonhos  
    Me venha perturbar.

Então lá quando o véo a noite estenda  
De seu rosto tisonado, — em ti scismando,  
    Urdirei teus louvores,  
Como notas que uma ave aos céos entôa  
De formoso rosal, — entrelaçadas  
    Com o incenso das flôres.

Então quando amanhã o sol erguer-se,  
Como do leito nupcial o esposo  
    A fronte levantando,  
Em vez de ter nos braços apertada  
A mulher, que encontrasse, — as tuas glórias  
    Levarei publicando.

E inda ás abas da noite scismadora,  
Sobre o leito da tarde adormecida  
    Entre sombras azues,  
Que vae á Eternidade caminhando,  
Hei-de enviar-te uma oração piedosa  
    Das plantas de uma cruz.

Bem sei: de mim ha-de zombar o mundo!  
Deixal-o entre illusões! — Quando eu te adoro  
    Da terra respeitoso,  
Tenho as horas mais placidas de um sonho,  
Da vida informe a parte mais formosa,  
    Da terra o maior gôso...

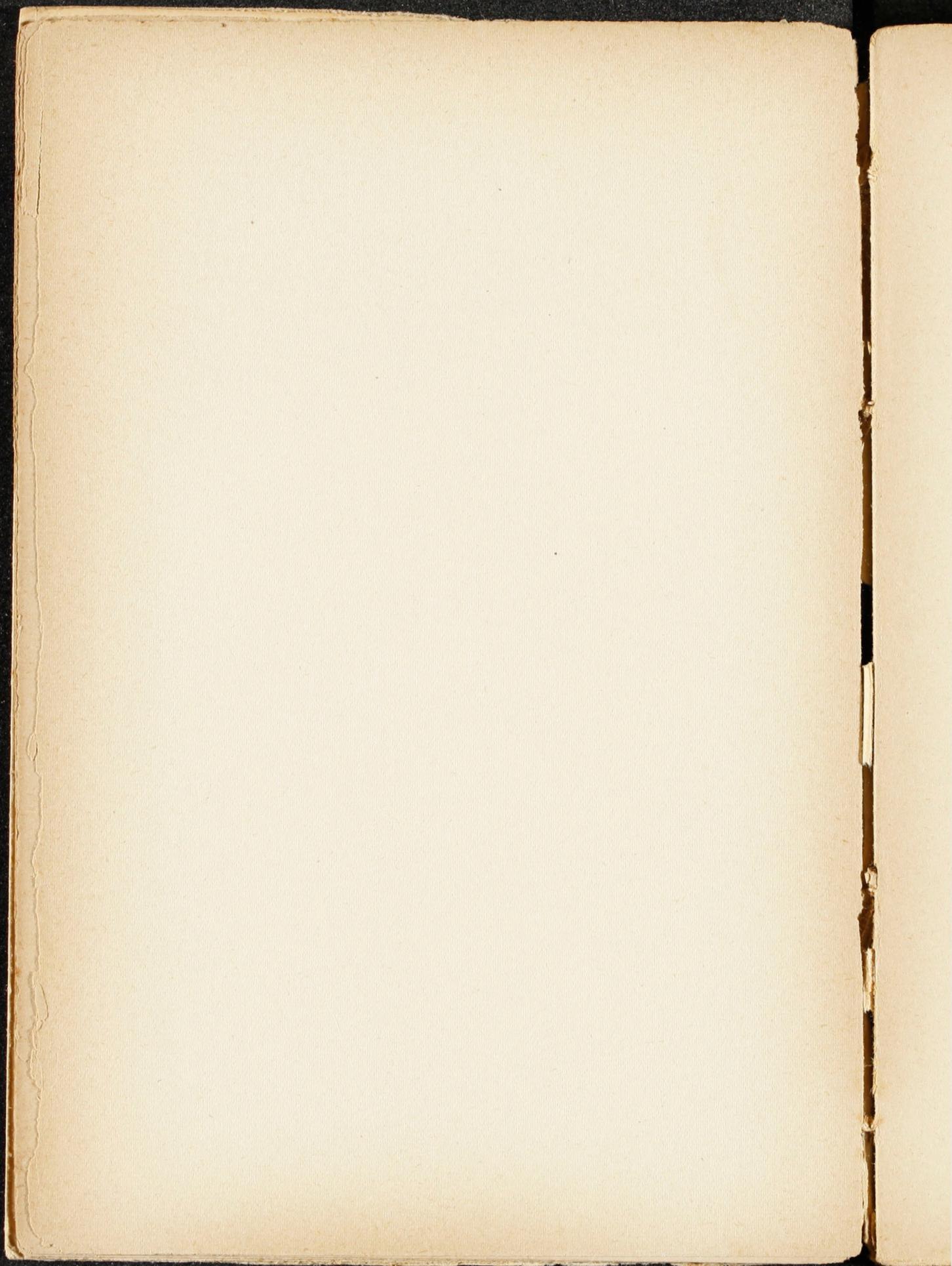
Entretanto minha alma espesinhada  
Do mundo — se dilata, e se sublima,  
    Co' o cauterio da dôr;  
Lampada exhausta, cuja luz parece  
Que em fumo para os céos vae-se elevando  
    Ao templo do Senhor.

Não zombeis, homens, não! — O Eterno é justo :  
Vós ficareis na terra como tochas  
    Mal gastas do tufão,  
E eu irei para os céos antes — que o vento  
Da desgraça gastou, que a vós mais cedo  
    De minha alma o brandão.

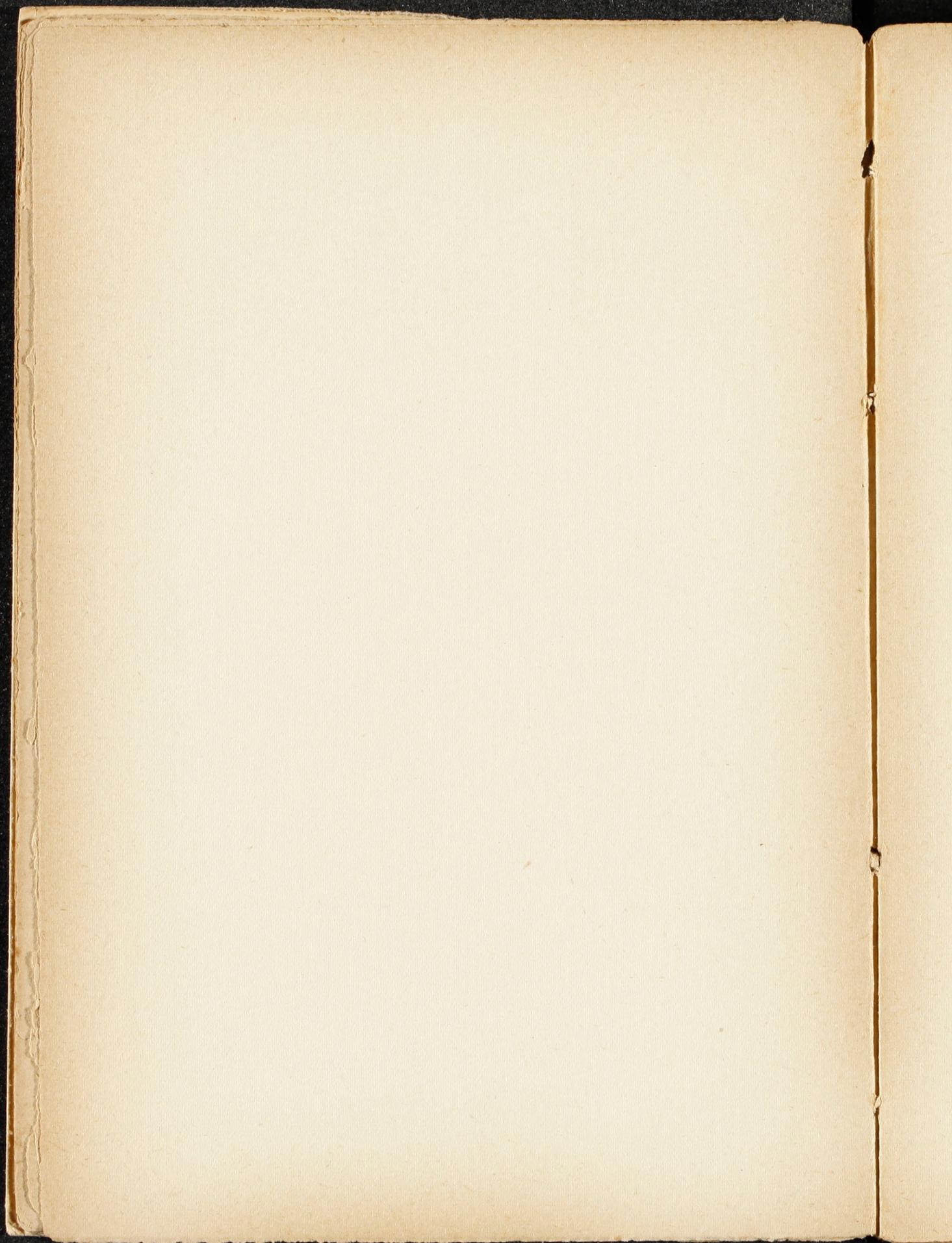
Oh! como é bello já sem crer no mundo,  
Puro como um aroma dos altares  
    Para os céos levantado,  
Esperar o solenne passamento,  
Contra as portas a abrir-se do infinito,  
    Sem sustos arrimado.

E entanto eu canto ; e as notas que derramo  
Como sombras de lampada nocturna  
    Num templo amortecida,  
Tal do brandão vão-se escoando lobregas  
De minha alma já frouxa, já tombada  
    Aos extremos da vida.

E o meu anjo não falta ; e sempre triste  
Vem minha alma roçar co' as deveis asas,  
    Cahidas pela dôr,  
Como pomba ferida pela setta,  
Que as brancas asas roça pela relva,  
    Fugindo ao caçador !



HISTORIA DE UM AMOR



Nesta pagina molhada  
Com uma lagrima de dôr,  
P'ra sempre deixo lembrada  
A historia de nosso amor.

Que queres tu que te eu faça ?  
Achei-o em meu coração :  
Podes chamal-o desgraça :  
Não erras, não mentes, não !  
Este amor, que foi gerado  
De um raio dos olhos teus,  
Pelo destino embalado,  
Talvez maldito de Deus,  
Eu não queria. Não pude  
Nunca a idéa conceber  
De te manchar a virtude,  
Auréola do teu viver.  
Mas disse : — pode-se amal-a,

Sem ella mesmo o saber :  
Vêl-a em sonhos e beijal-a,  
Cahir aos seus pés prostrado,  
Febril, louco, delirante ;  
Pois este amor ignorado,  
Que a mim me fôra bastante,  
Que mal lhe pode fazer ?

Cri eu, ser o mesmo, amal-a,  
Bem como se ama a pintura  
De um quadro, que por ventura  
Cahi sob o nosso olhar.  
Tão baixo estava a miral-a  
No céo tão alto em que a via.  
Que eu a mim proprio dizia :  
— Não ha perigo em amar.  
Ha tanta cousa que amamos  
Sobre este pobre planeta,  
Ha tanta cousa que olhamos  
Sem que um crime se commetta,  
Que a olhar mais docemente,  
Mesmo com certa paixão,  
Ser mesmo um pouco imprudente  
Num terno aperto de mão,  
Quando tinha em minha frente  
Essa sublime visão,  
Esse raio de alegria  
Que dava em meu coração,  
Que dentro d'alma vibrava,  
E de um mysterio a inquietava,  
De emoção a embebecia,  
Que ante essa mulher sublime,  
Ai ! tudo ser bem podia,  
Mas não podia ser crime  
O que fosse admiração.

E puz-me a amal-a. — Gostava  
De olhal-a profundamente :  
Nessa fronte intelligente,  
Que como o céo se encurvava,  
Eu lhe procurava a historia  
Do que dentro se passava :  
Minha fronte merencoria,  
Como vergasta pendida,  
Bebia o calor da vida  
Na vasta chamma, em que toda  
Parecia ella envolvida.  
Era um perfume de roda  
Na nuvem dos seus vestidos !  
Dos seus cabellos compridos,  
Negros, finos, luzidios,  
Sahiam como que rios  
De luz cambiante e cheirosa,  
E sobre a fronte orgulhosa  
Enrolados lhe pousavam.  
Como corôa scintillante ;  
Os seus pés escorregavam  
Sobre o tapete da sala,  
Como os sylphos, que passavam  
Sobre os seus labios sem fala,  
Mas onde se adivinhava  
Na ligeira convulsão  
O accumular-se da lava  
Na cratera do vulcão.

Essa bocca não falava !  
Mas ai ! della o que eu ouvia !  
Era uma eterna harmonia,  
Que minha alma inebriava.  
Já não tinha liberdade  
De fugir ao encanto della . . .  
Era queimar-me á vontade

As asas em luz tão bella...  
Envenenára-me a essencia  
Que seu corpo trescalava ;  
Louco já, sem consciencia,  
Preso ao meu cego desejo,  
Pela morte procurava  
No fundo abysmo de um beijo.  
Ai! eu já me deleitava  
Não sei com que pensamento :  
E depois ? Que me importava  
Esse importuno depois,  
Que fôra talvez mortalha  
Que um mau destino só talha  
Para pôr sobre nós dois.

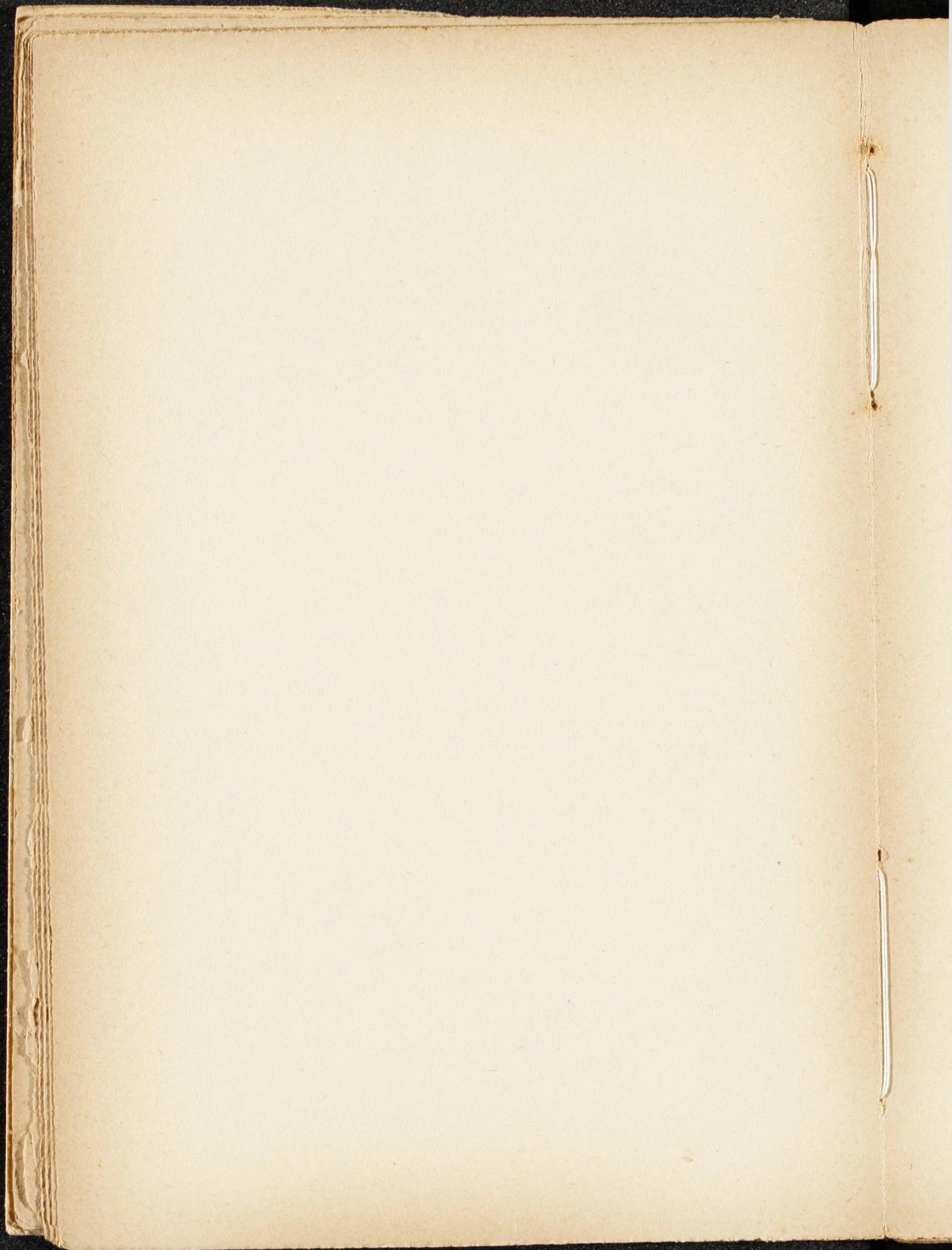
Sobre nós dois ? — Porêem ella  
Tão pura e casta e tão bella,  
Não ! amar-me não devia :  
Nem mesmo amar-me queria...  
Custava-lhe muito... tanto,  
Que a revoltava... — No entanto,  
Quando eu aos seus pés chegava,  
O seu olhar de rainha  
Tão doce se avelludava,  
Tão doce chamma continha,  
Que o rosto lhe illuminava ;  
Que não era illusão minha,  
Tambem ella se alegrava  
De vêr-me, como eu a via :  
Ai! assim de dia em dia  
Surdo incendio se ateava.

Lavrou o fogo... A virtude  
Quasi estalava por fim :  
E nesta batalha rude

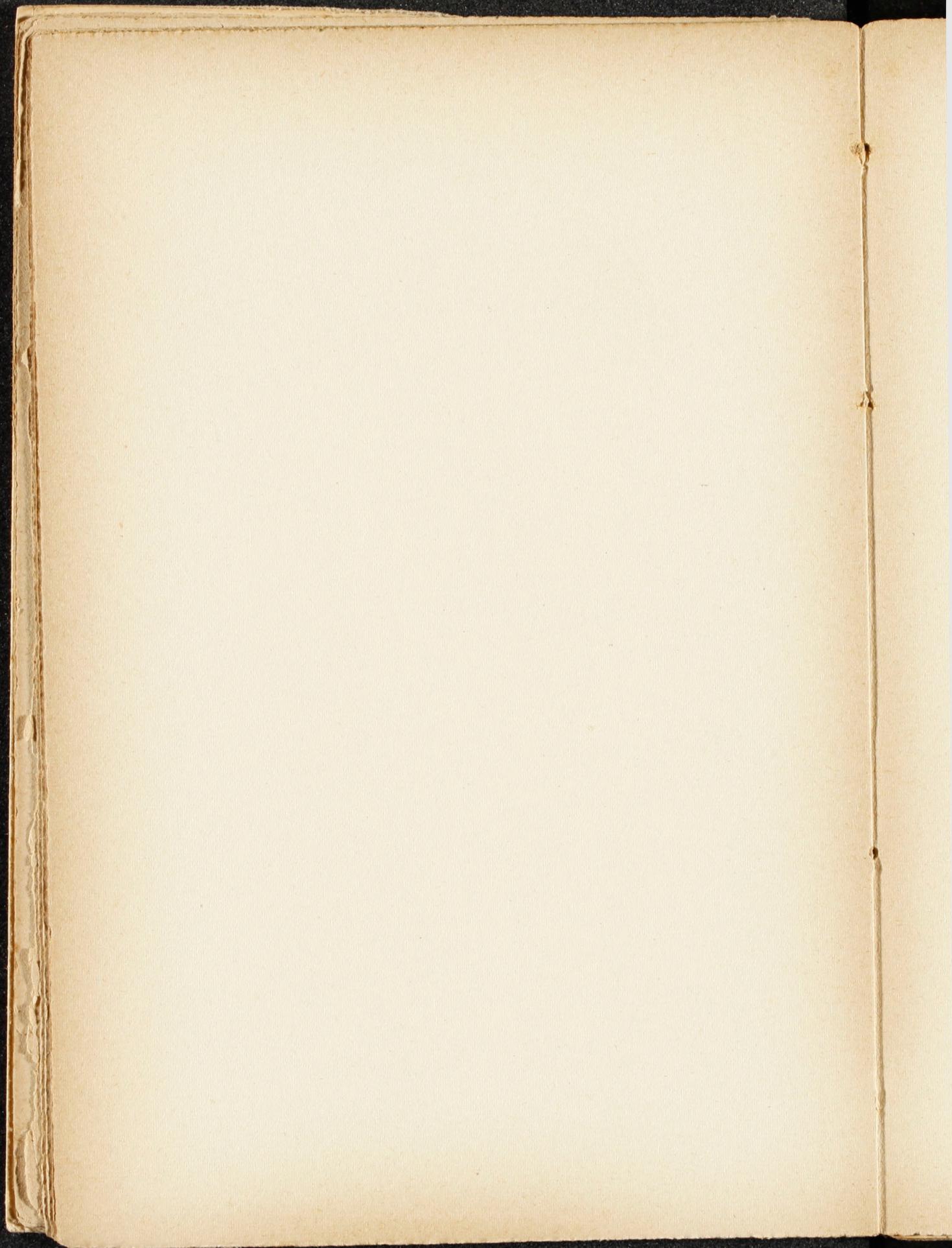
Não sei della, nem de mim.  
Eu sou o mar que soluça  
Na praia, em que se debruça,  
Como esplendida voragem  
Espelhando a sua imagem ;  
Ella é a planta isolada  
Que sobre a praia deixada  
Do vento ao rijo fragor,  
Sobre um arido rochedo  
Nasce, vinga, e cresce a mêdo,  
Dando solitaria flôr.  
Se a tempestade passar  
Na asa de um vento mais forte,  
Pode ella encontrar a morte,  
Rojada ao fundo do mar.

Nesta pagina molhada  
Com uma lagrima de dôr,  
P'ra sempre ahi fica lembrada  
A historia de nosso amor.

---



ORIGEM DAS NUVENS



A um filho das brenhas contando as saudades  
Da taba que tinha deixado, a aprendi ;  
Que linda formosa ! Bem annos passaram,  
Morreu o selvagem : — e eu nunca a esqueci !...

\* \* \*

Um nome soava : rompia um gemido,  
As vagas se abriam, deixavam passar,  
Tão linda !... tão linda !... coberta de aljofares,  
Calçando conchinhas, a Virgem do mar.

Trazia uma lyra, que prata não era,  
Que não era oiro, nem era marfim :  
Mas era uma concha torrada de perolas,  
Nos céos encordoada, de preço sem fim.

Arregaça as roupas, as pernas diaphanas  
Põe uma sobre outra, numa onda do mar :  
Encosta a cabeça nas asas de um zephyro,  
A' praia se chega ; começa a cantar :

\* \* \*

— Nasci nas neblinas das noites de outomno,  
Criei-me nas conchas das aguas do mar ;  
As vagas me davam seu leite de espumas,  
Os ventos me vinham no berço embalar.

Chamava os peixinhos das grutas algosas,  
Myriades delles eis vinham d'além :  
Eu chamo as ondinas, dansando ellas correm ;  
As vagas eu chamo, cantando ellas vêm.

Os ventos trouxeram da lua estas roupas,  
Os ventos trouxeram tambem este véo,  
Tão branco !... tão branco !... da neve mais branca,  
Collida da neve que nasce no céu.

E as vagas, e os ventos, e as castas ondinas,  
E os peixes, que saltam, oh ! tudo me diz :  
— Princeza !... Princeza !... Deus salve a Princeza !  
E eu sendo Princeza me sinto infeliz.—

Duas lagrimas rolam depois pelas faces,  
E os olhos da Virgem se viam pairar  
Num vulto gigante, que a treva encobria,  
Num monte inclinado p'ra as aguas do mar.

## II

Quem era o gigante do throno das rochas ?  
Vivia ? ou scismava ? Que faz elle alli ?  
Um dia, a deshoras, cantando sem cuidado,  
Sem cuidado, a deshoras, cantando eu o vi...

— Nasci, branco orvalho, de um riso da aurora,  
Criei-me saltando num seio de flôr,  
E as flôres me davam bom leite em perfumes,  
E as aves o somno num canto de amor.

As brisas, em bando, formando choreas,  
Nos hombros de sêda me vinham buscar,  
Subindo as encostas das altas montanhas,  
No tôpo das serras lá vão-me pousar.

No tôpo das serras de vez me deixavam,  
Me deram uma lyra de ferro e marfim :  
Vesti-me de sêdas, coroci-me de nevoas,  
De aljofaresinhos calcei borzeguim.

Depois os perfumes subiam da terra,  
As aves lá iam, lá mesmo cantar :  
A voz das florestas tentava epinícios,  
Cantava-me idyllios a sombra do mar.

Firmado é meu throno nas rochas dos montes,  
E as selvas e os montes acclamam-me rei :  
— Feliz, bradam todos, feliz teu reinado !  
Olhei para as aguas scismando, e chorei !...—

## III

E a turba descrida, que o via de longe  
Na rocha, que entesta num céu nevoento,  
Dizia : — E' uma nuvem, que corôa o rochedo ;  
Os cantos, que ouvimos, são da asa do vento. —

E o Bardo dos Montes, no tôpo das serras,  
Em cima das rochas scismando vivia :  
Coitado ! de uma harpa de cordas de ferro  
Só maguas tirava : só maguas sabia.

\* \* \*

E a Virgem das Aguas nas praias boiava,  
E os alvos vestidos rasgavam-se ao vento :  
E os negros cabellos de pé sobre a fronte  
Brincavam com as brisas de um céu pardacento.

E á vez encostada num leito de nevoas,  
Com a face tocada da poeira das aguas,  
Com os olhos banhados da luz das estrellas  
Tocava... eram hymnos ; cantava... eram maguas...

E a turba descrida, que a via sentada  
Num leito de nevoas, além a vagar,  
Dizia : — E' uma nuvem, que boia nas aguas :  
Os cantos, que ouvimos, vêm d'agua do mar. —

\* \* \*

E o Bardo dos Montes de pé sobre as rochas,  
Cantando ou chorando, scismando vivia :  
E a sombra gigante no throno das vagas,  
Penhascos de prata, pairando se via.

E a Virgem das Aguas tão louca !... tão louca !...  
Vagava sem tino nas aguas do mar ;  
E ás vezes á praia chegava, e sorria,  
Seltava uns soluços, tornava a chorar !...

E um dia, era cêdo, e o sol não brilhava...  
Do throno dos montes o Bardo sahia,  
Os troncos vergando da umbrosa montanha,  
Com trêmulos passos á praia descia.

E os olhos ao longe, movendo piedade,  
Pairavam nas aguas de imperio sem fim,  
E os dedos corriam nas cordas de uma harpa,  
Que os ventos lhe deram de ferro e marfim.

\* \* \*

E a turba descrida, que ao longe passava,  
O Bardo dos Montes ouvindo cantar,  
Dizia : — Que nuvem que boia na praia !  
Que vagas que gemem na praia do mar !—

## V

— Habito nos Montes, ó Virgem das Aguas :  
Em cima das rochas bem annos vivi :  
Scismando, cantando, chorando, morrendo...  
Morrendo... morrendo... morrendo por ti.—

E o Bardo a procura, quer dar-lhe um abraço ;  
E a Virgem das Aguas sorriu e chorou !  
Tão louca ! tão louca !... fugiu para os mares ;  
Correu sem sentidos : — scismou e voltou.

— Eu vim das montanhas, Princeza das Aguas,  
Por ter-me cansado de tanto te olhar :  
Tem pena, não fujas do Bardo dos Montes ;  
Tem pena, Princeza das Aguas do Mar !

Princeza, não fujas ! Não vês ? E' tão frio  
O vento da tarde ! tão humido o céu !  
Tem pena do Bardo : sim ! nega-lhe os risos,  
Mas lança-lhe ao menos as pontas do véo.

Vem, sabe : em meu peito, lá dentro, ha um vaso :  
Na terra, que o enche, nasceu uma flôr :  
Se ao menos da morte, que morro, a salvasses ? !  
Ah ! salva um raminho do ramo de amor !

Os ventos buscavam meu leite nos astros ;  
As flôres me davam seu leite a beber :  
As aves meu somno, cantando, embalavam...  
Mas salva um raminho, que eu posso morrer.—

E o Bardo dos Montes os braços estende ;  
E a Virgem das Aguas sorriu e chorou :  
Tão louca !... tão louca !... fugiu para os mares ;  
Correu sem sentidos : — scismou e voltou.

— Firmei o meu throno nas rochas dos Montes,  
Sepulcro p'ra um morto na praia encontrei :  
Sem ti, ó Princeza, viver não podia ;  
Sem ti, ó Princeza, sem ti morrerai.

Os ventos dos Montes buscar-me-ão ás praias :  
As flôres ás praias vir-me-ão perfumar...  
As aves o somno da morte acalentam ;  
Chorando, soluçam as vagas do mar.—

E o Bardo dos Montes os braços estende,  
E a Virgem das Aguas sorriu e chorou !  
Tão louca !... tão louca !... fugiu para os mares...  
Correu sem sentidos : — scismou e voltou.

— Os ventos buscavam meu leite nos astros,  
As flôres me davam seu leite a beber,  
As aves meu somno, cantando, embalavam :  
Comtudo em meus reinos não pude viver...

Gemendo, cantando, chorando, morrendo,  
Em cima das rochas bem annos vivi :  
No leito das vagas me deixas chorando.  
Cantando, gemendo, morrendo por ti...—

E o Bardo dos Montes os braços estende,  
O extremo suspiro da vida a exhalar,  
Luctando com as trevas nas vascas da morte,  
Os seios encontra da Virgem do Mar.

— Não morres, ó Bardo do reino dos Montes,  
Exclama a Princeza das Aguas do Mar,  
Teu peito é mais firme que as rochas das praias,  
Vem pois em meus reinos commigo reinar.—

E o Bardo dos Montes a aperta em seus braços,  
E em leito de nevoas deitados lá vão :  
Tão loucos!... tão loucos!... chorando e sorrindo,  
Chorando e sorrindo de louca paixão...

Estalos de beijos, saciar de desejos,  
Esvoaçar de avesinhas por entre a espessura,  
Que a Virgem das Aguas salvou uns raminhos,  
E um bosque fez d'alma de immensa ternura.

E o Bardo exclamava do throno das vagas :  
— Foi morte por morte ; do peito ao calor,  
Não morro gelado do frio do vento,  
Mas morro queimado do fogo do amor...—

## VI

E o Genio dos Arcs um dia passando  
Com roupas de neve deixadas ao vento,  
Os olhos dois astros, radiando entre nuvens,  
As tranças fluctuando num céu somnolento ;

Num carro de prata tirado a ginetes,  
Que ao céu, invisíveis, passando a galope,  
Levavam o Genio á casa das fadas,  
Que habitam das serras as selvas do tope,

A Virgem das Aguas encontra... tão linda !  
Lhe cae pela espadua seu candido véo.  
Tem roupas de noiva mais brancas que a neve :  
Crê vêr a Princeza das fadas do céu.

Enfreia os ginetes, que espumam raivosos,  
Por cima das Aguas, convulso, parou :  
Trocou uns olhares de fogo com o Bardo :  
Espada de raios do lado arrancou.

— Além das estrellas subi muitas vezes,  
Perdi-me em caminhos dos reinos de além,  
Em busca das fadas cansei meus ginetes :  
Olhava... desertos ! — Buscava... ninguém.

Com letras de fogo gravei nos meus paços,  
Que bordam estradas, que conta não têm :  
— Gentil peregrina, que vens d'outros mundos,  
Recebe poisada, — não passes além.

Bem vinda ! Bem vinda ! de além desses reinos,  
As fadas occultas só andam ? — pois diz.  
Formosa estrangeira, vem dar-me estas novas :  
Gentil peregrina, onde é teu paiz ?—

E a Virgem das Aguas sorrindo se volta :  
No gesto e sorriso lhe esmaga a illusão :  
Nos labios do Bardo pipitam sorrisos,  
Que adejam, como aves, que más novas dão.

Contendo-se o Genio, lhe torna sereno :  
— Não tenhas receio ; que mal eu te fiz ?  
Gentil viajora, vem dar-me boas novas :  
Mimosa estrangeira, onde é teu paiz ?—

— Quem és tu ? — De iroso, voltando-se o Bardo  
Ao Genio dos Ares, se exalta ac bradar :  
— Eu tenho o meu throno nas rochas dos Montes :  
E Ella ? o seu throno nas vagas do mar.—

E o Genio dos Ares, tornou com desprezo :  
— No throno o Coluro tão só me sustem :  
O sol é meu leito ; — meu paço as estrellas,  
O reino, onde impero, limites não tem.—

— E eu tenho o meu throno nas rochas das serras,  
E Ella o seu throno nas vagas do mar :  
Esposa e Princeza do Bardo dos Montes !—  
O Bardo dos Montes lhe torna a bradar.

Esbarra entre os dentes... tonteando esmagado  
Mal roda sem asas um ai de improviso !  
Estalam gemendo do peito as cavernas :  
Nos labios manqueja sinistro sorriso :

— Desprezo a um cobarde : vae, torna aos teus Montes,  
Meu mais vil escravo mais reinos domina :  
Vcltemos á Patria, graciosa estrangeira ;  
Os céos vos esperam, gentil peregrina.

As negras cortinas da noite se entreabrem,  
Se funde o meu leito num mar de fulgor :  
A voz de minha harpa dá voz ás tormentas :  
São meigos... são bellos meus cantos de amor !

Ah ! linda Rainha, vem ; deixa as tuas Aguas,  
Escravas incautas sorrindo aos tuões :  
Descalças ondinas, se as plantas de prata  
Descuidam da areia, lá acham grilhões...

Além das Montanhas, que dormem na terra,  
As aguias se elevam, se eleva o condor :  
Do céo, onde impero, só passa exaurido,  
Algum pensamento de Deus e de Amor !

E' tarde ! voemos : as noites convidam :  
A' beira da estrada commigo amanhã  
Terás o Deus salve da Aurora que passa,  
A' porta sentada da minha Aldebran.

Ao verem-te as aves dos ares diziam :  
— Andar, Peregrina ; caminha, caminha :  
Agora cantando, dirão, se te virem :  
— Tão linda ! Deus salve, Deus salve a Rainha.

As vagas chorando no fundo das Aguas  
Dirão de despeito : — Quem toi que a mandou ?  
A linda estrangeira, por ser muito linda,  
Se foi peregrina, Rainha ficou.

Mas... brilham meus paços : as lampadas ardem ;  
E' noite, estrangeira : partamos p'ra além :  
Não temas espaços : é tarde ! partamos :  
Eu tiro das redeas o teu palafrem.—

\* \* \*

E a Virgem das Aguas, olhando o seu Bardo,  
Montada bradava do seu palafrem :  
— E' noite, partamos, fujamos do Genio :  
E' noite : fujamos p'ra as bandas d'além.

Sus ! Bardo : al não penses : vingemos espaços ;  
Não luctes : és Bardo, e elle é Paladim :  
Tem elle uma espada forjada de raios,  
Tu tens uma lyra de ferro e marfim.—

— Tem elle uma espada forjada de raios :  
Eu tenho uma lyra de ferro e marfim.  
Não 'stás ao meu lado ? — Que importa um cobarde ?  
Dão brenhas de loiros combates assim.—

— Tu teimas leval-a, reizinho das Rochas ?  
Pois toma esta espada, se queres lutar,  
Irmã desta minha, forjada de raios :  
Mas... olha, que os Bardos só sabem cantar.—

— Gigante soberbo, rei d'altos imperios :  
Eu sou um reizinho, não temas de mim :  
Tu és orgulhoso e orgulhes eu tenho :  
Dão brenhas de loiros combates assim.—

— Sus ! lucta... urge o tempo... Gentil peregrina,  
Por cima das Aguas lá geme Alcyon :  
O' Bardo dos Montes, as aguas de Mergui,  
Princeza, nem sempre tem junto um silong.—

\* \* \*

E o Bardo dos Montes com o Genio dos Ares,  
Olhares de fogo, raivando, trocou ;  
Espadas e lyras encruzam nas trevas :  
Os golpes trovejam, o sangue jorrou...

E a Virgem das Aguas, tão louca ! tão louca !  
Ao lado do Bardo procura um lugar :  
Não tendo uma espada forjada de raios,  
— Eu te amo, — dizia, mais para o animar.

## VII

E o sol no outro dia doirava as montanhas ;  
Vagavam ginetes dispersos no ar,  
E os restos de um carro perdidos nos montes,  
E um corpo estendido nas aguas do mar.

Um corpo diaphano, immenso fluctuante,  
Suspenso, impalpavel, phantastico ser,  
Que o vento ao seu grado num sopro arrastava,  
Imbelle, vazio, sem fôrça ou poder.

E as turbas buscavam nos montes a espada  
Dos céos esgarrada, de enorme extensão ;  
Só viram penhascos, quebrados, rolados,  
Uns troncos queimados, e cinzas no chão.

E o Bardo dos Montes, e a Virgem das Aguas  
Num leito purpureo dormiam no céu,  
E os raios douravam, e as brisas brincavam  
Com os lençóes de neve, e as neves do véo.

\* \* \*

Vagavam sem tino depois vencedores  
No céu sem limites, no reino do Ar,  
No throno das rochas, em cima dos Montes,  
No throno das vagas, em cima do Mar.

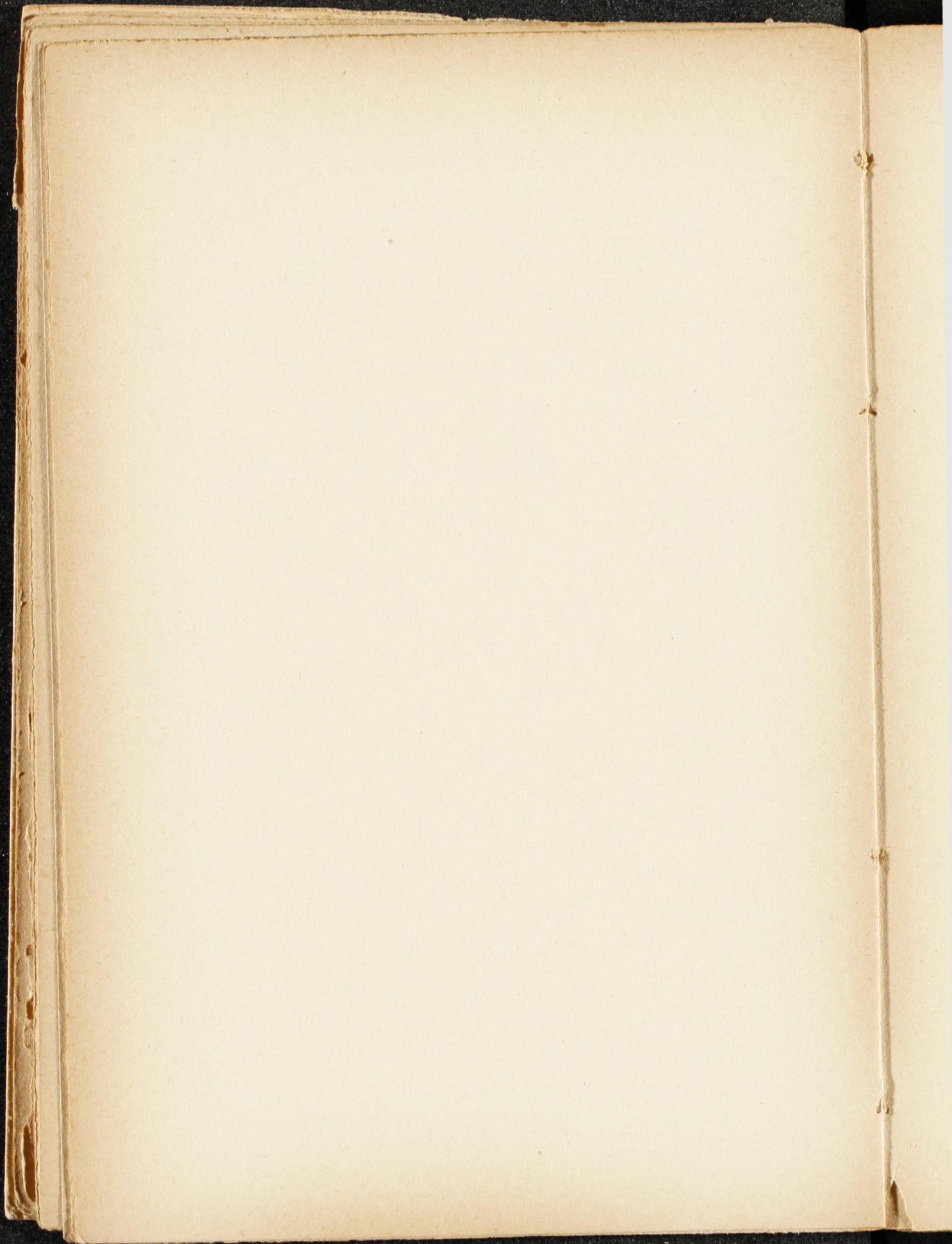
Talvez que morressem de muitas loucuras !  
E as nuvens que sempre costumam boiar  
No Monte e nas Aguas são restos dispersos  
Do Bardo dos Montes, da Virgem do Mar.

\* \* \*

As cousas, que eu conto, contadas nas brenhas,  
Contadas, cantadas por Bardos da Grei,  
Em creança as ouvia, se são verdadeiras...  
O Indio dizia, serão... eu não sci.

---

VINGANÇA



*Sentite de Domino in bonitate.*

LIBER SAPIENTIAE

*Trist! esparant lo be que desig veure.*

FRA ROCABERTI — *Comedia de la  
gloria d' amor*

Rustica choça de palmar coberta  
Além na base da montanha vedes ;  
O musgo e a relva cobrem-lhe as paredes :  
Crê-se que a choça o mesmo chão brotou :  
Por cima della ergue-se a montanha  
De negras rochas funebres coroada ;  
E alli jaz como pedra derrocada  
Que a procella do pincaro arrancou.

Parece a choça vegetar ; — parece  
Rocha de musgo e de hervaçal coberta.  
Oh ! é medonha está mansão deserta,  
Que um mar de bronze aos pés fervendo tem !  
A longa praia de areal luzente  
Em longas curvas por além se perde,  
E pelas malhas da cortina verde,  
Que estende o manto em flôr, a custo a vêem.

Pelos buracos das paredes rôtas  
A debil luz, em gottas mil, transuda :  
Tremem... vacillam... Cada gotta muda  
D'aquí p'ra allí... e ainda... inda outra vez :  
Parecem um milhão de pyrilampos  
No giro eterno, pelo matto ardendo :  
E o palhal, entre a relva se encolhendo,  
Olha por entre a lobrega nudez.

Um panno negro, fixo, estendido  
Forra o céu, franja-o todo, e cae no oceano :  
E além... como um buraco nesse panno,  
Pallida a lua — quasi immovel — jaz.  
Dragão de bronze de escamoso tergo  
Meio encostado no seu leito enorme  
Ruge... mas baixo : — ronca... sim !... mas dorme :  
E ainda o somno seu terror nos faz.

De vez em quando agita-se a floresta :  
O horror das trevas atravessa um grito...  
E sentado na base de granito  
Volta ao silencio o bosque secular.  
Mas outros gritos outra vez resôam !...  
E ainda outro mais agudo e horrendo ? !...  
— O vento passa, o bosque está mexendo,  
E o bronzeo tronco está rolando o mar.

No galho verde — sob a rama e a copa —  
Por entre as folhas encontrou-se um ninho :  
Diz um ao outro... — Eram dois : baixinho,  
Não rumorejes, sahirão de lá ;  
Vamos vêr os mimosos passarinhos... —  
Pé num nó, outro em cima, a mão num galho,  
Furtando a fronte ao gottejar do orvalho,  
Comsigo um delles sobre o tronco dá.

Afasta as folhas ; quebra os galhos ; rompe  
Dedos e mãos na ponta dos espinhos ;  
E não encontra os lindos passarinhos,  
Que elle julgou naquelle ninho haver ;  
Assim mancebo de cabellos negros,  
E olhos, que enchem de luz a tez morena,  
A' choça verde se chegou com pena  
Que vinha o pae já velho á choça vêr.

Bate : — ninguem responde. — A porta quebra,  
Entra e volta, e procura, e fala, e grita...  
Sómente a luz da alampada se agita,  
Ante um pequeno nicho aberto — a arder.  
Sae : vae longe... Voltou : mas nada. — Torna ;  
Na curva praia precipita o passo ;  
E enquanto a voz plangente rasga o espaço,  
Hirto, louco de dôr vòa a correr.

No entanto pelos rombos das paredes  
A debil luz em gottas mil transuda ;  
Tremem... vacillam... Cada gotta muda  
D'aqui p'ra alli... e ainda... inda outra vez.  
Parecem um milhão de pyrilampos  
No giro eterno, pelo matto ardendo :  
E o palhal, entre a relva se encolhendo,  
Oiha por entre a lobrega mudez.

## II

*Este cadáver, que habla  
Por la boca de una herida...*

CALDERON DE LA BARCA — *La vida es sueño*

Cadaver hirto atravessando o espaço,  
Crê-se que asas phantasticas distende!...  
Mas quem no vôo rapido o suspende,  
Como uma setta, que num tronco entrou?  
E como a setta, que vacilla, dando  
Na immovel rocha, e quebra-se e recúa,  
Por que elle inclina ao chão a fronte nua,  
Como uma setta que no chão tombou?

Dissereis — na carreira delirante,  
Que o monte e o bosque e o mar atravessára,  
Se o monte e o bosque, e o mar elle encontrára,  
Sob os pés, que engoliam céu e chão.  
Que mão de ferro lhe agarrando a coma,  
O transtormou em subito rochedo,  
Talhado como um homem que tem medo,  
Que curva o tronco, e ao espaço estende a mão?...

Como um despojo de naufragio humano  
Dos vagalhões á praia arremessado,  
Immovel, mudo, o labio descerrado,  
Como quem grita ainda a extrema vez  
Jaz... eu treme em dizer, treme elle em vê-lo!...  
Porêm a vaga, que até 'li volteia,  
— Niveo lençol do morto, a branca areia  
Levanta... E' o pae!! e em horrida nudez.

Mas as feridas com abertas boccas,  
Por onde o sangue negro ferve e espuma...  
Mas as feridas bradam cada uma  
O que elle mesmo no morrer bradou...  
Preso o espirito ao corpo, oscilla e treme:  
Mar grande — a eternidade — além se estende:  
Fragil cadeia — a vida — á praia prende...  
O vento passa... e no passar quebrou.

Por muito tempo immovel o mancebo  
— Anjo na lagea tumular plantado —  
Marmoreo, mudo, feio, descorado,  
Não vacillára em que tremesse o chão!  
Não volve os olhos; não remexe os labios!  
Jaz transformado em subito rochedo,  
Talhado como um homem que tem medo,  
Que curva o tronco, e ao espaço estende a mão.

## III

*Al pianto or s'abbandona.*

G. BORCHI — *Inni*

Ruge... mais alto ruge...  
Mais alto... — é já bramido!  
Como dragão ferido,  
Retorce a cauda o mar;  
Açoitá a praia, e volta  
O corpo enorme e horrendo,  
E o dorso destorcendo  
As garras lança ao ar.

O corpo de serpente  
Estende a tempestade ;  
E enche a immensidade  
O enorme vulto seu ;  
As asas coruscantes  
Do mar na face bate :  
Horrisono combate  
Começa o mar e o céu.

Na base de granito,  
A matta além suspensa,  
Desata a sombra immensa  
Do vulto colossal :  
E o ulular rouquenho  
Dos troncos sacudidos  
E' um dos mil rugidos  
Da voz do temporal.

Com os brados repetidos  
Que o céu e o mar despenha,  
No socco aquella penha  
Começa a estremecer :  
Dos olhos do mancebo  
O pranto já fluctúa :  
Com um doce raio a lua  
Do leito o vem colher.

## IV

*Le preme il cor questo pensier...*

ARIOSTO — *Orlando furioso*

Detraz desse falar é como estatua  
Por entre raras folhas de arvoredos,  
Onde um raio de luz do céu bem vindo  
Bate... recua... torna, e fere a medo.

Assim o anjo da morte está rojando  
A asa esplendente sobre o negro ossario,  
E da luz um a um ferem-lhe os raios,  
Emquanto o vento açouta o lampadario.

A noite entorna a sombra e nella o envolve ;  
Da frente a lua quebra-lhe o negrume ;  
E a mortal pallidez sorri das trevas  
No mudo desespero de um queixume.

Molhada a face de marfim... rutila :  
Véu de lagrimas foi ; já não pranteia :  
— Assim a vaga, que do mar não volta,  
Deixa d'agua ensopada a branca areia.

Mas como a brisa, que passando toca  
Com a ponta d'asa o lago adormecido,  
Ou como o vento, que a lanugem branca  
Do cysne eriça... e ouve-se um gemido ;

Ou como o aroma, que desata o incenso  
No crepitar da chamma, que o devora :  
O moço treme e ao labio o canto salta,  
E o céu, e o mar, e a terra, e o bosque chora.

— Deus santo, tres vezes santo,  
Deus, que meu pae amou tanto,  
Deus, que tudo podes só ;  
Este cordeiro immolado  
Deve ser-te consagrado :  
Ai ! o sangue derramado  
Lava d'alma o lodo e o pó.

— Deus, que guias do oriente  
Em uma carreira ardente  
O sol, que vibra tua mão,  
Como a flecha despedida,  
Que abre no céu a ferida.  
Que escorre o sangue da vida  
Nas veias da criação :

Deus, que misturas as tintas,  
Em que as varias scenas pintas  
Das obras da immensidão,  
E que, á voz do passarinho,  
Desces do céu a um raminho,  
E o teces no proprio ninho,  
Como o oiro o tecelão :

O' Deus, que um rude madeiro  
Ergueste de medianeiro  
Entre ti e o peccador . . .  
Salva a tua creatura :  
Do crisol da sepultura  
Tira esta alma limpa e pura  
Ao fogo do teu amor.

Deus, no Golgotha cordeiro,  
Que as santas iras primeiro  
Trovejaste do Sinai...  
Deus, fé, clarão, esperança!...  
Eu tenho em ti confiança;  
Brada este sangue vingança:  
Dá-me vingar o meu pae.

Deus, sobre a victima embora  
Caia então na mesma hora!...  
Mesmo aos pés do tremedal,  
Um riso na bocca airosa  
— Orvalho em botão de rosa —  
Tem inda a estatua mimosa  
Cahida do pedestal. —

## V

*Oh! andae; quem vos detem?*

GIL VICENTE — *Auto da Alma*

Depois sereno o moço sobre a praia  
— A um raio do luar —  
Cavou a areia e o pae deitou na cama,  
Mesmo á beira do mar.

E ululante, terrível, passa ao longe  
Rugindo o furacão!  
Como as cordas de uma harpa dedilhada,  
Cada vaga estalava repuxada  
Do vento á ferrea mão.

Oh! que é sublime o quadro em que a tormenta  
Por em tórno moldura :  
Brame o mar, brame o vento, brame o bosque,  
Brame o céo, que fulgura.

Sómente a lua, um raio atravessando  
Por nuvem negra e basta,  
Vem feril-o no humido semblante,  
Na frente sobre o peito vacillante,  
Como debil vergasta.

E ao longe pelos rombos das paredes  
A debil luz em gottas mil transuda :  
Tremem... vacillam... Cada gotta muda  
D'aqui p'ra alli... e ainda... inda outra vez...  
Parecem um milhão de pyrilampos  
No giro eterno pelo matto ardendo :  
E o palhal, entre a relva se encolhendo,  
Olha por entre a lobrega mudez.

Vae lento e lento procurando a choça  
O mancebo... Parou :  
Humana voz de moribundo naufrago  
O espaço povoou!...

## VI

.....golfo de agua  
Han de ser tu sepultura  
En monumentos de plata ;  
Mal hiciera en darse al mar,  
Quando soberbio levanta  
Rizados montes de nieve,  
De cristal crespas montañas.

CALDERON DE LA BARCA — *La  
vida es sueño.*

Socorro !... E o mar revoltoso,  
Negro !... negro !... a horripilar !...  
Dragão que ousa com as asas  
Do céu a face açoutar :  
Vem apenas um gemido,  
Como um queixume perdido,  
Entre as vagas confundido,  
Gemer ás praias do mar.

Socorro !... e a voz delirante  
Nas costas das ondas vem :  
Quebram-se as ondas na praia,  
E a voz quebra-se tambem.  
Vento rijo : mar fremente,  
Onde a morte mostra um dente  
Branco em cada vaga algente...  
Quem vae tental-o ? — Ninguem.

Fôra uma lucta de loucos,  
Sem uma luz de esperança...  
Ninguem... ninguem se abalança...  
Ninguem salvá-o ousará.  
Mas se fôr... será vencido  
Sem combate, sem ruido :  
Um grão de areia cahido  
No fundo do mar será.

As ondas quebram-se, frangem  
Com grande horror ao cahir ;  
E como as fronteiras da hydra,  
Tornam de novo a surgir :  
Os raios precipitados  
Reunem brados aos brados !...  
Nesta noite aos naufragados  
Deus... Deus só pode acudir.

Socorro !... E a vaga esmagada,  
Como que soluça um ai !...  
Sobre a praia as roupas deixa,  
Sobre o mar um corpo cae.  
Quem ?... — O orphão !! — Desgraçado !...  
Vae mancebo condemnado :  
Teu juramento é quebrado :  
Não vingaste inda o teu pac.

Vae morrer... vae, louco, morre !  
Tens bem grande sepultura :  
Teu sudario é treva escura,  
E' teu coveiro o bulcão.  
E a sombra de um pae ferido,  
Ha-de ir bradando-te ao ouvido :  
— Maldição, filho esquecido !  
Oh ! maldição ! maldição ! ? —

## VII

..... *quum littora fervere late  
Prospiceres*.....

VIRGILIO — *Enéida*

Silencio!... O mar de ferro derretido  
Na amplissima caldeira  
Chiar parece, e fumegar ao fogo  
De imprevista fogueira.

Calmou-se o vento. — Aos mil e mil os raios  
A trovoadá ateia :  
E cada vaga em surdo e horrendo grito,  
Como um muro de bronze, ou de granito,  
Derroca-se na areia.

## VIII

*In conspectu suo.*

REGUM LIBER

Velho Titan formidável,  
Ao clarão da tempestade  
Tens escripta a eternidade  
Nas rugas da fronte audaz :  
As vagas, em que te enleias,  
São como as grossas cadeias,  
Que sacodes nas areias,  
E que não quebram jamais !

E' bello de vêr, e horrivel,  
Velho leão prisioneiro,  
Cavado o teu corpo inteiro  
De profundas cicatrizes ;  
E quando as iras derramas,  
Voltando as negras escamas,  
Tu muges, roncás e bramas,  
E o que tu queres não dizes.

A's vezes paras na grita,  
E o teu corpo se aquebranta ;  
E em tua enorme garganta  
Prendes a horrisona voz :  
Cessam então teus mugidos,  
Como ferros sacudidos,  
Lançados, mas não partidos,  
Até á terra, até nós.

Mas lá no polo Deus mesmo  
Os teus membros amarrados,  
Contidos, assujeitados  
A montes de gelo — quiz.  
Lá em vão tu te remordes ;  
Como Encelado sacodes  
O corpo enorme, não podes  
Erguer a crespa cerviz.

Mas eu me horroriso e tremo  
Ante tua majestade,  
Se te dessem liberdade  
Nessas frias regiões :  
Que grande fôra o teu brado,  
Se do corpo lacerado  
Quebrassem-te o cadeado  
Que te prende aos teus grilhões.

O baque dessas montanhas  
Cahindo despedaçadas,  
Como cadeias quebradas,  
Que horrivel não fôra ouvir!  
Mas fôra bello!... Eu queria  
Vêr de então a noite e o dia,  
Que tua frente devia  
De cinza e d'oiro cobrir.

Oh! fôra bello! Assentado  
Sobre o monte mais erguido,  
Ouvir teu grande bramido  
Em paz — sereno... a sorrir!  
Talvez... o hymno á liberdade  
Nessa horrivel majestade...  
Dos flancos da tempestade  
Surgisse Deus, para ouvir!...

## IX

*Eso es pagarlo por mi  
La vida, que le debi.*

CALDERON DE LA BARCA — *Las  
armas de la hermosura*

Mas quem surge lá da praia,  
Como um phantasma do mar?  
E' o mancebo! — Da morte  
Pôde o naufrago salvar.  
Não perdeste inda a esperança!  
Cheira sangue essa lembrança;  
E o sangue brada vingança;  
E inda te podes vingar!

Eil-o... o naufrago estremece...  
Eil-o arquejando já vae...  
Passa a lua... fere-o... O moço  
Treme... oscilla... quasi cae :  
E' o assassino estendido,  
C'o as roupas do pae vestido !...  
Levanta o ferro buido,  
Vinga, mancebo, o teu pae.

Do leão entras a jaula  
Coberto de espuma e pó,  
E arrancas da garra a presa,  
Que devorava sem dó ;  
Sim ! iá teria morrido :  
Mas não ticára punido,  
Que a vingança é do offendido,  
A vingança é tua só.

Homens, céos, estrellas, anjos,  
Florestas, rios, oceano...  
Vinde vêr um fraco humano,  
Como se vinga... — Chegac.  
Oh ! que placidez imprime  
Naquella fronte sublime  
A idéa que vinga um crime,  
E vinga no crime um pae !...

Ajoelha o moço e murmura :  
— Deus, cumpriste o meu destino :  
Deste salvar o assassino...  
Meu Pae ! fui teu vingador. —  
E, como cansado, inclina  
A fronte — quasi divina,  
Como cegada bonina  
Para as mãos do cegador.

Eil-o, a innocencia no seio,  
No perdão o seu punhal,  
Morto aos pés do homem de lodo  
Como estatua em tremedal.  
Um riso na bocca airosa  
— Orvalho em botão de rosa —  
Tem inda a estatua mimosa  
Cahida do pedestal. —

## X

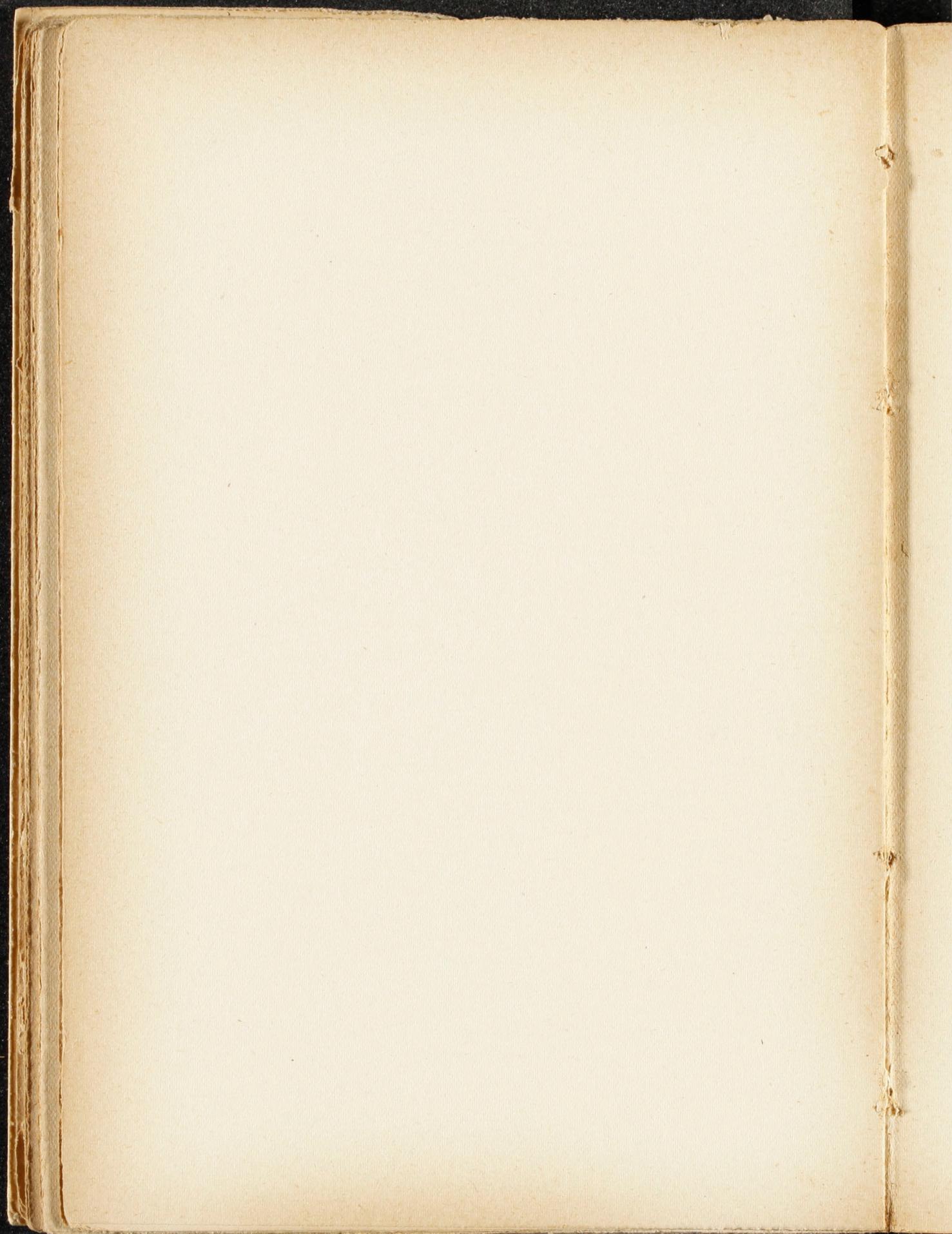
*Qual lodoletta che in aere si spazia  
Prima cantando, e poi tace contenta  
Dell' ultima dolcezza che la sazia...*

DANTE — *Paradiso.*

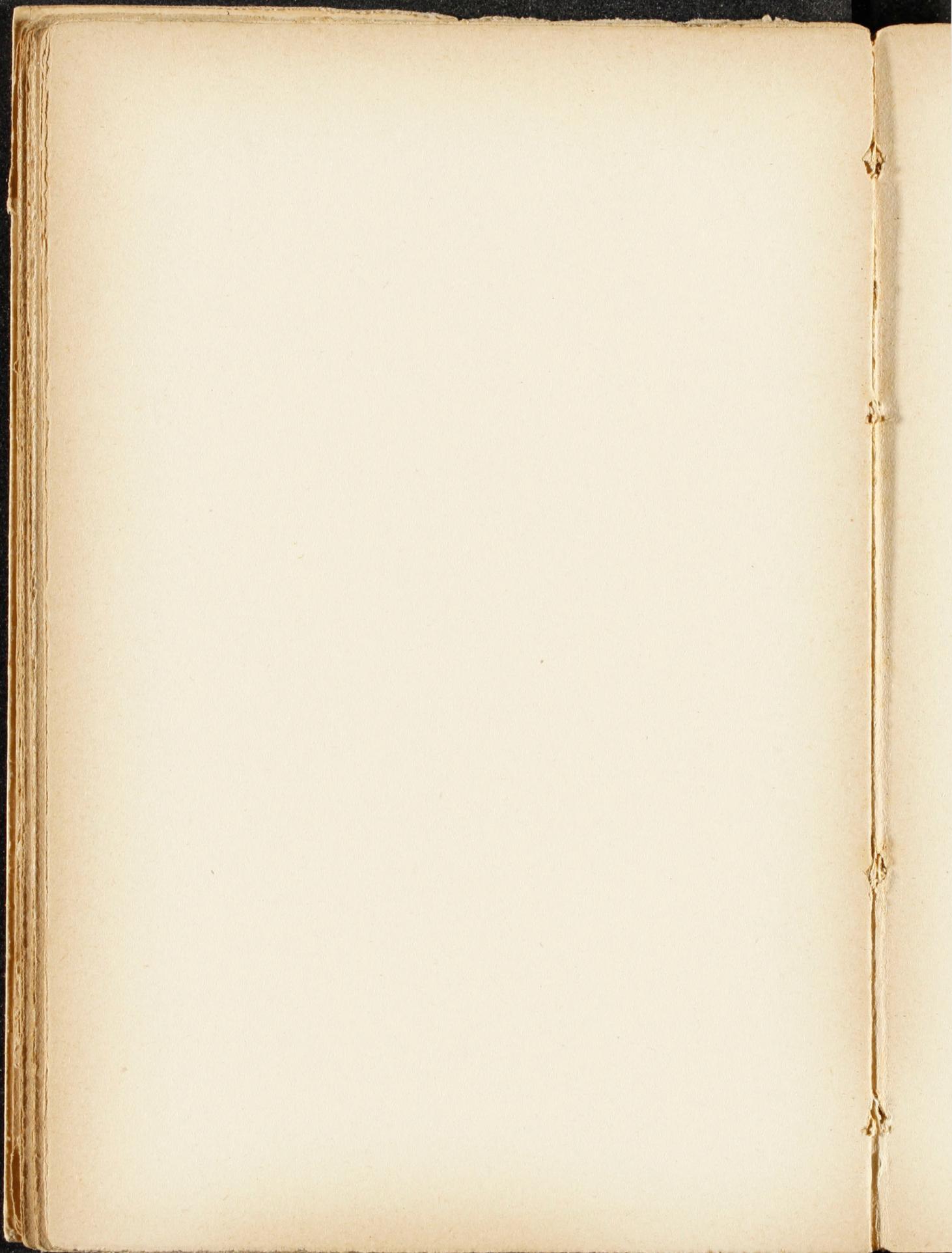
E no outro dia á beira-mar deixado  
Um cadaver jazia :  
E sobre o véo da morte um véo mais lindo  
De luz o corpo todo o está cobrindo...  
Tão bello resplendia !

Belleza extranha, que sorri de leve  
Na pallidez da face,  
Como se a morte — o riso de bondade  
Desencravar julgára uma impiedade,  
E inteiro lh'o deixasse.

E de longe o palhal, que verdejava,  
Mas já meio inclinado,  
Pendendo para a beira do caminho,  
Era como vazio e verde ninho  
De um galho pendurado !



AMOR E DEVER



Eu que quizera os meus olhos  
Fixos em ti noite e dia,  
Eu soffro a lenta agonia  
De não te poder olhar !  
Toda esta gente espiona  
A nossa pobre ventura ;  
No olhar, no gesto procura  
Nosso segredo encontrar.

O amor, que dentro em nós ferve,  
E' como o perfume acaso  
Que pelas fendas do vaso  
Se faz a todos sentir ?  
Que por mais occulto e envolto,  
Que o ter em si se procura,  
Em vão é, não se segura,  
Por fôrça que ha-de trahir ?

Trae. — Embebe o ambiente todo :  
E cada qual que o respira,  
Procura donde sahirá,  
Que vaso o entornando está :  
Agitam-se todos : querem,  
Com inquietação manifesta,  
Vêr pelo aroma que resta  
Donde veiu e o que inda ha.

Assim um dia e outro dia  
Estando de ti tão perto,  
Sabendo, tendo bem certo  
Ser meu o teu coração...  
Eu que morro por olhar-te,  
Ai ! nem mesmo olhar-te ensaio :  
Chego e entro, e falo, e saio,  
Sem quasi apertar-te a mão.

Mas esta mesma frieza  
Que junto a ti sempre tenho,  
Já nos faz mal, eu convenho ;  
Todos anseiam saber  
Por que sendo tu formosa,  
E eu sendo moço, não ha-de  
Reinar maior amizade,  
Maior alegria haver ?

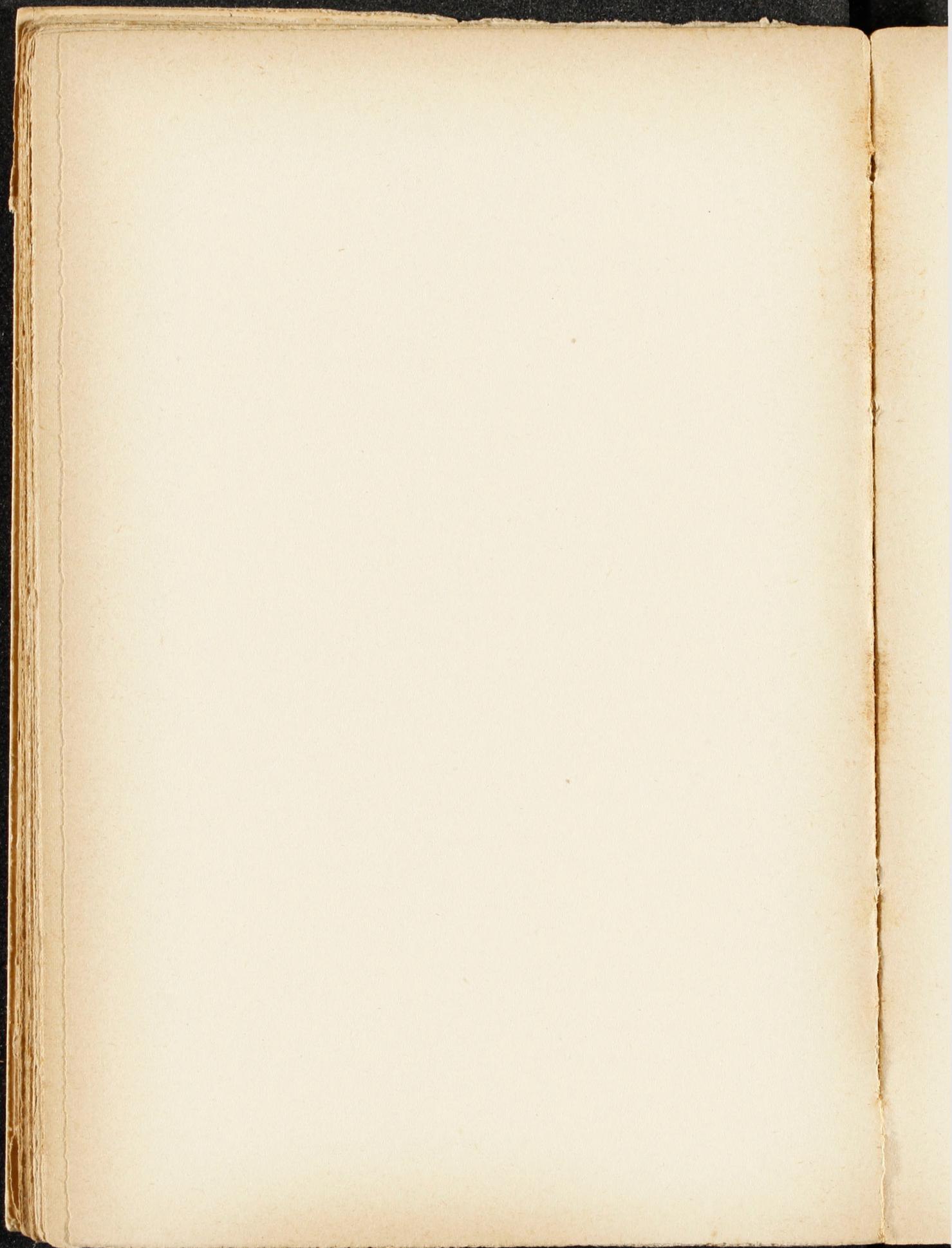
Porque esses mesmos que tremem  
Pela virtude ultrajada,  
Buscando e não vendo nada,  
Não sabem comprehender  
Como é possivel que um anjo  
Que elles têm sempre admirado,  
Não possa ser desejado,  
Por quem é crime o querer.

---

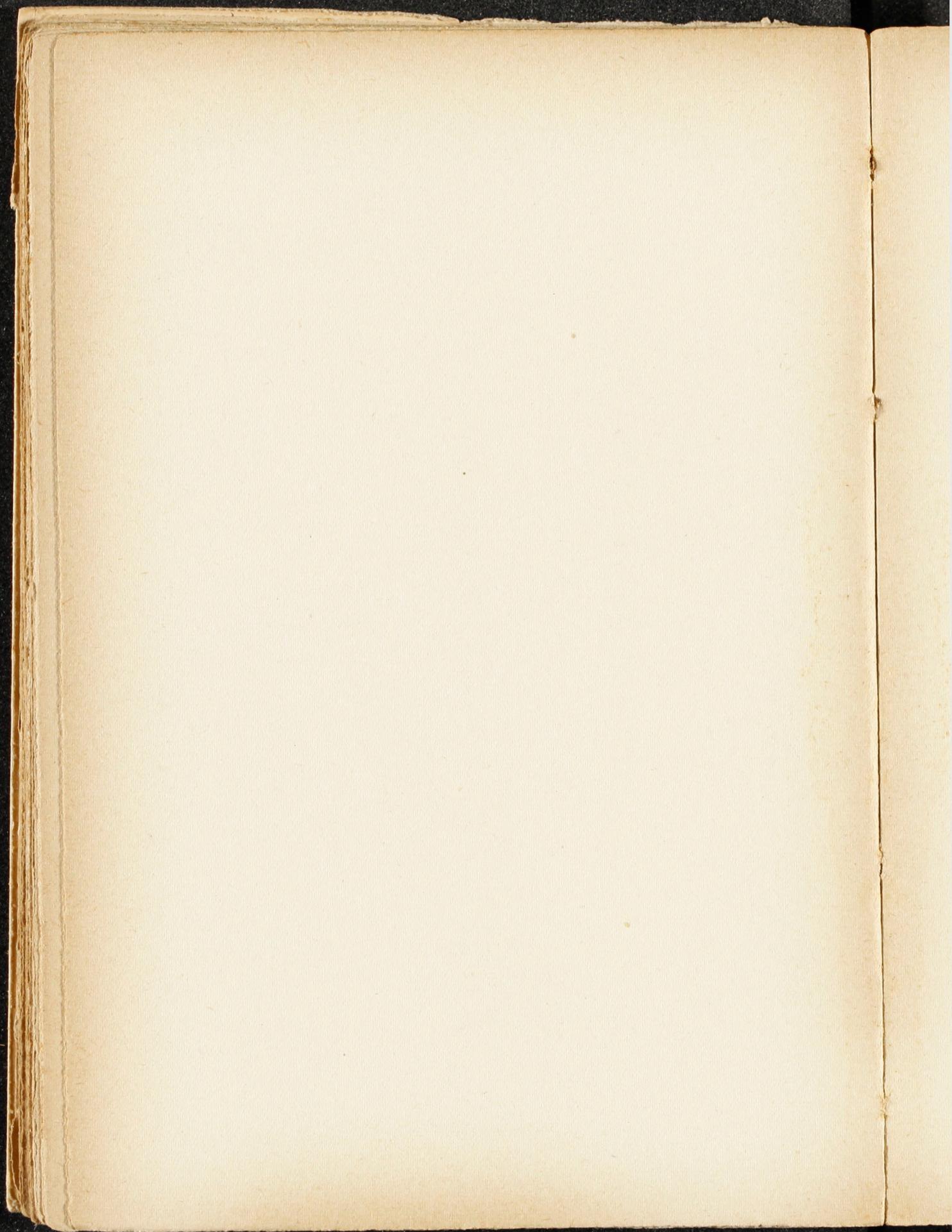
E a nossa melancolia,  
Nossa mudez, nosso mêdo,  
Ai! se desvenda o segredo  
Que nós devemos guardar?  
Branca perola mettida  
Em concha de rosea alvura  
Deve estar menos segura  
Dentro no lundo do mar.

Ai! a ninguem o entreguemos,  
Nem num olhar indiscreto,  
Porque o nosso puro affecto  
Deus só o possa saber.  
Que seja como um thesoiro  
Dentro de um cofre guardado,  
Que fôra melhor gosado,  
Mas que é melhor não perder...

---



HYMNO DE MORTE



Na morte do collega, alumno do  
4.º anno de Medicina, ANTONIO JOSÉ  
GONÇALVES JUNIOR.

*Da sacro cineri flores.*  
Do tumulo de SANNAZARO

I

*Omnis gloria ejus...*

PSALMUS

Um seculo de glorias e esperanças  
Naquella fronte, como um regio almafre,  
    Immenso balouçava ;  
E sob a selva dos cabellos densos,  
Como um rio escondido nas florestas  
    A idéa borbulhava.

Homens, vós não sabieis quem elle era !  
Da noite á bocca do mancebo inglorio  
    Parasseis um momento :  
Detraz da escura selva desse craneo  
Se erguera um dia, em throno chammejante,  
    Do seio nebulento.

Como inunda de fogo a flôr do oceano  
O sol, — elle inundava o seu futuro  
De claridão tamanha.

Eram rastos de chamma os dias delle !  
Dos loureiros á sombra um sol dormia  
Atraz de uma montanha.

Era um nimbo de esphera vaporosa  
Embaciando as lampadas celestes,  
Que pesava no mundo !  
Seu pensamento : — um dia condensado  
De cima do seu craneo cahiria,  
Como oceano profundo !

Amanhã rangeria aquella porta !  
E ao entreabrir-se aquella lingua d'oiro,  
Do céo, onde alma voára,  
Aerolitho, como um anjo em fogo,  
Embuçado nas roupas de mil annos,  
Numa idéa rolára.

Assim de chofre o espaço engole um mundo :  
Cem cidades assim desaparecem  
Nos campos de Sennaar ;  
E como a cruz de um morto, uma columna  
Lá fica apenas sobre a cova dellas  
Seus ossos a apentar ! . .

## II

*Nulli flebilior, quam tibi...*HORACIO — *Odes.*

Que visteis delle ? — Nada. — Descansava  
Sobre os seus loiros, á manhã da vida,  
    O joven sonhador !  
Sobre o leixe, que abate das florestas,  
Tambem, antes de o erguer, por um momento  
    Descansa o lenhador.

Tinha aliada a adaga. — A hora do alarma  
Parecia estalar ; sob a armadura  
    Do combate parou :  
Viu o campo : estendeu á larga as redeas :  
Mas da vida o corcel, que elle montava,  
    Cahiu e tropeçou.

O meu amigo !... E o que perdeste, ó Patria !...  
Que pedra das abobadas da gloria  
    Rolou, se espedaçando !  
Escarneo dessa turba de mancebos,  
— Raça de vermes ! — sobre o pó da terra  
    Esmagava-os, passando.

Se assoberba o ginete relinchando,  
Quando a escarpa do Abyla e arabe arrasa  
    Após a hyena e o leão :  
A vida delle era um corcel fogoso :  
E o corcel, que engolia abysmo e escarpa,  
    Cahiu : mas elle não.

No Khusistan daquelle peito em brasa  
Da liberdade a rosa florescia  
    Fechada em botão lindo,  
Era no meio do mais bello fogo  
Que vingava a roseira, onde orvalhada  
    Cada flôr ia abrindo.

Que naufragio espantoso ! Eram só d'oiro  
Os sonhos que essa mente carregava  
    Aos vagalhões da vida :  
Que nau perdida sobre o mar tormenta  
Esperdiçou os loiros do poeta,  
    Em noite desabrida !

Patria, curva-te ao cespede de um filho :  
Hontem por ti morreu : hoje ao seu tumulo,  
    Não te pejes, baixando :  
Christo era a patria do universo inteiro  
E, sobre a cova de um amigo, Christo  
    Se prosternou, chorando.

## III

.....ore tremente.....

OVIDIO — *Tristium*

E como o rosto é pallido, e fanadas  
Rosas, que um dia abriam purpurinas  
    A' doce luz da vida !  
Assim a ruina de cidade morta  
Em noite de luar, por entre a relva,  
    Dorme meio escondida.

O coração não pulsa ! Entre ruínas  
Pára o viajor. Pompeia está dormindo...  
Dorme, sem resonar !  
Seu coração, — o pevo que palpita, —  
Cahido sob as carnes das cidades,  
Não... não pode pulsar !

Morto, que vale a vida ? O diga Homero,  
O cego Homero, que esmolou, trecando,  
De cidade em cidade,  
Por um apendre e por um pão, os cantos  
Que á Grecia antiga e antigos povos davam  
Historia e eternidade.

A vida é isso : é vaga, que arremessa  
Colombo ardente á entrada do oceano,  
Donde surge com um mundo,  
E torna a arremessal-o a mesma vaga,  
E elle encontra o grilhão, a treva, a morte  
Do ergastulo no fundo.

E que ha pois do outro lado do sepulcro ?  
A pedra tumular que arcano esconde ?  
Que segredo alli jaz ?  
Quando o alvião a rasga, a ossada alveja ;  
Silenciosamente o verme mexe,  
Eis tudo... e nada mais !...

Mudo o vento da morte entorna as ruínas  
Sobre o corpo, e o moimento que mutila,  
Por grandioso que seja,  
Prostra-se aos seculos, que vão vindo, e passam :  
Parte-se a lousa e em um riso alvar o cranco  
Parece que graceja...

O' meu amigo, irmão nos mesmos sonhos,  
 Já me arrependo de acordar-te ao leito,  
     Para dar-te estas flôres :  
 As lampadas do céu velam-te as noites :  
 Chora-te, e sempre, á madrugada, á cova  
     A estrella dos amores.

Amanhã o teu pae sorri, mancebo :  
 Amanhã tua mãe beija outro filho :  
     Amanhã entra o mundo !  
 E as estrellas do céu, da aurora o orvalho  
 Amanhã velarão a sós no berço  
     O teu somno profundo.

## I V

..... *flentem flens...*

OVIDIO — *Tristium*

Perdão, ó paes, perdão : a phrase gela :  
 Mas ha cá dentro o horror de um cataclysmo,  
     Que me fez deshumano ;  
 E arreventou-me a estrophe á flôr dos labios,  
 Como os vulcões nas asas alevantam  
     Uma ilha no oceano.

Vós não o esquecereis, não ! Infelizes !  
 A eternidade de uma dôr paterna,  
     Quem a pode sondar ?  
 Artico polo, que agglomera o gelo,  
 Quem por cima de lagrimas tão densas  
     Vae-lhe os seios prumar ?

A gloria me ha-de aureclar a fronte :  
Apesar de homens vis, que tudo arrancam,  
    Vingae, louros, vingae :  
Minha mãe, ó Brasil, ó patria, é delle  
Este loureiro ; é delle : — ide ao seu tumulo  
    De joelho o plantae...

## V

*Vox ferrea.*

VIRGILIO — *Eneida*

Homens, é tempo : agora eu me levanto :  
Limpei o rosto ; — as lagrimas seccaram :  
    Gloria, que nos vens dar ?  
Reis, lá 'stão os laureis da vida bella !  
Jovens, as rosas cahem das roseiras,  
    Sem o tempo as murchar.

De tanta vida que o inundou, que resta ?  
A noite sem estrellas do sepulcro !  
    A luz do lampadario  
Da vida, ainda transbordando a enchente  
Do oleo, que a seiva aviventou, não arde  
    No leito mortuario.

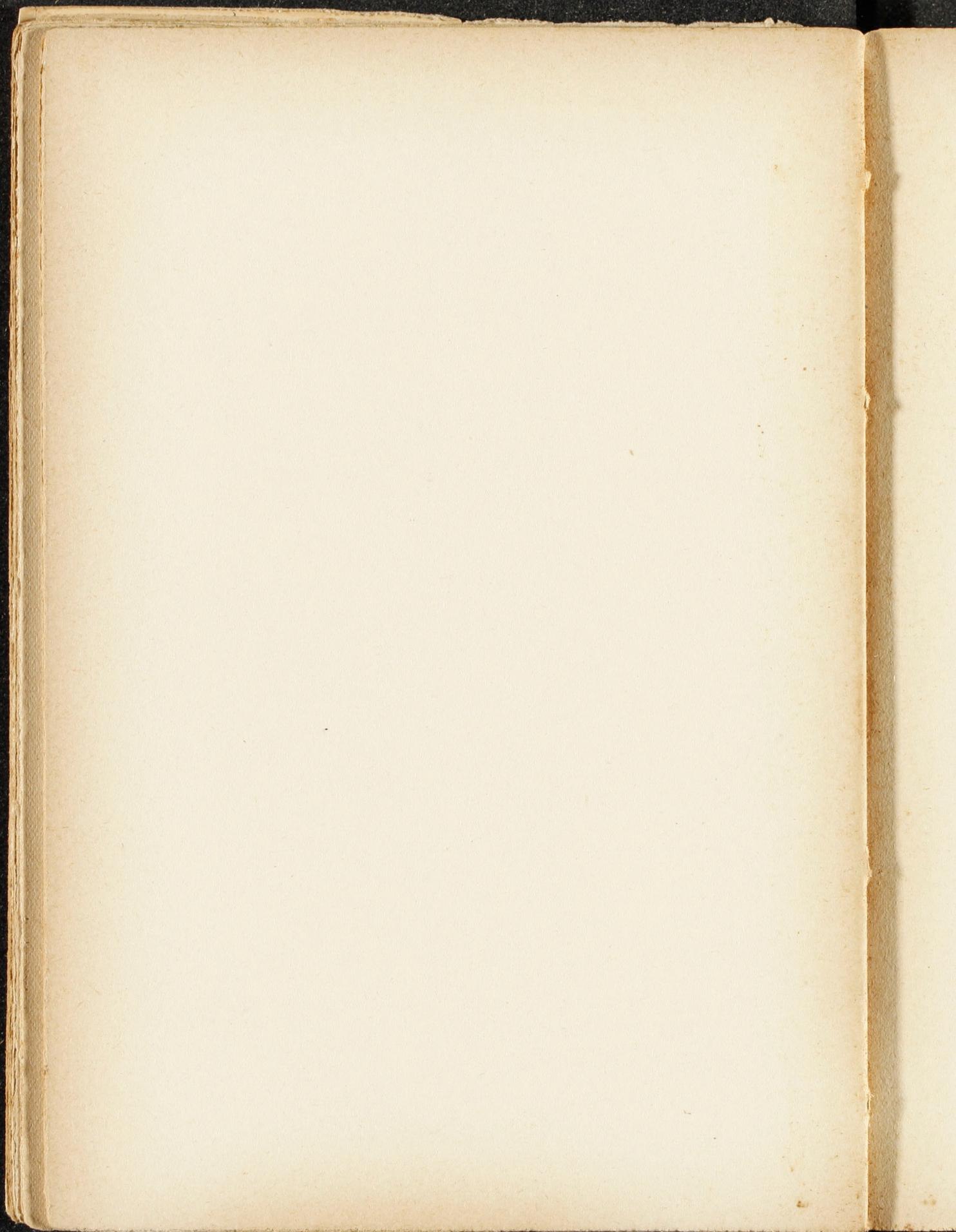
Pallida cruz, que os braços seus distende,  
Como um soldado de além-mundo vela  
    Imbelle e desarmado :  
Roem-lhe os vermes a terrosa planta,  
E não retira o pé, unico elle,  
    Do arraial desprezado.

Ecbatana, — a princeza, — se coroava  
Com o sol do Oriente, recostada ás selvas,  
    Sobre o almatrah do Oronte :  
Seu pennacho de templos grimpejava,  
Como um cocar de variadas plumas,  
    Na cimeira da frente...

Hontem. — De sobre escombros d'ossos hoje,  
No meio de pyreus cinereados,  
    Sobre um roto divan,  
Como enrolada em faixas de uma mumia,  
Sem throno, a frente sem cocar de plumas,  
    Roe-lhe a entranha Hamadan...

---

PAGINA ESCURA



Num livro intimo de

TEIXEIRA DE MELLO

E' o teu rosto a perola das luzes,  
E a luz foi sempre um thalamo celeste :  
Guarda, homem-menino, no teu rosto,  
Guarda o beijo de amigo que me deste :

Deixa-o dormir na mesma cama, ao lado  
Do beijo que te deu amor primeiro,  
Por seus candidos vellos branca ovelha  
Dorme assim junto á esposa do ovelheiro.

Nascemos na estação das mesmas flôres ;  
O mesmo sol luziu ao nosso leito ;  
A mesma patria nos colheu aos braços ;  
Só não bebemos leite ao mesmo peito.

Mas... minha mãe ao ter-te no seu collo,  
Por meu amor ao menos te embalava ;  
E chamando-te — filho — sobre a fronte  
Um beijo meu... só meu, em ti guardava.

Mas... tua mãe ao ter-me no seu collo,  
Por teu amor ao menos me sorrira ;  
E, chamando-me — filho— sobre a frente  
Um beijo teu... só teu, em mim sentira.

Meu irmão, junto á minha a tua estrella  
Como uma flôr de fogo abrindo vinha,  
E a rosa, que plantou no céu meu anjo,  
O teu anjo plantou junto da minha.

A tua inda floresce arregoadá,  
Vive entre os anjos numa eterna aurora ;  
A minha desfolhou-se, e na hastea curva  
Cynorrhodo mirrado apenas mora.

A Biblia do christão eu não profano,  
Mas a vida além-tumulo desvaira ;  
Tenho medo ante as trevas do intinito  
Onde a mente não chega e a razão paira.

A fé de Deus no meio dos meus sonhos  
Tem uma fonte, que abebera, é certo,  
Matariéh formosa adormecida,  
Como a verde esmeralda do deserto.

Mata-me a sede, sim ! a fé, eu creio ;  
Entanto o vacuo do sepulcro espanta :  
Christo, o Homem-Deus, implora o Pae, tem medo,  
Christo, Lazaro ao tumulo, levanta.

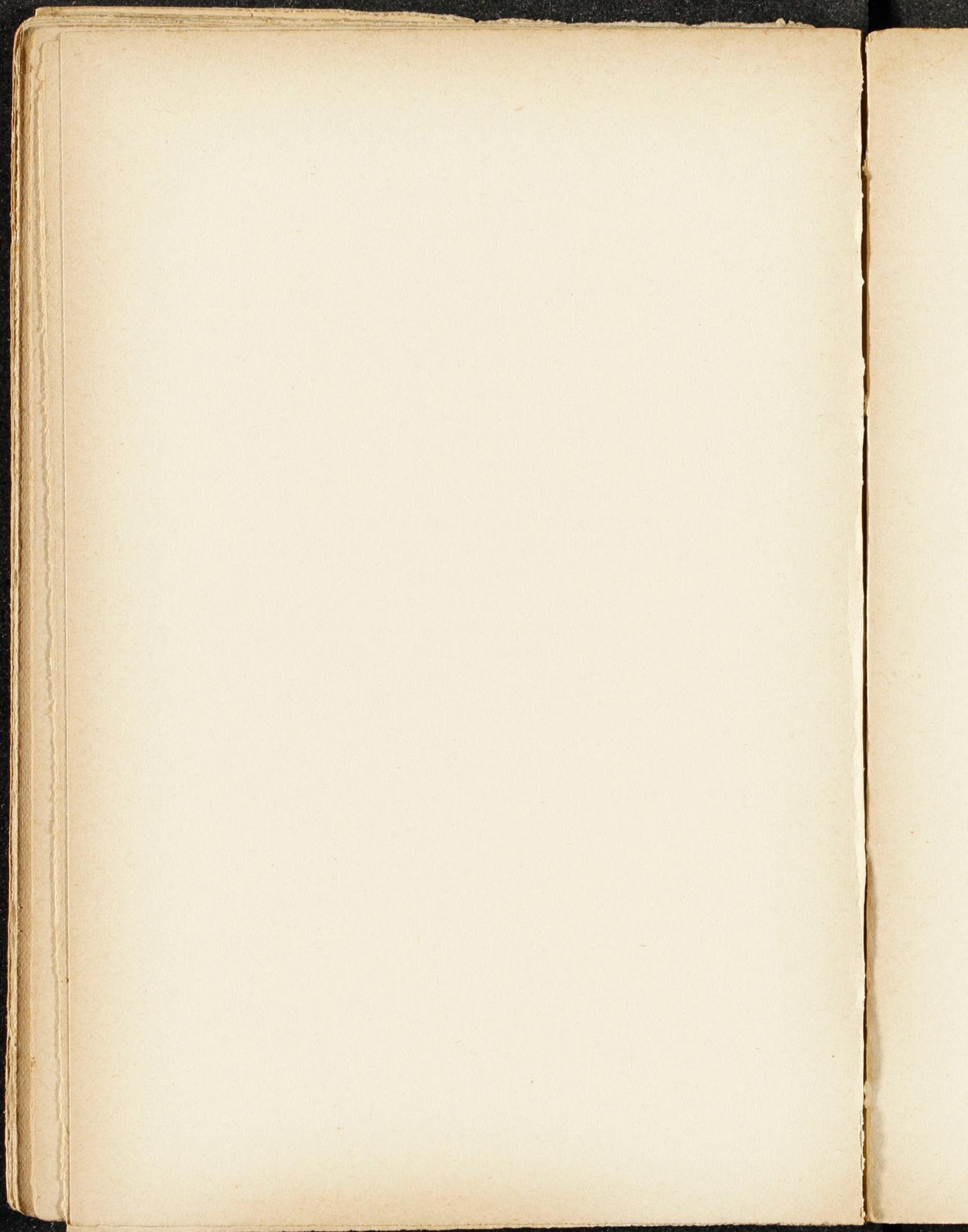
Tu vês : o peço fructo da roseira,  
Pende secco, ante o sol, desorvalhado :  
Assim ante uma vida de esperanças  
Pende sobre o sepulcro debruçado.

Cêdo cae : pegarei no somno em breve :  
Anjo, lembra-te então desta alliança ;  
Vae desfolhar-me um cantico medroso,  
Como um timido beijo de creança.

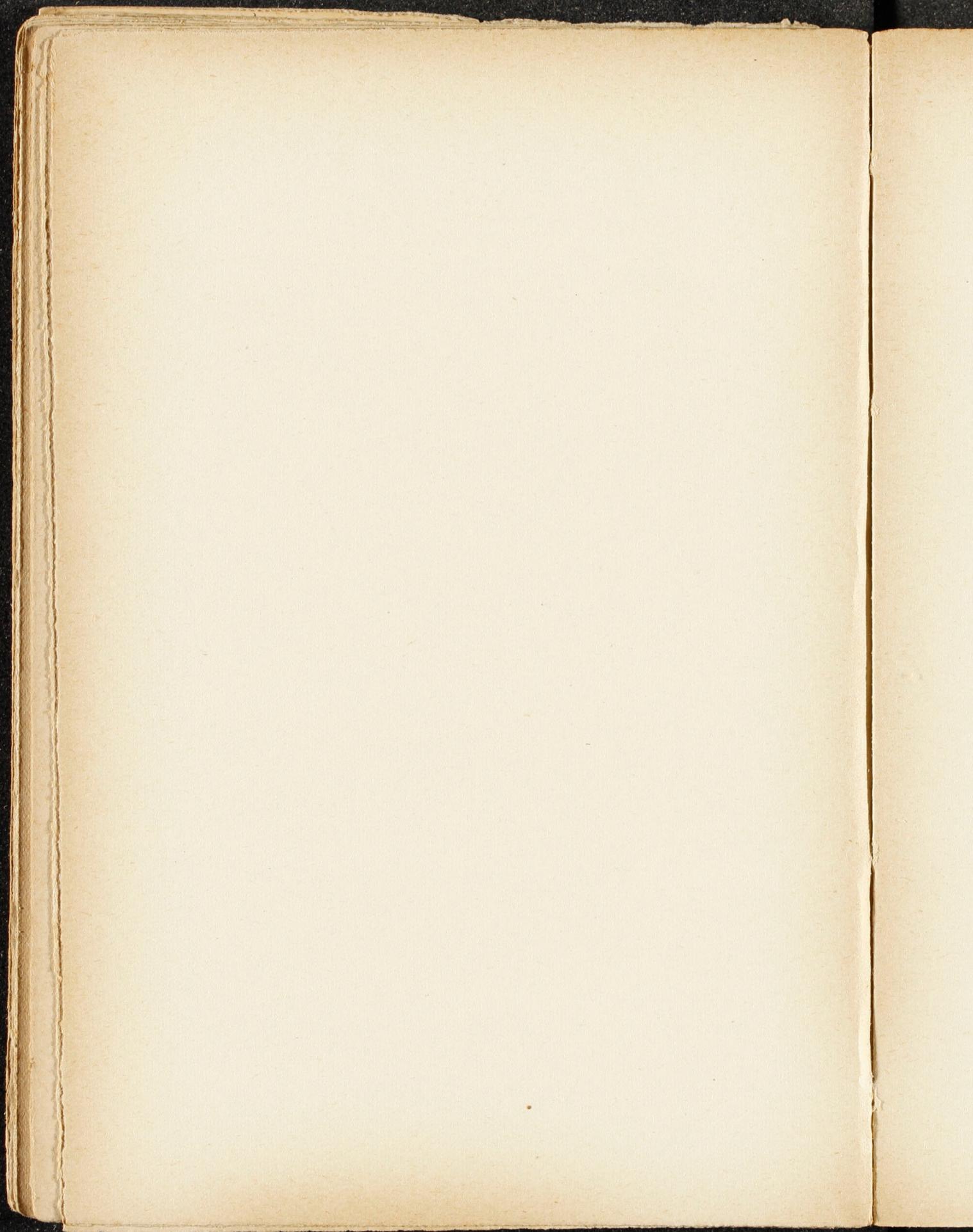
Anjo, irmão, creatura d'outras eras,  
Por milagre de amor inda innocente,  
Branco, ingenuo, no fundo deste seculo,  
Como a perola em fundos da corrente...

Anjo, irmão, tua mãe leva ao meu tumulo,  
Fal-a chorar com a minha... a desgraçada !  
Pobre mãe ! que saudades lhe não deixo...  
Mães, que os filhos perdeis, choraes... mais nada...

---



MEMORIA



NUM ALBUM

*Memoria de mi memoria!*

GIL VICENTE — *Amadis de  
Gaula*

Ia em nudez romagem do sepulcro,  
— Logar do meu destino —  
Sacola de mendigo, pão sem leiva,  
Bordão de peregrino :

Não quizera deixar outro vestigio  
Mais do que deixa a flôr,  
Mais do que deixa a vaga : um leve aroma,  
Um languido rumor.

Deixarei entretanto em meu caminho,  
Além da branca ossada,  
Das pegadas além, que á areia imprimo,  
Uma lenda sagrada :

Seja em teu livro ; leia-se esculpida :  
— Respeito e sympathia —  
Como num tronco, que ha-de viver seculos,  
P'ra memoria de um dia !

\*\*\*

Mulher ! não sabes, não, quanto ha de aziago,  
O que levo commigo . . .  
Bordão de peregrino é a harpa do poeta,  
E o sacco do mendigo :

A marca informe, que o proscree ao mundo,  
Que ao mundo o não levanta ;  
Porque bem como a flôr só tem perfume,  
Como as aves só canta.

Eu, bom grado, de vez dependurava-a,  
De algum tronco qualquer,  
Sobre o altar, para Deus, sobre o teu seio,  
Para o amor da mulher.

Como armadura druidica pendida  
Na brenha das saínas,  
Deixára ao vento o dedilhar-lhe as cordas,  
O ouvil-o ás campinas.

Perém, não : Deus m'a deu, inda em que pese  
Carregarei meu fardo :  
Que val' por ella a vida de miseria,  
E o nome vil de bardo ?

Assim pintam archanjos abraçando  
Harpas, que vão vibrando  
Entre o esplendor da VIRGEM sobre nuvens,  
Lua em arco pisando.

Inda hei fôrças : de seiva e mocidade  
O coração transborda :  
E em paz não morre o poeta enquanto d'harpa  
Não quebra a ultima corda.

Irei cantando pois em meu caminho...  
Cantarei... cantarei  
O bello, o grande, o justo, o bom, o eterno :  
E até quando não sei...

\*\*\*

E' teu livro um pomar, onde algum tempo,  
A' sombra abandonada,  
Sentar-te-ás a colher os fructos d'oiro  
De uma arvore enflorada.

Dá pois espaço á minha pobre planta  
Em tão fertil terreno,  
Em que terão de erguer-se os novos cedros  
Deste Libano ameno.

Tiro-a do arneiro amplissimo do mundo,  
Minha planta querida :  
Possa em teu livro, mais estreito campo,  
Viver mais longa vida.

Deu flôres ? Nunca ! A pobre nivelada  
Ao musgo mais rasteiro,  
Viveu assim em meio do mysterio,  
No centro do pradeiro.

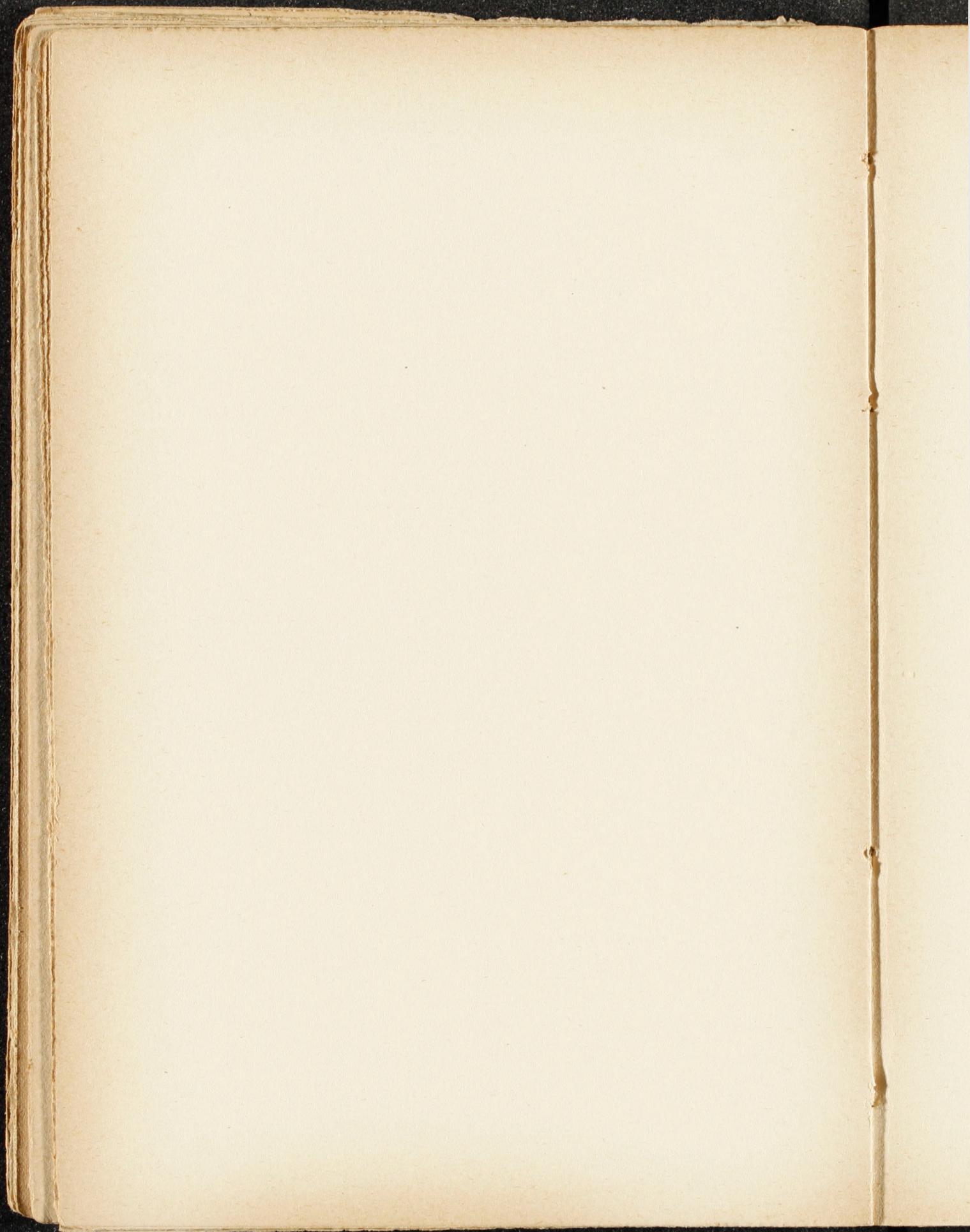
Nunca !... Mata o kacim nopal deserto,  
E o suão nevado e forte  
Passa sobre o delubro das florestas,  
Como um canto de morte.

Oh ! nunca !... Mas se um dia aqui passares,  
A' sombra deste arbusto,  
Quando um phantasma murmurar : — tem flôres...  
Sou eu : não tenhas susto :

Que o cynorrhodo da roseira agreste  
Nunca... nunca apparece,  
Senão sob os acervos da ruina  
Da rosa que emmurchece.

---

DESEJOS DE VIVER



Oh! lôra o sol um anjo em vôo ardente  
Surgindo na amplidão,  
Deixando o novo Isaac insanguento  
Sob o ferro de Abrahão!...

Sinto que morrerei! Ajoelhado  
Na minha própria dôr,  
Sinto o frio da bocca do cutello  
Cahir do cegador!

Eu era a espiga lanceolada e linda,  
Sem inda lourejar:  
Anjo da morte, espera: é cêdo: espera!  
Deixa: eu hei-de murchar.

Meu Deus, se o sol surgisse inda mais dias  
Sobre o meu horizonte,  
E com seus raios quentes, deslumbrantes  
Me enchesse d'ouro a fronte!...

Se inda mais scenas sobre as suas flôres,  
Sorrindo a natureza,  
Me surgisse embalada, como a india  
Na rede da devesa!...

Tenho vontade de viver por ella,  
Tão candida menina,  
Lyrio do valle, aurora da montanha,  
Estrella da collina!

Gotta de leite em labios de innocente  
Me fôra o seu carinho;  
Me fôra a flôr, que atravessando ao bico,  
Leva o passaro ao ninho.

Dá, meu Deus, accender meus labios frios  
Nesse raio de amor:  
Dá, meu Deus, perfumar minha alma impura  
Nessa essencia de flôr.

Dá-me viver e amar: minha harpa interna  
Murmurando acordou:  
Meu coração estremeceu... foi ella...  
Foi ella que o vibrou...

E como o vento sopra as rosas bellas  
Do seio do suão,  
E ellas se vão cheirosas embalando  
Nas aguas do Jordão...

Ella soprou-me da alma as lindas rosas  
Dos rosaes da poesia,  
Que vão ao céu boiando em grupo, e em cima  
De vagas de harmonia.

Dá-me viver e amar, meu Deus : — Esse anjo  
Viu-me, e me despertou :  
E a morte, que eu sem mêdo olhava, agora  
De susto me gelou !

Mas este pensamento, esta dôr viva  
A entranha me corrôe :  
Este verme, que as carnes me lacra,  
Sinto que me destroe.

Meu Deus, eu sou o lyrio inda crescendo,  
A flôr, que não abriu :  
Eu sou a aurora tímida e orvalhosa  
De um sol, que não surgiu. . .

Eu sou a folha verde do arvoredô,  
Eu sou inda a esperança :  
Para a fouce, que inclina ao chão uma haste,  
Sou inda tão creança !. . .

Meu Deus ! a vida para amar com ella  
De um amor infinito,  
E nossos labios confundir num hymno,  
Numa oração, num grito. . .

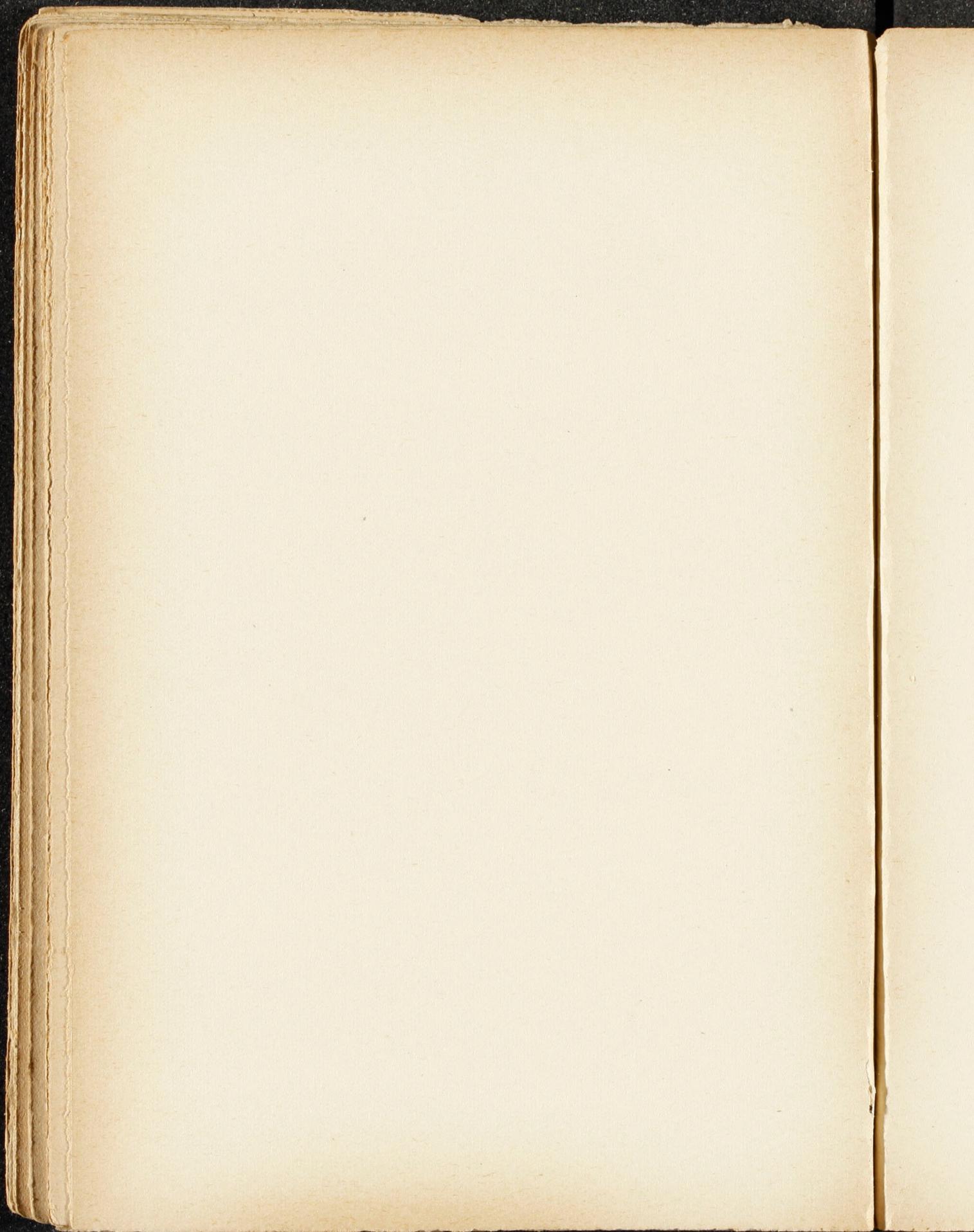
Num qualquer som, que traduzisse o abalo,  
Que dentro em mim senti :  
E' a alma já, que em hymnos se desprende  
A ti, meu Deus, a ti.

Lazaro, suspendeu ella do tumulo,  
Meu morto coração :  
Job blasphemo, hoje volvo a ti meus olhos  
No arroubo da oração.

Já sei amar : ella ensinou-me. Agora  
Eu não quero morrer ;  
Quero adorar-te, ó Deus, orar com ella ;  
Quero amar e viver...

---

DESILLUSÕES E MORTE



..... *carmina tantum*  
*Nostra valent..... quantum*  
*Chaonias dicunt, aquila veniente, colum*  
*bas.*

VIRGILIO — *Bucolica*

Eu amo vêr no céu sempre uma nuvem,  
Um grito na devesa,  
Um soluço no mar : amo o que é triste  
Em toda a natureza.

Não vês a nuvem que lá passa agora,  
E corre para o occidente ?  
Será meu berço : — alli da morte aos braços  
Dormirei mollemente,

Bem como um cysne dorme á flôr de um lago,  
Que á luz do sol iria,  
E a brisa, que lhe lambe o flanco, as pennas  
Das asas arrepia.

E que frio ha-de ser alli meu leito  
Ficarei ao relento ;  
Dormirei ao clarão da lua pallida  
Aos sons da harpa do vento.

Passei por este mundo, o meu deserto ;  
Foi-me a terra madrasta ;  
Pisei os espinhaes de arneiro ingrato ;  
Soffri : — é tempo : basta.

Ninguem doeu-se do infeliz na vida ;  
Foi meu pranto a loucura :  
Foi meu gemer um grito sem sentido,  
Perdido na espessura.

Quando a plumagem lhe adornou as asas,  
A' borda do seu ninho,  
Os seus primeiros vôos experimenta,  
Piando o passarinho :

Eu que vejo ante mim desenrolar-se  
O espaço do infinito,  
Quero ensaiar o meu primeiro vôo  
Com o meu ultimo grito.

Adeus. — Como passaes, gemendo, agora,  
Ventanias do sul !  
Faz-me bem vossa voz : passae : bem cêdo  
Serei no mesmo azul.

Eu da vida o que deixo ? — Amor é tudo :  
E eu nunca amei, — meu Deus !  
Nunca vi para mim candida virgem  
Volver os olhos seus.

Inda estou branco, como a flôr que nasce  
Em cava entristecida,  
Onde o sol pendurar não vem á fronte  
O oiro quente da vida.

Meu pae, um dia me surgiu radiando  
Um anjo, era uma aurora,  
Mas por elle passei, qual sobre chammias  
Vae um passaro embora.

Já viste a estrella que se banha ao longe  
Nas aguas de algum rio,  
E após no outeiro parecer que treme,  
Gelada pelo frio ?

Vacilla incerta, e tímido lhe brilha  
O olhar humido e morno ;  
E a langorenta palpebra da noute  
Estremece-lhe em tórno.

Parece um anjo a meditar saudades  
Em pé sobre a collina,  
Em cujo seio um coração de fogo  
Merencorio imagina :

Na cycloide dos astros mergulhada  
Se perde de repente ;  
Como a folha que o vento arranca ao tronco,  
E atira na corrente.

Assim ella surgiu-me : assim perdi-a...  
Assim a perderei ;  
E dentro o turbilhão em que volteia  
Não mais a buscarei...

Fôra o meu coração uma harpa eólia,  
Meu labio um hymno infindo,  
Fôra uma prece a minha vida inteira,  
A ti, meu anjo lindo,

Como o sol teu sorriso me aquecêra  
O coração algente ;  
Como o luar da noite o teu alago  
Me prateára a mente.

Mas eu não cri no brilho da miragem  
Tão falso e seductor :  
Ninguém pode engastar no meu deserto  
A esmeralda do amor,

Que o dedo secco do infortunio afasta  
Tudo o que me sorri :  
Passava sob um céu sem sol nem lua,  
Passando sob ti.

E em bem, meu Deus ! A virgem dos meus sonhos  
Não morrerá de fome ;  
E eu não lhe infiltrarei na entranha a febre,  
Que os dias me consome.

Pomba do céu, não pises um cadaver :  
Viva flôr côr de neve,  
Passa-lhe em cima, no teu vôo aereo,  
Sem tocar-o de leve.

E enquanto vaes buscar outros amores...  
Vae, eu quero esquecer-te :  
Amanhã hei-de dar no areal da praia  
Aos corvos um banquete.

Eu sou tão infeliz!... Se tu disseses :  
— Joven, tenho-te amor :  
Tu morrerias... morrerias cedo,  
Meu anjo, minha flôr.

Que eu nunca vi a rosa em meu caminho  
A desbrochar louçan,  
Que eu lhe dissesse : — adeus, flôr da campina ;  
Vir-te-ci vêr amanhã...

Misera ! o vento lhe imprimira á fronte  
Um morbido pallor :  
A noite lhe negára os seus orvalhos,  
O dia o seu calor.

Meu triste olhar, como astro moribundo  
Nas abas do horizonte,  
Errante sob a noite dos cabellos,  
Se estremece da frente.

E como a gottejar de sons choroses  
De um sino vacillante...  
Parece que elles vibram na agonia  
De uma alma agonisante.

Sou... eu sou infeliz ; ninguém o pensa :  
E á noite, se me deito,  
Só eu sei que de atrozes desesperos  
Me acolhem no meu leito.

E sob o criz do proprio pensamento  
Eu caio de roldão,  
E as carnes com a dôr de um ferro em brasa  
Me rasga o coração.

Perdão, meu pae, perdão, se inda algum dia  
Amanhecer deitado,  
Pallido e frio, como estatua eburnea  
Em campo desolado.

A dôr é um veneno que corrompe  
A entranha pouco e pouco,  
Que lacera, apunhala, rói, mastiga,  
Que torna o homem louco.

Como a palmeira em pé sobre um rochedo  
Meneia o leque ao vento,  
Em pé, esteril, me espedaça o mundo,  
E eu pendo e desalento.

Eu morrerei : eu morro... O' mocidade,  
Raio de luz divina,  
Já não madrugas trefega em meu rosto,  
Em nuvem purpurina.

Eu amorteço, como a luz que pende  
Por abysmo profundo,  
Como a estrella da noite em céu de trevas  
Passo inglorio no mundo.

Mas não virão, velhice, os teus invernos  
Meus sonhos desfolhando,  
Per entre as verdes crenças de mancebo  
Morro ao menos cantando !

O' minha branca tunica da vida,  
Ao luar te lavei,  
Eu te sequei ao sol das esperanças,  
De amor te perfumei,

Puz-te aos hombros : soberbo do teu peso,  
Eu cego caminhava ;  
E aos meus pés a poeira, que se erguia,  
Teu brilho profanava.

Ai! e as alléas dos jardins da terra  
Tem tanto espinheiral!  
E quem pensa dormir em frouxel brando,  
Acorda em tremedal.

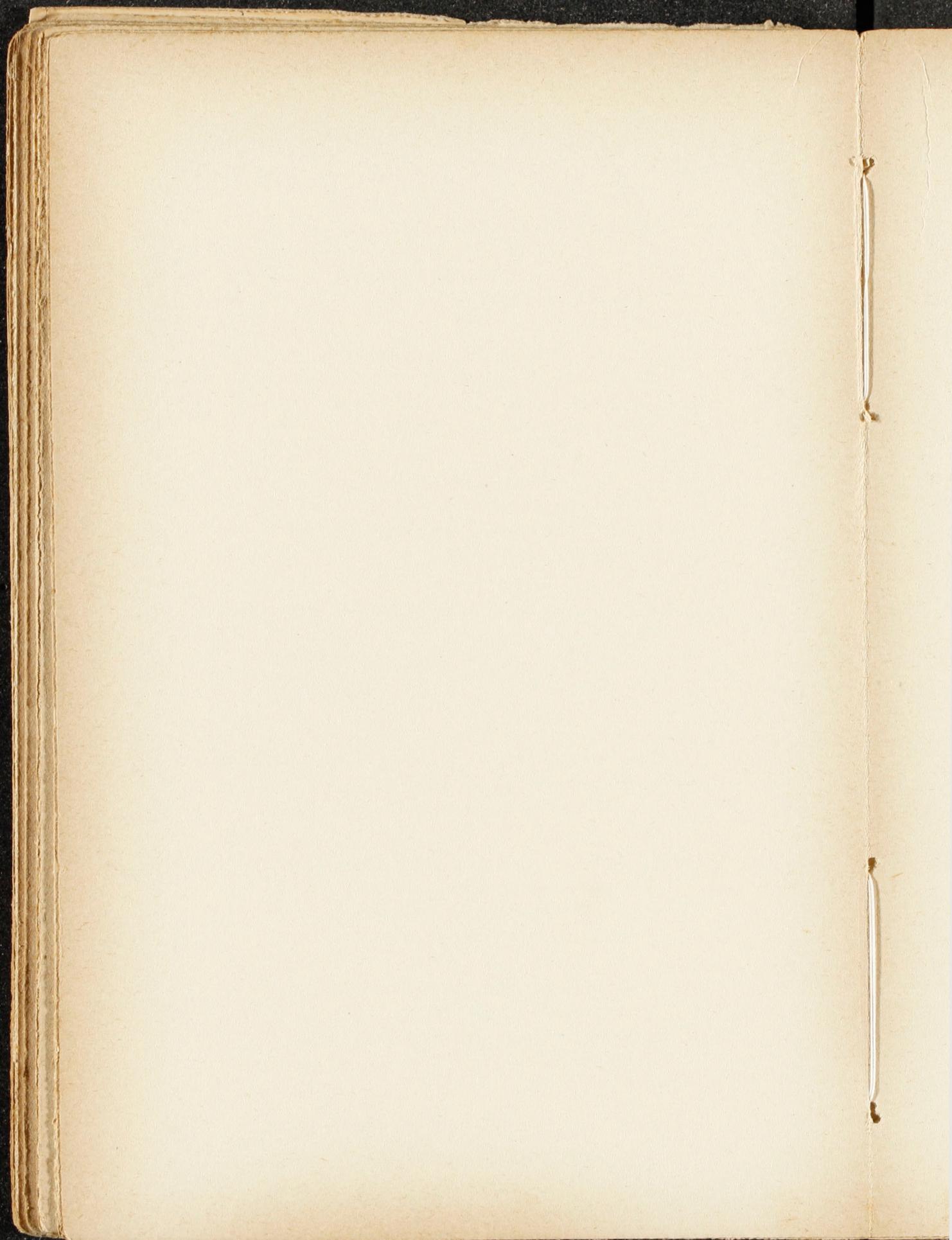
Rasguei, pois, minha tunica alvacenta ;  
O lodo a profanou :  
Choro, não os meus dias, que passaram,  
Mas a dôr, que ficou.

Como me acolhes bem, ó desengano !  
Procurei-te algum dia ?  
Por que passas a mão em meus cabellos ?  
Tua mão é tão fria !

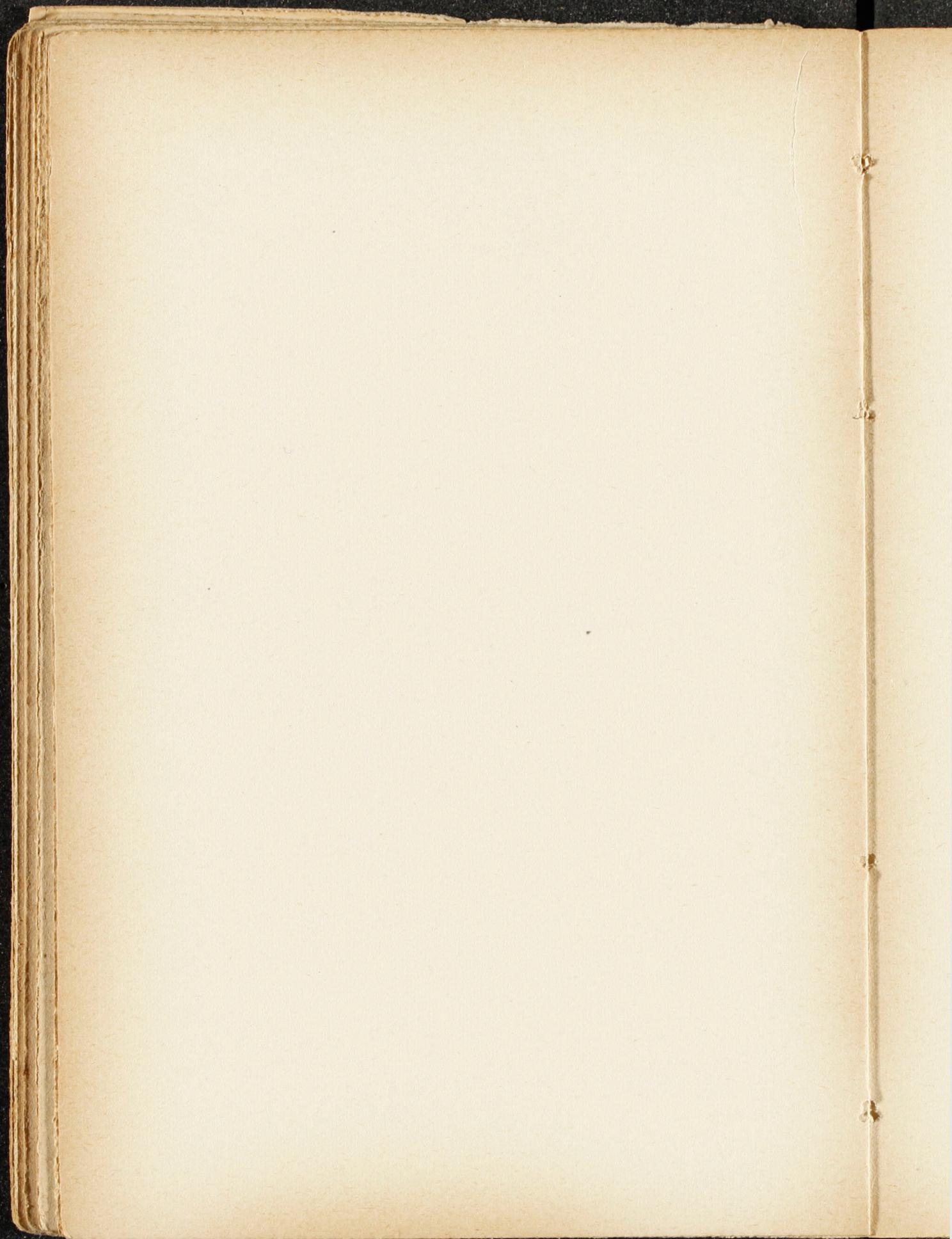
Mas não importa... Agora em teu regaço  
Procurarei o somno.  
Ai! minha vida foi, como o teu seio,  
Um feio e eterno outomno.

Minha mãe, me olerente a morte ao menos  
Teu perfume de amor ;  
Morro ; e sinto deixar-te, ó minha amiga !  
Morro ! merro de dôr.

Não vês a nuvem, que lá passa agora,  
E corre para o occidente ?  
E teu berço, ó minha alma : alli bem cêdo  
Dormirás mollemente...



GRITOS DE UM LOUCO



*L'aura soave e l'alba rugiadosa,  
L'acqua, la terra ao suo favor s'inchina.*

ARIOSTO — *Orlando furioso*

Lembra-te, ó anjo, que eu te amei um dia,  
Lembra-te, ó anjo, que eu por ti chorei,  
Eu, que aos teus pés ajoelhei-me escravo,  
Com o mesmo orgulho com que se ergue um rei!

Adeus!... Vae pois além, no azul dos mares,  
Curvar as vagas aos sorrisos teus!  
Adeus!... Tu podes tudo em toda parte:  
Fez-te rainha a formosura: — Adeus.

Que diz o mar á praia em que brincavas,  
No procelloso, turbido escarceo?  
Que diz a praia ao valle? o valle ao campo?  
Que diz o campo ao monte? e o monte ao céu?

Que dizes, larga fila de collinas,  
Deitadas lá ao longe em leito azul,  
Em cujo seio as asas perfumára  
Macia brisa a sussurrar do sul ?

As pudibundas, tímidas estrellas  
Hoje em teu collo poisarão também :  
O que dirão os langorentos olhos,  
Quando estenderem na planície além ?

O mar, a praia, o valle, o campo, o monte,  
Céos, estrellas, collinas, — sei, — dirão :  
— Ella vae : vamos nós : — e o mar, e a praia,  
Campo, montes e céos... contigo irão.

E eu ficarei na vida como um homem,  
A quem roubaram de repente a luz,  
Que enterrado em seu tumulo de trevas,  
Deixam sósinho, — que ninguem conduz.

E o amor ha-de falar aos meus ouvidos,  
Como o som dos grilhões fala ao galé,  
Com as sombras do carcere além-tôrre,  
Com as lembranças do passado ao pé !

Nas pedras sôltas do palacio d'oiro,  
Que ao céo rojei e desabou no chão,  
Nas pedras sôltas, — nestas pedras mesmo —  
Deixem-me agora perpassar a mão.

Não quero muito : destas folhas rôtas,  
Destas columnas que ali estão em mó,  
Deste poema que cahiu, eu quero  
Salvar os restos de uma pedra só.

Vamos... palpemos... — Tudo é pó! Mais longe  
Eis uma emfim!... Oh! como sou feliz!...  
E' uma pedra do palacio d'oiro!  
Vamos a vêr o que esta pedra diz.

— Da virgindade a perola alvejava  
E a corôa d'oiro, não, não de rubis...  
Na frente della a corôa era a belleza...  
Vamos ler mais... Oh! como sou feliz!

Tu me sorriste; mas teu riso frio,  
Hirto, sem vida então me fez gelar:  
Boiava á tona do teu labio calmo,  
Como um cadaver sobre quieto mar.

Maldita pedra!... Em tão confuso acervo  
Só tu ficaste sem fazer-te pó!  
Vae-te, maldita: és como o cão do cego,  
Que o não conduz e que lhe late só.

Gritos de um louco!... Sinto-o bem: doudejo!  
Esforço-me amarrado aos dias meus,  
Cuja corrente em vão quebrar procuro,  
E aos pés rojar-te, como extremo adeus.

Adeus! — As vagas já o collo inclinam:  
As molles brisas sarfalhando estão;  
E nas asas azues que se desdobram,  
Vejo erguer-se o teu pé, bella visão!

Adeus!... O genio informe das tormentas  
Desruga a frente pallida e senil,  
E, sentado nas fragas das montanhas,  
'Stá o céo a enfeitar d'oiro e de anil.

Vae!... Mas ouve : talvez não vás ainda,  
Suavissima visão dos sonhos meus :  
Adeus!... o labio te repete sempre :  
Mas! ai! o coração não diz : — adeus.

Ondas uma após outra a pedra batem :  
D'entre as vagas a lua olha atravez :  
Lá ergue a rocha sobre a praia o collo,  
Dizendo a todos : — Eu não sei quem és.

Tu te ergues, anjo, sobre minha praia,  
Toda de branco, criação de luz :  
E eu, como a lua, te enamoro, e vaga,  
Sou todo flôres dos teus pés a flux.

Ah! tu passavas como um lindo cysne,  
Que as niveas asas pelo céu abriu,  
E na torrente dos meus brancos dias.  
Dellas a sombra... a sombra só cahiu.

O' cysne, uma lanugem do teu collo ;  
Um só perfume do teu seio, ó flor ;  
Um beijo... um só dos beijos teus, ó virgem...  
Como pagáras tu tão louco amor...

Nas verdes margens, sim! talvez parasses,  
A desfolhar os trêmulos rosaes,  
Lançando rosas á torrente branca  
Dos dias meus, purissimos crystaes,

Talvez deitando ao longe as alvas roupas,  
Mettesses nella a ponta dos teus pés :  
Depois o corpo... — Oh! podes vir : as margens  
Desta torrente escondem-se em vergeis...

Oh! podes vir!... As perolas dos seios  
Nitidas mãos e trêmulas contêm,  
Como conchas que estão quasi entreabrindo...  
Mostrando apenas que thesouro têm.

Oh! vem!... Já vejo que te rola a trança  
— Rio em ondas de treva — ao dorso nu:  
O teu pé escorrega... ahi vem: ó anjo,  
As brancas asas por que estendes tu?...

No mar de esperanças, que reserve e canta,  
Ha grandes ilhas e jardins tambem:  
Ricas cidades, que as marmoreas frontes  
Erguem soberbas pelo céu além:

Altas torres que o manto azul retalham  
Do céu, e dellas sahem profundos sons,  
Que vôam, como passaros de bronze,  
Que as asas mexem como vagalhões.

Não abras tanto os teus rasgados olhos...  
No fundo desses dois lagos azues  
Vejo tua alma estremecer de mêdo,  
Como o oceano ferido pelos sues.

Não tremas, virgem, se nas altas torres  
Inquietos sons nos bronzeos ninhos seus  
Vôam, revôam, bramam, fremem, fogem  
Buscando o seio do porvir... e Deus.

Por que não vens ás minhas ilhas d'oiro?  
Vem vêr imperios; vem sómente vêr,  
Olha que as margens se abrirão, ao ter-te,  
Como á luz a roman, no alvorecer.

Oh! que thesouros neste mar de esperanças...  
Dos reis da terra tenho pena e dó!...  
Vem, ó meu anjo, de tão vastos mundos  
Ser tu rainha... ser rainha só...

Sim! eu bem vejo, aereo cysne, vôas :  
Queres ser minha, desces até mim :  
Mas que tristeza vem toldar-me a fronte  
Quando o prazer ahi vem, sorrindo emfim ?

E eu sei que Deus nas fronte langorentas  
Luz ás mãos cheias lá do céo lançou ;  
Como na frente de ebano da noite  
O diadema de estrellas collocou.

Minha tristeza é filha do infinito,  
Que palpo, e quero, e foge-me no ar ;  
Respiro-a em tua frente de donzella,  
No céo azul, no verdejante mar.

Sabes ? — Meu labio agita muitas vezes  
Esta sombra que Deus em mim deitou,  
Como de noite na floresta immensa  
Hymnos espalha o vento que passou.

Sabes ? — Meu labio vae cantar agora !...  
Leio em mim, leio em ti : vou ser feliz !  
A terra, o mar, o céo, teus olhos, tudo,  
Até a tolha do arvoredos o diz.

Ai! tudo é bello!... As brisas que respiro  
Cheirosas vêm dos mattagaes do sul :  
O horizonte é diaphano e profundo :  
A terra é d'ouro ; o céo é d'ouro e azul!

Oh! como acorda a natureza! — é noiva  
No thalamo inda puro a estremecer:  
E na espuma da renda, em que mergulha,  
Ora o pejo a convulsa, ora o prazer.

Tudo mexe e palpita, e freme e vive:  
Tudo scintilla, tudo é luz e vez!...  
Oh! que prodigio vae passar-se agora?  
O que vae ser de mim, de ti, de nós?

Eia, meu anjo, fala, acorda... é tempo:  
Meu labio agora sepultar-se vae  
No fragor de epinicio scintillante,  
Ou no sussurro tremulo de um ai.

Porêm que vejo? — As asas te arrebatam?  
Oh! por que vaes a me fugir assim?  
— Escuta, cysne, leva-me nas asas:  
Anjo, não busques novo céo sem mim.

Adeus! escuta: rapida me foges!...  
Quem pudera seguir os vôos teus!  
Adeus! eu quero ouvir-te a voz ainda!  
Adeus! ao menos vem dizer-me adeus!

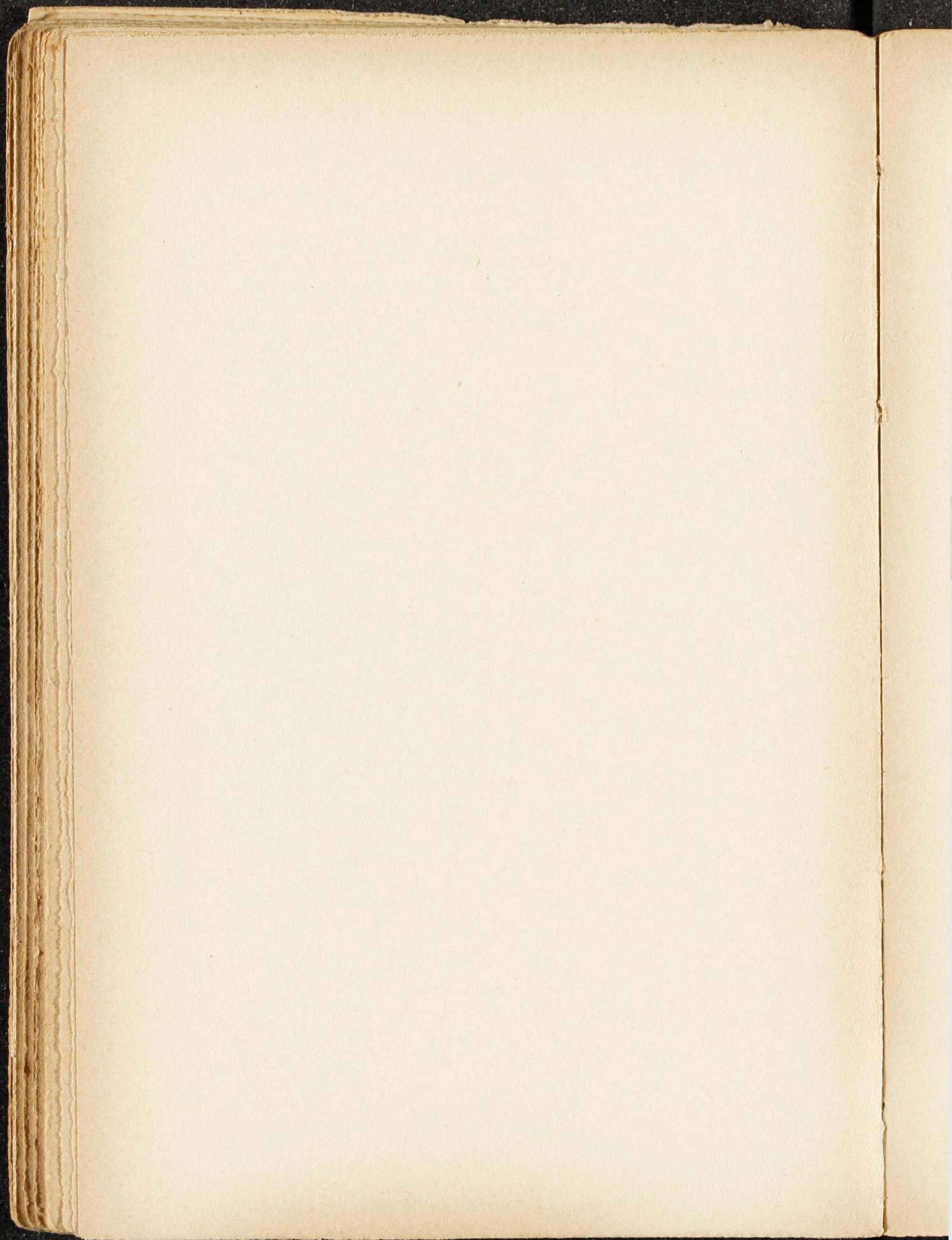
E' tarde! E' tarde! Eu doudejava agora.  
Volta: offendi-te! Tens no rosto a dôr:  
Ai! volta: escuta: — Adoração, meu anjo:  
Não me entendias, porque eu disse: — Amor.

Mas foi tão tarde! Não me ouviste; foste!  
Lembra-me agora que por ti chorei!  
Lembra-me agora que por ti fui louco!  
Lembra-me... ai! lembra-me... Eu te amei! amei!

Agora, como um cego, a mão estendo  
Entre as ruínas do passado só :  
Nem uma pedra do palacio d'ouro !  
Desse poema só me resta o pó.

---

MYOSOTIS



Oh! tu queres que entenda estas flôres,  
Cuja terna e mimosa linguagem  
Traz-me o encanto, a doçura da aragem,  
Que atravessa os teus labios gentis,  
Cuja voz tem um echo partido  
Tão do fundo de tua existencia,  
Que antes é triste adeus de uma ausencia  
De andorinha que deixa o paiz!...

Não foi obra do acaso ? Trazia  
Dentro dellas o teu pensamento ?  
Era como um queixume, um lamento,  
Que partia do teu coração ?  
Ai! tu mesma os vestidos erguendo  
Da orvalhada, que a relva molhava,  
Emquanto eu junto á casa ficava,  
Colher foste-as com rapida mão.

E voltaste contente, animada,  
Com mais côr, que na face não tinhas,  
E ao entregar-me as mimosas flôrinhas,  
Tua mão tinha um certo tremor :  
— Não conhece ? na patria de Werther,  
Lá na terra da triste Allemanha,  
Valle, outeiro, campina, montanha,  
Rico e pobre conhece esta flôr.

A princeza que vive em castellos,  
Camponeza em tugurio de palha,  
A mão cheia as flôrinhas espalha  
Dos canteiros, que estão ao sopé :  
Quem se não serve dellas um dia,  
Quando a dôr de uma ausencia nos chega,  
Quem não pede á flôrinha tão meiga  
Sua voz, seus segredos . . . quem é ?

Quem não tem um parente, um amigo,  
Que abra em tôrno de si um vazio ?  
Quem não teve um momento sombrio  
Para um pae, para um filho chorar  
Quando deixam seu lar e seus campos,  
E vão longe, por outros paizes  
Ver se podem fazer-se felizes,  
N'outro céo outra estrella encontrar ?

Ai ! então entre lagrimas fala,  
O que o labio dizer nunca soube,  
E' um mundo de cousas que coube  
Dentro dessas flôrinhas azues,  
Que lhe entregam, que levam comsigo,  
Como o aroma da terra deixada :  
Como flôr e não sendo mais nada,  
Vale mais do que um mundo de luz . . . —

Tu falavas, gentil amiguinha,  
Como o mel, que de um favo getteja,  
E minha alma era a abelha, que adeja  
Louca e tonta a beber desse mel :  
E eu bebia esse aroma divino,  
Eu bebia o licor distillado  
Pelo calix da rosa, mau grado  
Ter o quer que de vago e cruel.

Ai! não era o que nella buscava  
O meu louco desejo, não era ;  
Nem que a flôr as estrellas trouxera  
Enfeixadas comsigo tambem ;  
Tu falavas da flôr e cerravas  
A tua alma em profundo sigillo :  
Escutei-te sereno e tranquillo,  
E tornei : — Amiguinha, pois bem,

Mas quando ella é deveras sublime,  
Quando tem o valor de um poema.  
E', se é dada por mão que não trema  
Entre as mãos, ao ser dada essa flôr,  
Quando os olhos se empannam na nuvem  
De um orvalho de lagrima pura,  
Quando a mão sente a mão que a segura  
Fria e o rosto expressivo de dôr.

Quando a amada mulher em segredo,  
Não podendo falar, nol-a entrega,  
Mas depois que de lagrimas rega,  
Mas depois de beijal-as sem fim :  
Como fala a mimosa tão triste,  
Vestidinha de azul orvalhado :  
— Mas não tardes... não tardes, amado ;  
Vae, adeus, não te esqueças de mim...

Não te esqueças de mim, é seu nome,  
É o nome da flôr que me deste.  
Foi acaso? Sabias? — Quizeste,  
O que a flôr dentro em mim levantou?  
Que esperanças! que loucas chimeras!  
Que desejos! que anseios! que ardores!  
Leva, leva contigo estas flôres,  
Nellas nunca a tua alma falou. —

Ai! em vão tua mão te tremia,  
Muito em vão, sim! tu tinhas no rosto  
A sublime expressão do desgosto  
De um amor impossível talvez!  
Ai! em vão em tua voz procurava,  
No volver dos teus olhos, no gesto,  
No cansaço, no riso, num resto  
Da marmorea, eternal pallidez...

Ai! em vão! ai! em vão! eu buscava  
Ler tu'alma, entender-lhe o segredo;  
Ou astucia, ou finura, ou já mêdo,  
Ou indiferença, o mais certo, encontrei.  
Tu que sabes do amor com que te amo,  
Tu tremias do gosto que tinhas  
De enganar-me com essas flôrinhas,  
De me vêr ebrio e louco; — bem sei.

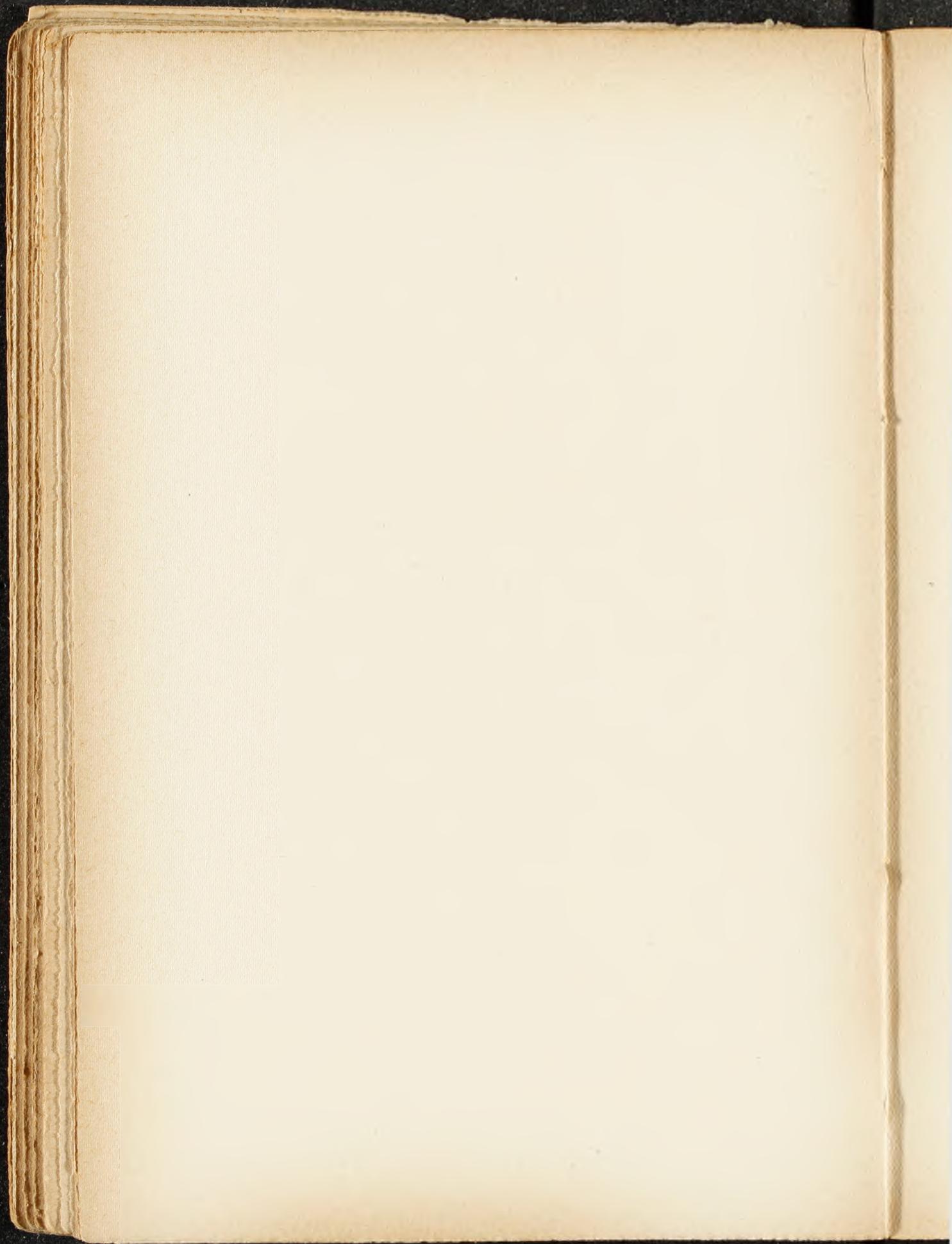
Só quizeste falar da Allemanha,  
Da myosotis tomando o motivo;  
Ai! mas nesse momento afflictivo,  
Ler buscava no mudo pallor  
Do teu rosto, um pouquinho animado,  
A expressão dessa doce ebriedade  
De mostrar-me com tanta crueldade  
Luminosas miragens de amor!

Não te esqueças de mim, me dizias ?  
Não te esqueças de mim... Impossível !  
Eu que sempre te vi inflexível  
Aos extremos do meu coração :  
Que este amor só transluz nos meus olhos,  
Na tristeza em que sempre me vias :  
E ai ! tu só ! ai ! tu só ! me dizias :  
— Não te esqueças de mim, como irmão :

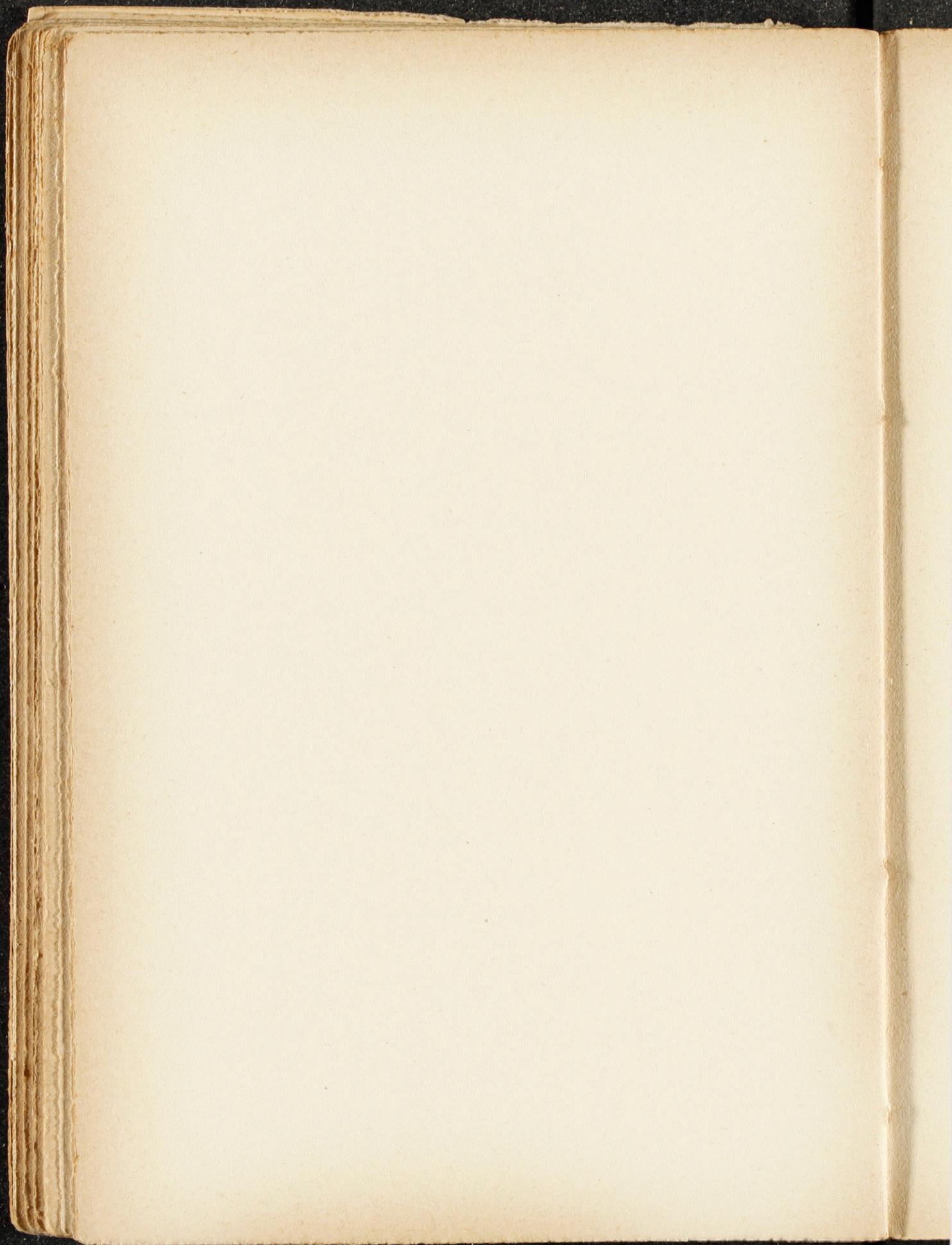
Toma, toma as myosotis que deste,  
Guarda-as bem no teu seio, querida :  
Mas quando ellas te encherem a vida  
De uma longa saudade sem fim,  
Quando fôres cansada de vêr-me,  
De soffrer quasi morto me notes,  
Manda então outra vez as myosotis :  
Diz-me então : — Não te esqueças de mim.

Oh ! então erguerei como Christo  
Do sepulcro o lagedo pesado,  
E de novo ao teu sol deslumbrado,  
Céos e terra verei aos meus pés :  
Beberei vida nova em teus labios,  
Beberei em teus beijos alento...  
Vem, Amor, é a vida um momento :  
O' ventura, eu já sinto o que és... —

---



A FLOR DO VALLE



Adeus, ó linda flôr, em que tão pallida :  
Eu vou partir : mas tu fica-te embora :  
Caia o orvalho do céo, como os meus prantos,  
Sobre o teu seio que languesce agora.

Poise em teu calix, transmudado em riso,  
Cada raio que a aurora desentrança ;  
Cada avesinha, que do céo te venha,  
Do céo traga-te um canto de esperança.

Cada sol te renove um doce encanto ;  
Mas que não venha o vento lisonjeiro  
Na asa, que arrasta noites delirantes,  
Dormir contigo ao mesmo travesseiro.

Quero-te tanto assim, pallida virgem,  
Nesse vago scismar, no olhar tão triste,  
Que parece que a morte inda agorinha,  
A dois passos de ti brincando viste.

Amo-te tanto assim... Oh!... muito!... E's bella,  
Como o timido olhar de uma creança :  
Tu vacillas phantastica em meus sonhos,  
Como a morbida luz de uma esperança.

O' nunca, meu amor, á borboleta,  
Abrindo as asas matisadas d'ouro,  
Abra o seio de setim tão branco,  
Teu bem melhor, meu unico thesoiro.

Eu quero á tarde, no cahir das sombras,  
A fronte reclinar em teus joelhos ;  
E como fala nos sons d'harpa um anjo,  
Um anjo ouvir falar nos teus conselhos.

O' meu amor, só tens as asas brancas,  
Só tens o facho, etherea formosura :  
E' quanto quero : as asas p'ra minha alma,  
E o facho para minha noite escura.

Oxalá que na treva em que me escondo,  
Esta linda miragem me não minta ;  
E que inda possa te cerrar nos braços,  
Tão pura como o canto meu te pinta.

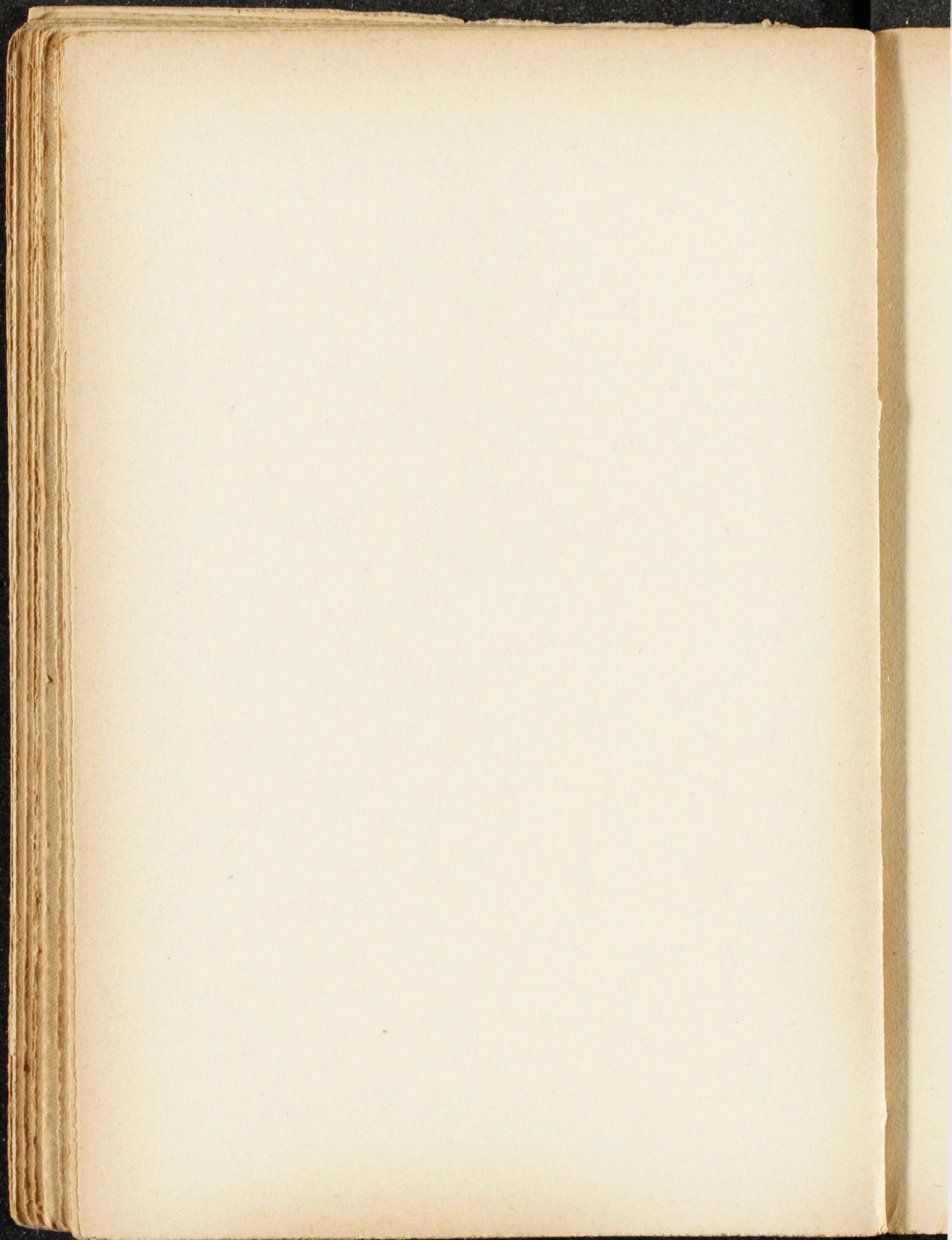
Cêdo volto, alva flôr, e se no valle  
Inda encontrar-te perfumosa e linda,  
Quero sob o teu halito odoroso  
Molles ncites de amor dormir ainda ;

E saber que é por ti que aspiro e vivo,  
E no fogo em que esta alma se evapora,  
Dormir contigo como um monte acorda  
No seio em brasa de uma linda aurora.

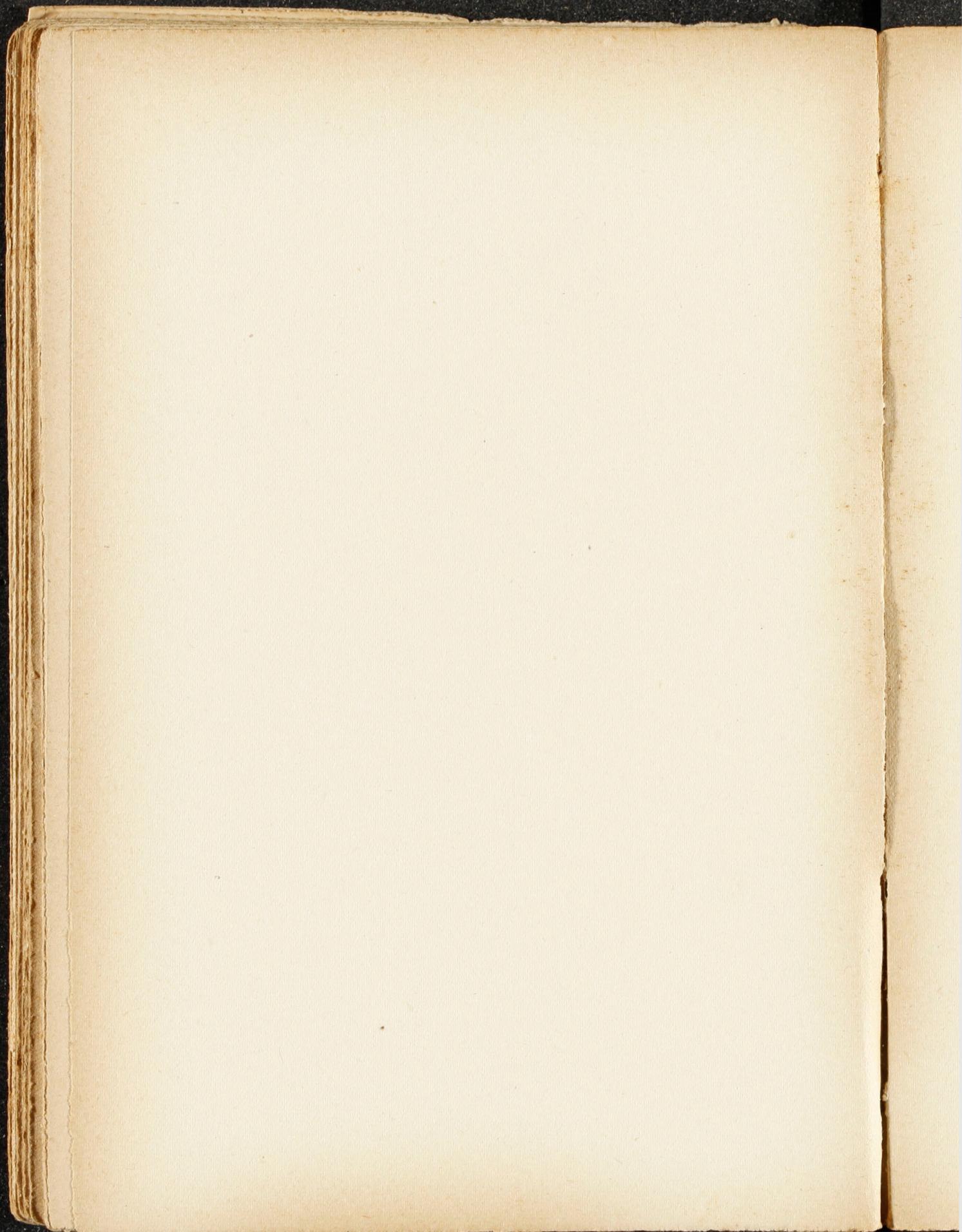
Venus boiando nas espumas d'oiro,  
Que oceanos de luz nos montes deixa,  
Vacilla, como lagrima na palpebra.  
Após o desabafo de uma queixa.

Olha : eil-a que vem trêmula e envolta  
De raios d'oiro languidos, serenos :  
E' a estrella do amor. — Olhando-a á tarde,  
Não te esqueças de mim... nessa hora ao menos.

Flôr, como uma harpa em vibração tremendo,  
Eu bem cêdo, outra vez, serei contigo,  
Na frente a chamma, no meu labio o hymno,  
E no meu peito o meu amor antigo...



A SORTE



*Amore, amore, grida tutto il  
mondo.*

S. FRANCISCO DE ASSIS

— Por que vou vêr das collinas  
A manhã que nos sorri ?  
— Eu, se lá subo, imaginas ?  
Acaso vou eu sem ti ?

— Queres saber por que scismo ?  
Não sabes, mimosa flôr ?  
— E tu, por que scismas tanto  
A's horas do sol se pôr ?

— Queres saber o que fazem  
Meus olhos por céos além ?  
— E os teus, que fazem ? não erram  
Perdidos por lá tambem ?

— Por que suspiro, abaixando  
A fronte pallida ao chão ?  
— E tu, por que a fronte inclinas,  
Por que suspiras então ?

— O que procuras — alta noite —  
Lá dentro nos olhos teus ?  
— E tu, mulher, o que queres,  
O que procuras nos meus ?

Que doce mysterio é este ?  
Eu quem sou, e tu quem és ?  
Tu... toda a luz de minha alma :  
Eu a sombra dos teus pés.

Eu sou a noite que doira  
Da tua estrella o fulgor :  
Eu sou o valle profundo,  
Tu és a pallida flôr.

Eu sou a vaga sombria,  
Que soluçando correu ;  
Tu és o raio perdido,  
Que em suas aguas bateu.

Eu sou a arvore agreste,  
Que nos rochedos brotou :  
Tu és o passaro lindo,  
Que nos seus ramos pousou.

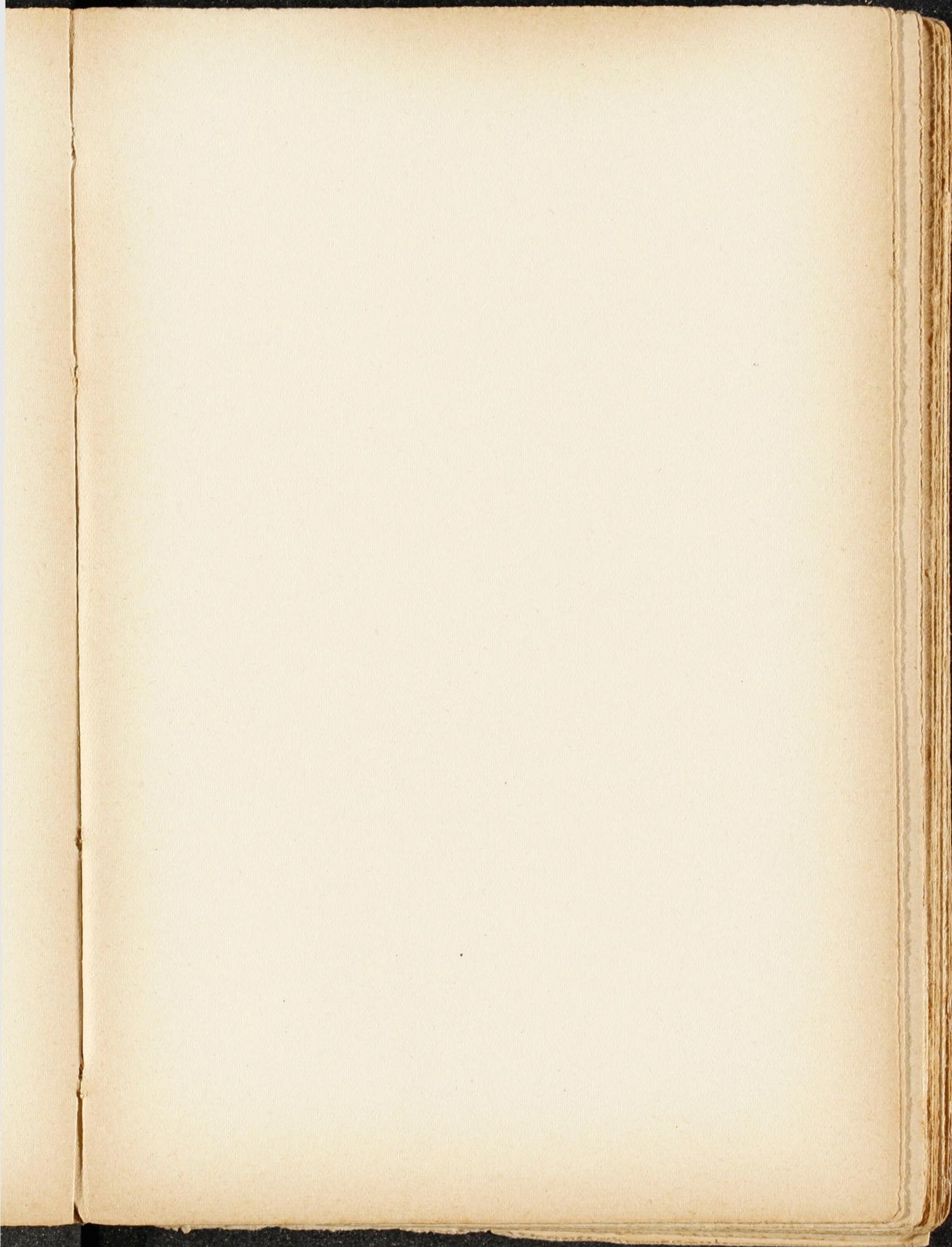
Eu sou as folhas do livro,  
Tu és a lenda de amor ;  
Eu sou o vaso, e tu, virgem,  
Tu és o suave odor.

---

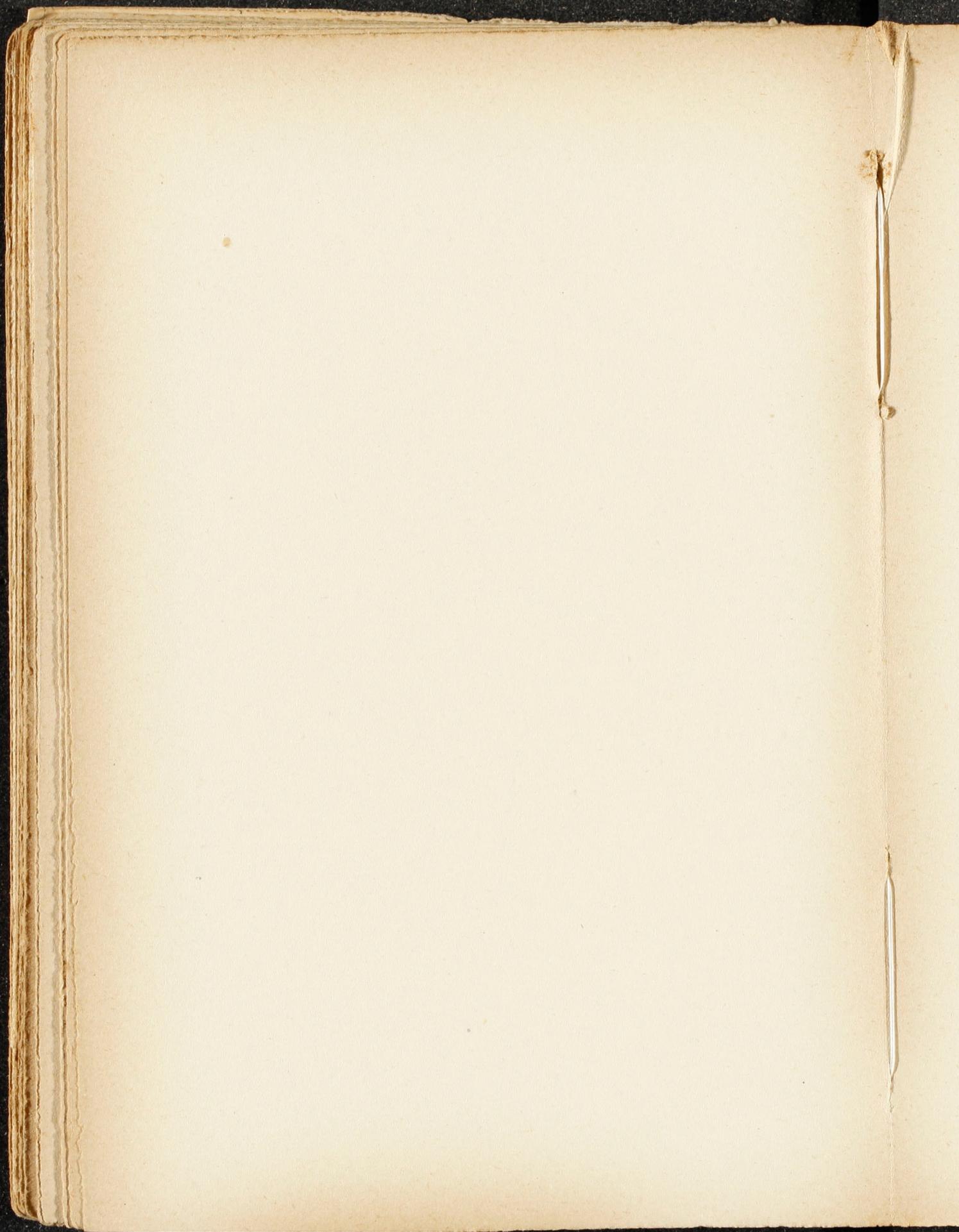
Da vida ás margens risonhas,  
Onde ha só mudez e paz,  
Eu rosas estou colhendo,  
Tu rosas colhendo estás.

Ai! embalemos as almas  
Num berço de amor sem fim :  
Eu não quero... tu não queres...  
Mas a sorte o quer assim !...

---



A LAMPADA ETERNA



Agora quando o sol surgir de novo  
Entre a palpebra immensa do horizonte,  
A dôr madrugará tambem com elle,  
Longos sulcos cavando em minha fronte.

Esqueleto de um riso ha tempos morto  
Jaz aqui no meu peito em cava escura,  
Onde a luz fria de minha alma bate  
Como um raio de lua em sepultura.

Pallida estrella, tu passaste errante,  
Nua e sem raios pelo meu deserto ;  
Quero ao menos amar-te, em que bem longe,  
Já que não posso ter-te aqui bem perto.

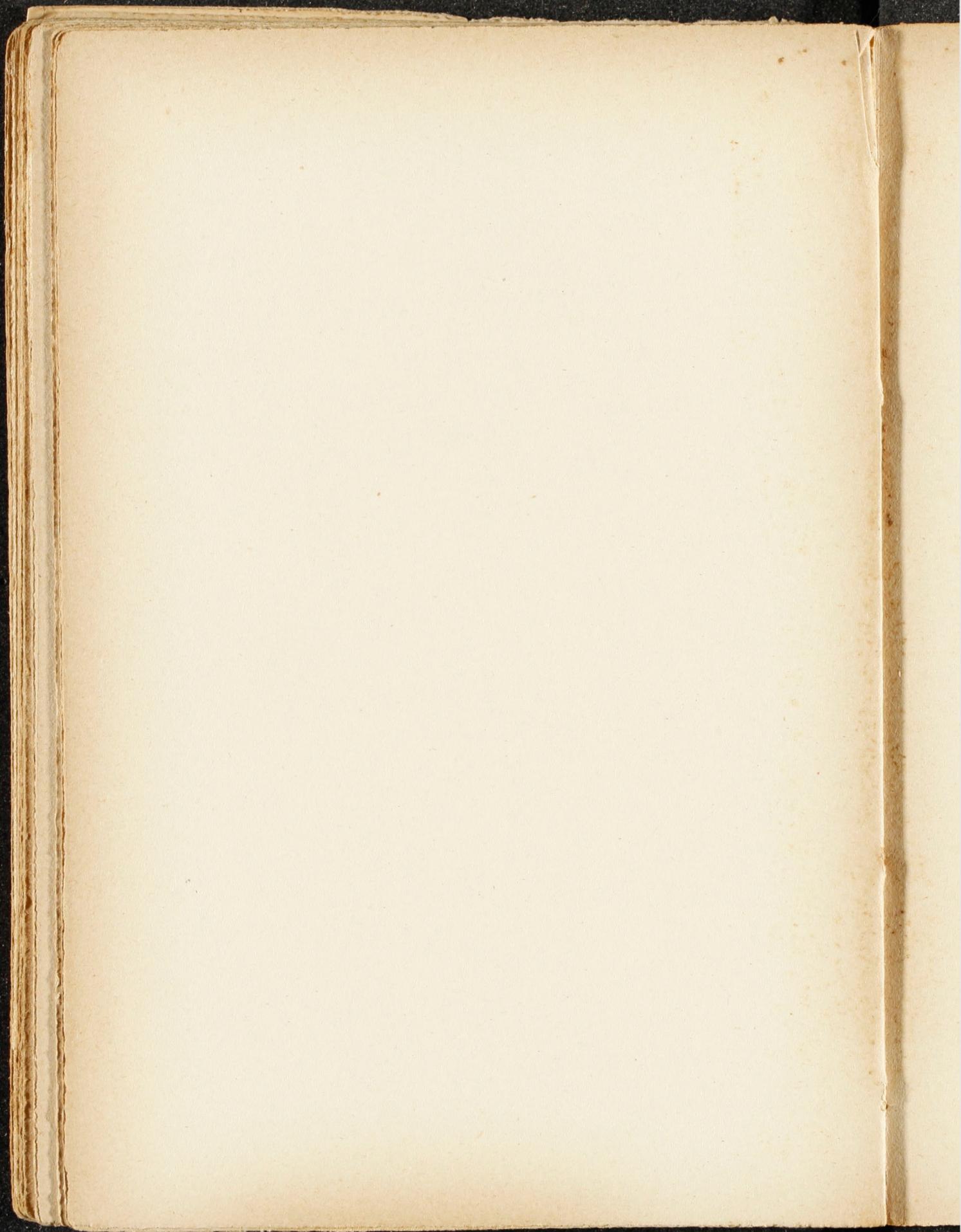
Quando as flôres murcharem pelas jarras,  
Nem luz de festa houver no altar pcento,  
E pela nave do meu templo escuro  
Passar apenas sussurrando o vento . . .

Como uma flôr de fogo desbrochada  
Num solo merencorio e solitario,  
A tua imagem pura e irradiante  
Dará luz no interior do meu sacrario.

E, que me importa a luz de cem mil cirios,  
Sendo tu uma alampada sagrada,  
Que sobrevive do esplendor da festa,  
Sempre a arder na capella abandonada ?...

---

NÃO RASGUES TEU NOME



*Numa pagina de livro de E.*

PELLETAN.

Que anjo do desespero,  
Encarnado em grito horrendo,  
Me atravessa o labio e o fere  
Como espada em chamma ardendo ?

Que quer dizer este brado  
Nos labios meus a ulular,  
Como quem sae dos abysmos  
A' superficie do mar ?

Que fazes ? que profanaste ?  
Aonde atreveste a mão ?  
Quem vê o sol, basta um dia,  
Nunca mais deslembra-o, não.

Monta o pallido ginete,  
Sobe a collina de além,  
Viaja o valle da morte,  
Quem te ha-de esquecer ? Ninguem.

Elias do pensamento,  
Sacode o pó dos teus pés,  
Monta o teu carro de fogo,  
Sobe : — sabemos quem és.

Teu nome não te pertence :  
Não t'o podes mais roubar :  
O vento escreveu-o nas folhas  
Do seu livro secular.

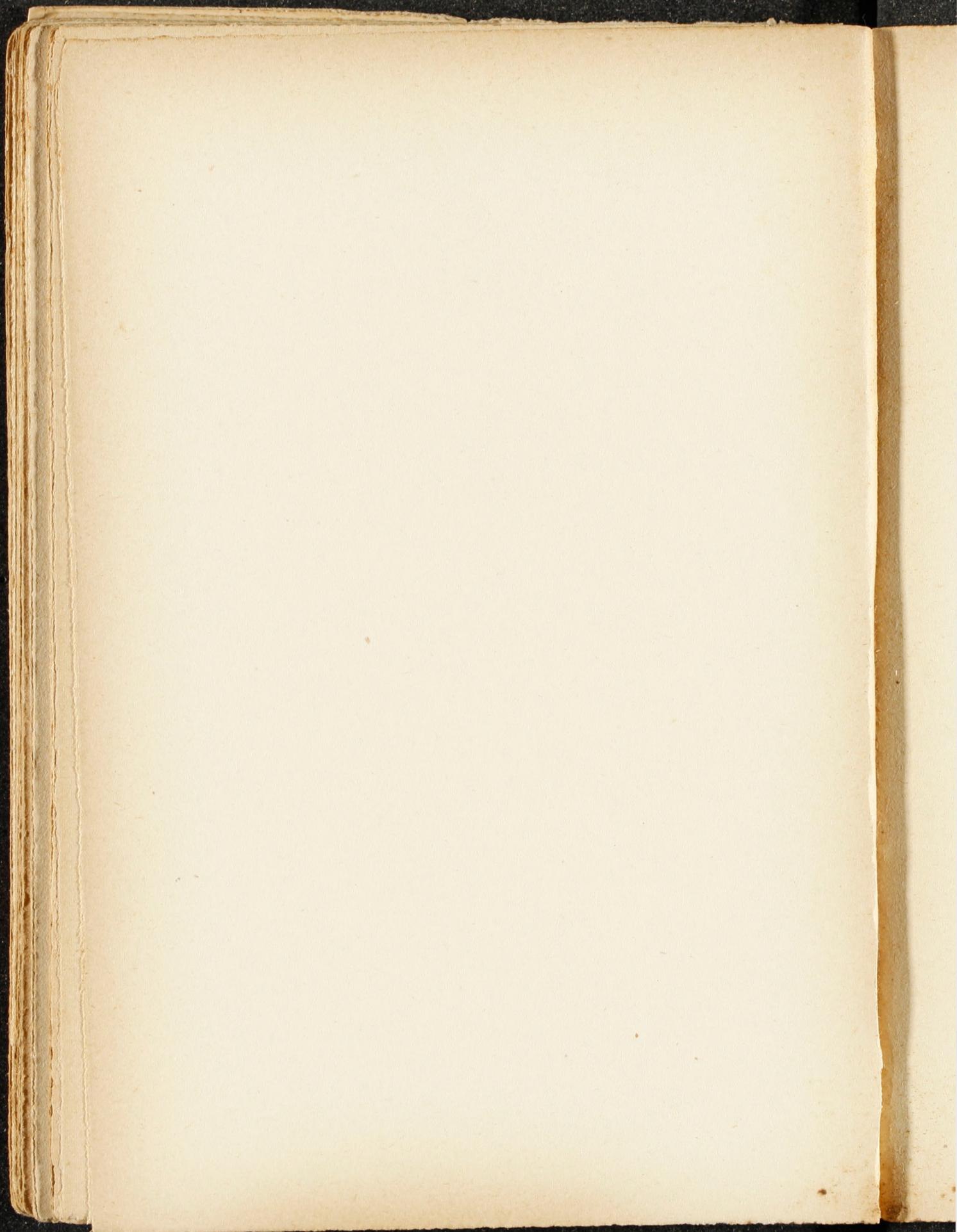
O tempo vinga esta injuria :  
E' um cofre d'oiro a historia,  
Onde ha-de soar teu nome,  
Lançado por mão da gloria.

Oh ! teu futuro é bem lindo,  
Como o meu é feio e agreste,  
Como vinga o teu loureiro !  
Como cresce o meu cipreste !...

\* \* \*

Logo que appareceu "Le Monde Marche" de E. PELLETAN, esgottaram-se os exemplares nas livrarias. TEIXEIRA DE MELLO, o poeta de "Sombras e Sonhos", emprestou o seu exemplar a LUIZ DELFINO, rasgando a parte da pagina em que lançára o nome. Na mesma pagina foram escriptos estes versos.

SCISMANDO



I

Em baixo o mar, que se desfranja immenso,  
E em cima o céu a arder,  
E o sol, ossada de real cadaver,  
No tumulto a descer,

E no oriente, num cochim de prata,  
A estrella se reclina,  
Olhar da noite vigiando o dia,  
Por detraz da cortina,

E a brisa com os azues cabellos soltos  
Brincando pelo bosque,  
Batendo as leves, perfumadas asas  
Nos vidros do kiosque,

E o batel preso á margem da corrente,  
Ondulando ao seu grade,  
Como minha alma ao corpo, oscilla e treme,  
Batel á praia atado.

Lembras-te, ó Virgem, deste quadro bello,  
Que hontem vimos d'alli,  
Tu sentada na relva da collina,  
E eu ao pé de ti ?

## II

Sonhemos juntos, na estação das flôres,  
Sonhemos em mudez :  
Eu na frente o vulcão, o incendio, a lava,  
E tu a pallidez :

Eu a rosa em que o sol perfuma as tranças,  
Eu a rosa de amor :  
Tu o lyrio, que a tarde traz no seio,  
O lyrio do pudor.

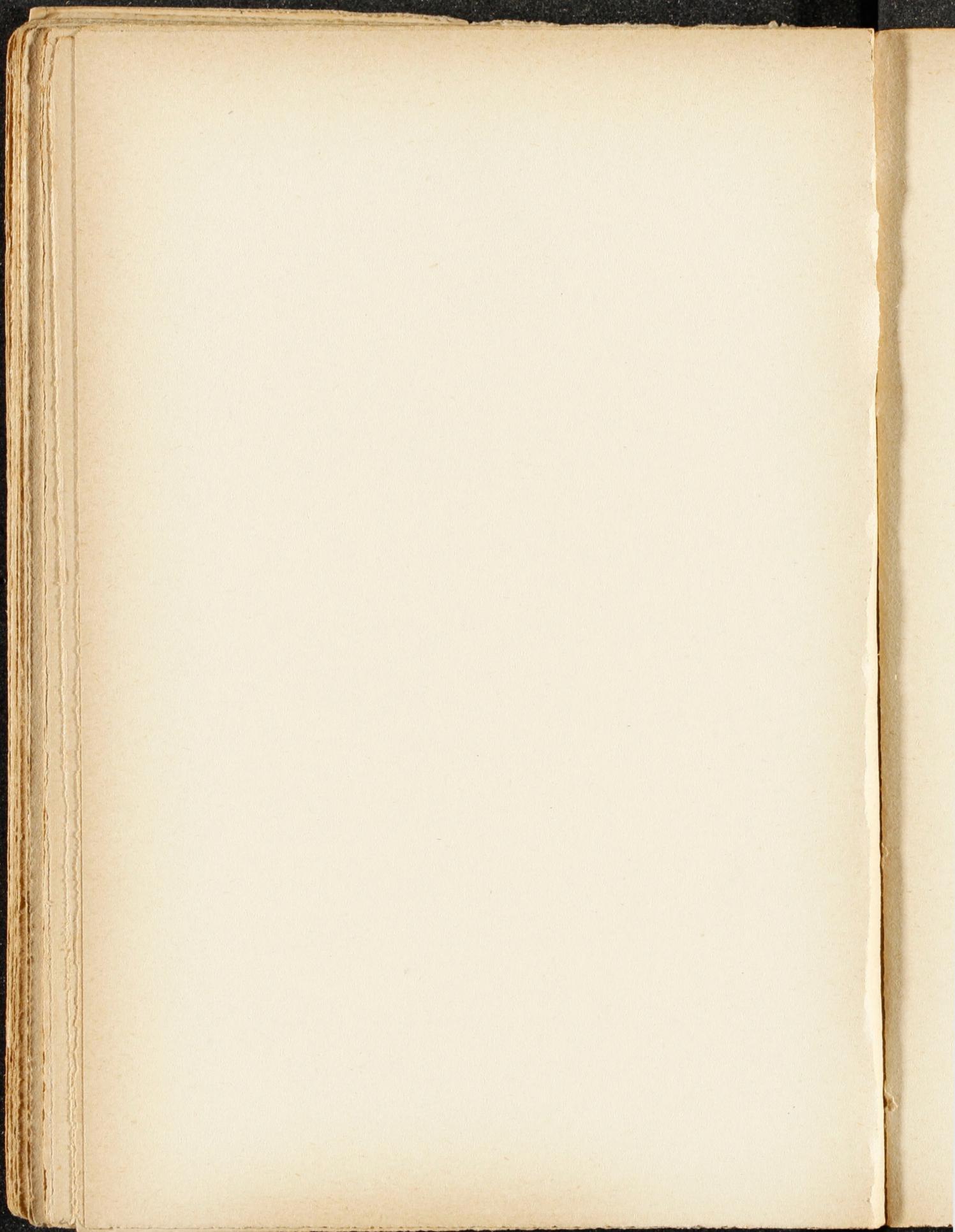
Oh ! nestes sonhos que vaporam d'alma,  
Como um doce perfume,  
Nestes deliquios, nestes longos extasis  
A vida se resume.

A vida bella, que sacode aos ares  
O seu manto odorento,  
Como a palmeira d'Asia o véo de amores  
Na passagem do vento,

A vida bella na celeste idade,  
Em que tudo a scismar,  
Pela escada de sêda da esperança  
Despenha-se no ar.

Ai ! sonhemos, ó Virgem de olhar doce,  
De languido pallor,  
Tu os sonhos de Deus na frente bella,  
Eu os sonhos de amor . . .

A VIDA



*Num album.*

A vida é taça d'oiro, ou prata, ou argilla,  
E sempre a quer a mocidade cheia :  
Doiradas illusões fervem-lhe dentro,  
Como orvalhos em páramos de arcia.

A vida é rio, que murmura, ou brada,  
Ora na matta á sombra de arvoredos,  
Ora em deserto, em leito nu, sem flôres,  
Que vae em mar sem fim morrer bem cêdo.

A vida é flôr em cima de uma vaga,  
Que em molles asas leva á praia o vento :  
Mas essa praia é o collo de uma virgem,  
Um loiro, um goivo, o espinho de um tormento.

Desata a vida por serenos valles ;  
Não te despenhes de alcantil sombrio ;  
Paga-te a queda o estrepido ululoso,  
Que não vale a mudez de um claro rio ;

De um claro rio, espelho transparente,  
Que entre as rosas da aurora o céu afaga,  
Que embala a tarde, nos seus véos doirados  
Pondo uma estrella á flôr de cada vaga.

Assim sereno, assim suave e calmo  
Passa silente á sombra da collina ;  
E a propria relva, que lhe enfeita as margens,  
A dar flôres gentis o rio ensina.

Na taça d'oiro de innocentes crenças  
Enche a existencia, que tão branda corre ;  
Sem nome, mas tambem sem longas maguas,  
Ama a mulher, a Deus, a Patria... e morre.

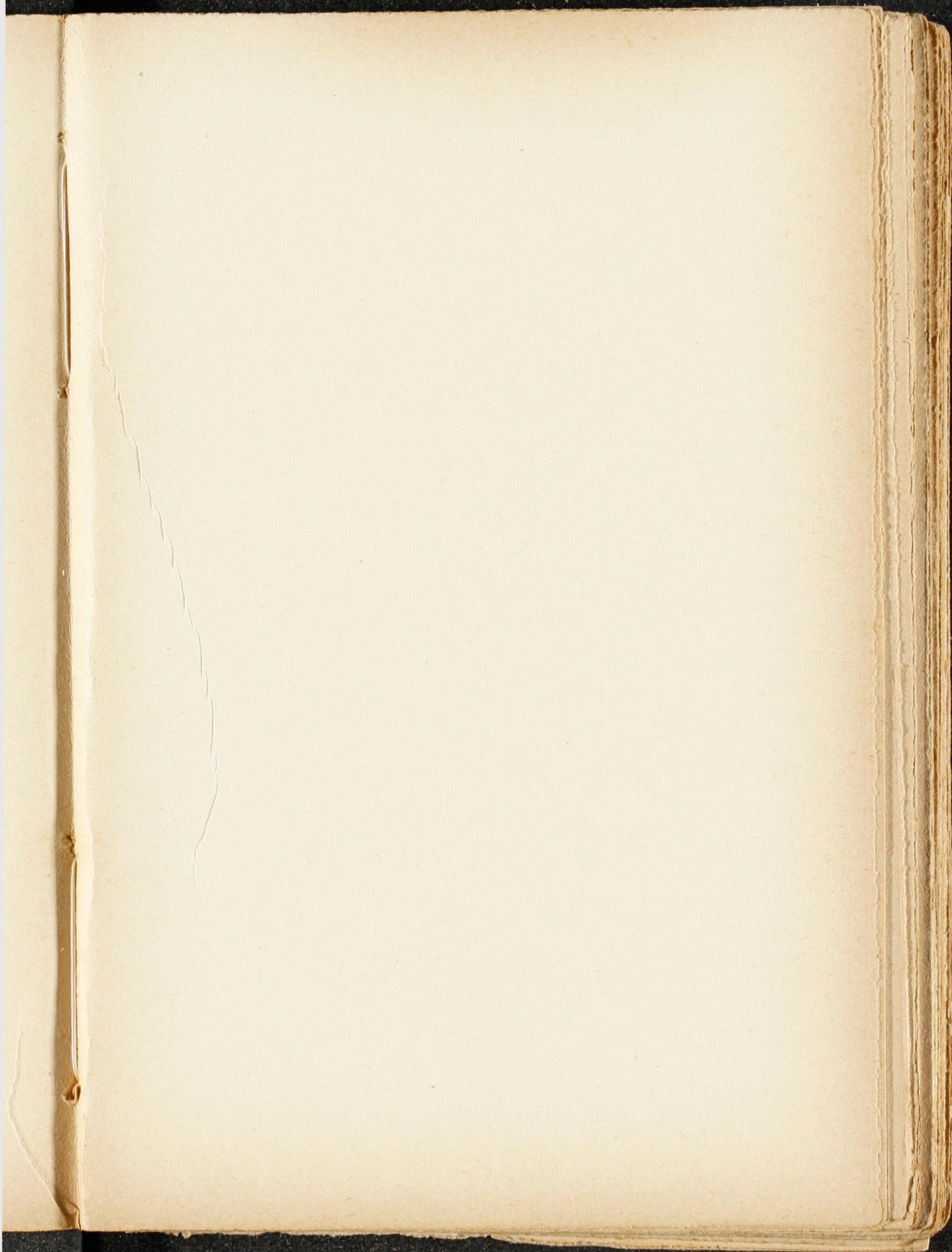
Não vás aos cimos desnichar as aguias ;  
Não vás aos bosques perseguir as feras :  
Deixa que o sol de luz os pés te banhe,  
Vê á noite a brilhar milhões de esphas.

Luctar com mares não sabidos para  
Novos mundos achar, é só de poucos :  
Esses vivem a gloria, e sombra, e sonhos,  
Esses são sempre martyres e loucos.

Ai ! as visões ! essas visões eternas,  
Esses phantasmas d'oiro, a que passado  
Arrastam após si uma existencia...  
Não sigas... Foge ao abysmo inda ignorado.

Ninguem é Prometheu sem ter dos deuses  
Feros, torturas, quedas desastrcsas :  
Melhor vida é viver indo entre lyrios,  
E dormir, acabando, em chão de rosas.

A ABELHA



Soyez bien reveillée !

CAZOTTE

Que vens tu fazer, abelha,  
Lindo insecto zumbidor ?  
Que vens tu zumbir ao vento ?  
Que vens tu zumbir á flôr ?

Eu sei, insecto innocente,  
Que para teres teu mel,  
Matas a flôr, em que pousas.  
A linda flôr do vergel.

Eacostas teus beiços d'oiro,  
Teus lindos, doirados pés  
No collo rubro das rosas :  
Se ellas não sabem quem és !

Porque sua irmã te julgam ;  
E julgam, quando te vêem,  
Que és uma flôr sem raizes,  
Ou uma flôr que asas tem.

E depois teu beijo é doce :  
Sabe tanto o teu zumbir !  
E a flôr inclina a cabeça,  
E pensa que vae dormir.

E pensa que o somno é bello ,  
Que n'outro dia hão-de vir  
Com a aurora os mesmos orvalhos,  
Com o sol o mesmo sorrir :

Que nos teus braços, abelha,  
Ai! nos teus braços de irmã,  
Ha-de embalal-as a noute,  
Achal-as ha-de a manhã.

Eu sei, abelha doirada,  
Eu sei, qual é teu ardil :  
E's como a aranha ; a teu modo  
Urdes a rêde subtil.

Mas essa rêde é mortalha :  
Mesmo assim fina, como é,  
Ai! quem tocar a mão nella !  
Ai! quem deitar nella um pé !...

O' linda flôr, foge d'ella.  
Foge della, ó linda flôr,  
Esse insecto d'asas d'oiro  
Canta, mas olha, é traidor.

Ha-de dizer-te : — és a joia  
Do esmeraldino roupão,  
Que cac dos hombros dos montes,  
E tolda em pregas o chão :

Ha-de chamar-te : princeza ;  
E o teu solio ha-de beijar :  
E ha-de dizer : — tem bem pouco,  
Quem ter merece um altar :

Que ha-de salvar-te á tormenta,  
Se a fria chuva cahir :  
Mas de uma corôa de orvalho  
A fronte te ha-de cingir.

Da noite o orvalho é diamante,  
E' sem rival seu fulgor ;  
E accorda assim enfeitada,  
Mais linda a mais linda flôr.

E ha-de dizer-te inda a abelha,  
Que durmas, sem te affligir ;  
Que nem as mesmas estrellas  
Ao teu poisal hão-de vir.

Que na tua molle cama,  
(Que cheiro os lençoes não têm !)  
Que nas cortinas, no berço,  
Ninguem bolirá... ninguem...

Que as tranças de oiro, ligeiras  
Que em ondas vem a rolar  
Da espadua negra da noite,  
Que tem a fronte a estrellar...

Com pés calçados de sombra  
Sobre a terra a caminhar,  
Não hão-de em teu seio puro  
Não hão-de se perfumar.

Flôr, ficarás encantada,  
Tu te has-de julgar feliz,  
De teres, quem te ama tanto,  
Quem tantas cousas te diz.

Que extremos!!... Ter amplo o espaço!  
Livre o céu, bem amplo o ar!  
Ter asas, e não deixar-me!  
Oh! ella é quem sabe amar.

Sim! eu de certo amaria  
Tão boa amiga; sei bem:  
E' linda: e além de linda  
Quasi é minha irmã também

Mas eu furtára um momento,  
A tão extremoso amor,  
E fôra ao valle vizinho,  
Sahira a vêr outra flôr:

Subira ao céu: minhas asas  
Molhara-as em seu clarão;  
E até em pensal-o, o juro,  
Sinto-me humilde no chão,

Pelos pés acorrentada,  
Presa enfim pela raiz,  
Embora me veja amada,  
Sinto-me sempre infeliz,

O' abelha, abelha, abelha,  
Abelha gentil irmã ;  
Deves pois amar-me muito !  
E's bôa, quanto és louçan,

Dorme commigo em meu berço :  
A noite vem, a chegar,  
E a brisa que ha-de embalar-nos,  
Vem lá dos lados do mar —

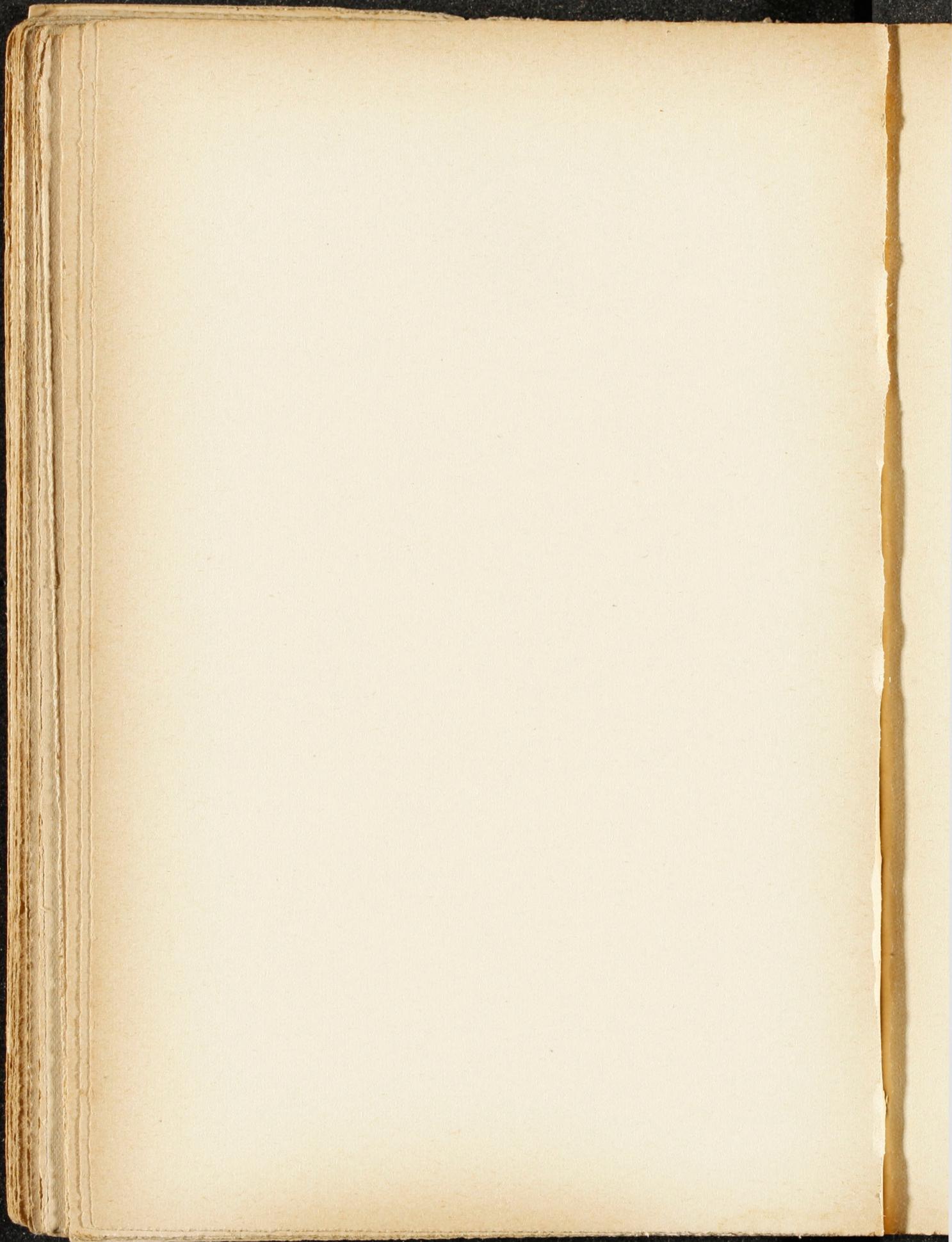
E abrirás o teu berço  
De seda, d'oiro, e setim,  
Flôr bôa, — Abel das campinas, —  
A' abelha, — seu mau Caim.

E penderás a cabeça ;  
E quando a fores pender,  
Conhecerás, mas já tarde,  
Ir nesse somno morrer.

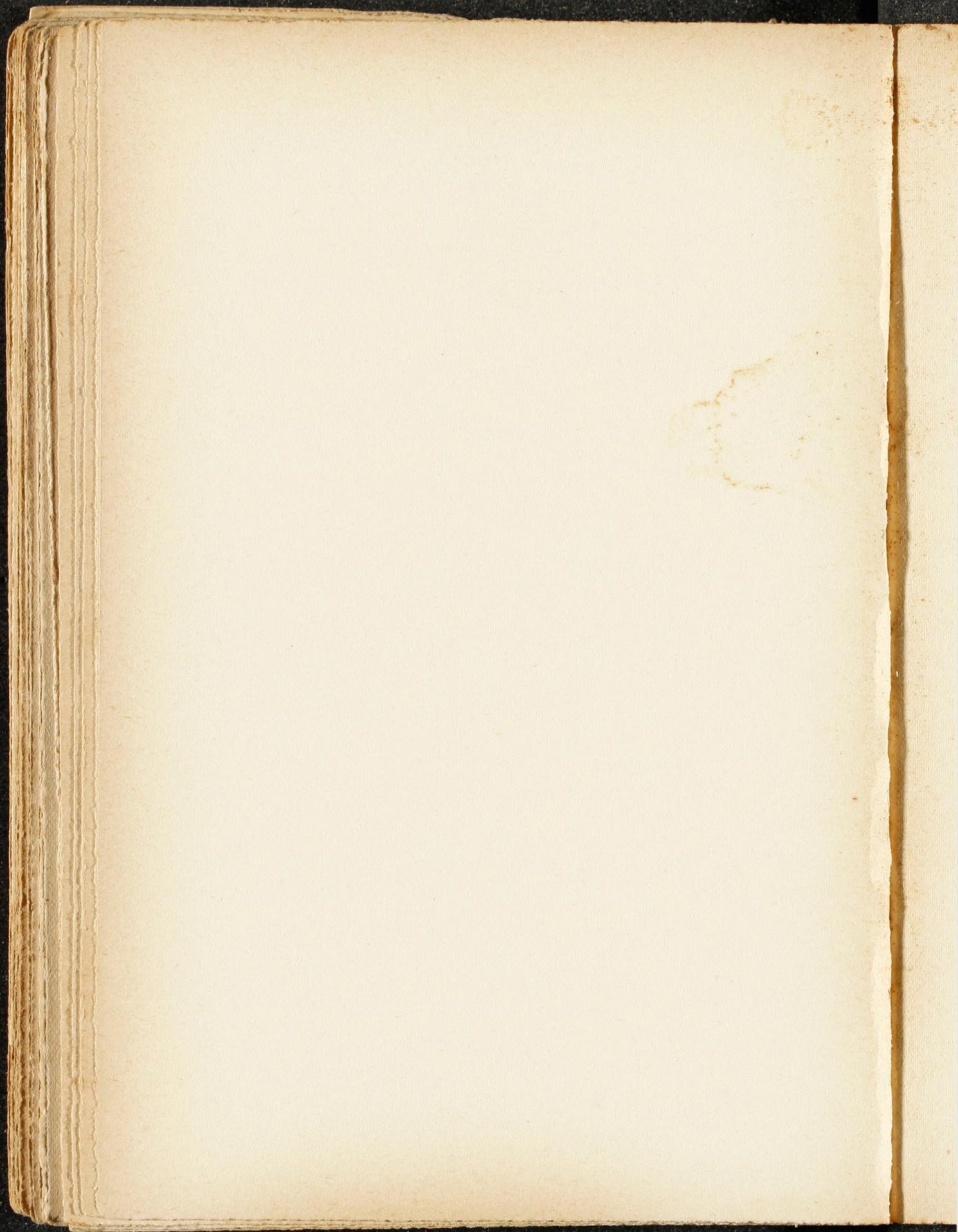
E hão-de emcontrar n'outro dia,  
Já sem perfumes, sem côr,  
No teu berço mutilado  
O teu cadaver de flôr.

Maldita, maldita abelha,  
Que para fazer teu mel,  
Matas a flôr em que poisas,  
A linda flôr do vergel.

---



O NOME



*No album de minha irmã*

Do nome a lembrança ao menos  
No teu album queres tu :  
Nem como o filho de Venus,  
Tem asas, sendo elle nu . . .

Nu, sem asas, sem historia,  
Junto a um ossario sem cruz,  
Não ha-de o anjo da gloria  
Dar-lhe em tôrno branda luz ;

Alumial-o aos vindoiros,  
Vêl o na campa surgir  
No meio desses thesoiros,  
Com que se paga ao pcrvir.

Mas abençoado seja,  
Quem o loureiro creou,  
E o espinhal, que viceja,  
E o pé que um dia o pisou.

Vá pois, minha irmã querida,  
Meu nome e o meu coração,  
O nome, e a fonte da vida,  
Flôr secca, e extincto vulcão.

Irmã, modesto regato,  
Sem ondas e sem fragor,  
Nas margens virente matto,  
No matto innocente flôr.

Flôr de candura, cheirosa  
De perfumes matinaes,  
Se mais bella ou se odorosa.  
Não se sabe o que ella é mais.

Recebe o meu triste nome,  
E guarda-o em teu seio bem.  
Que de ti ninguem o tome,  
Que não o saiba ninguem...

O meu nome sem ruido,  
E o meu mudo coração,  
Como um som esvaecido  
Sobre as cinzas de um vulcão.

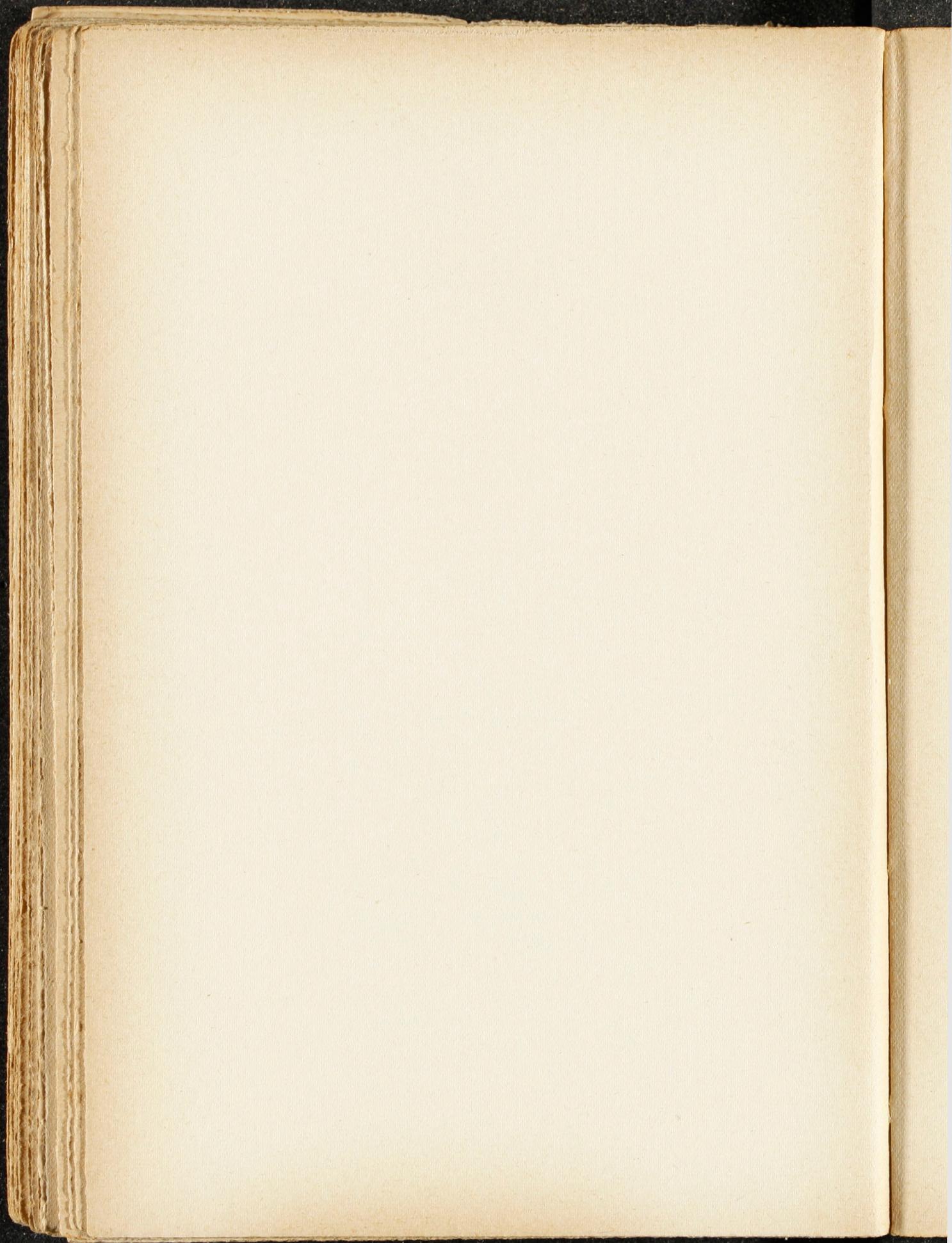
---

Como a folha que segura  
A um galhinho inda está,  
Nas ondas dessa agua pura,  
Que é tua vida, que vá...

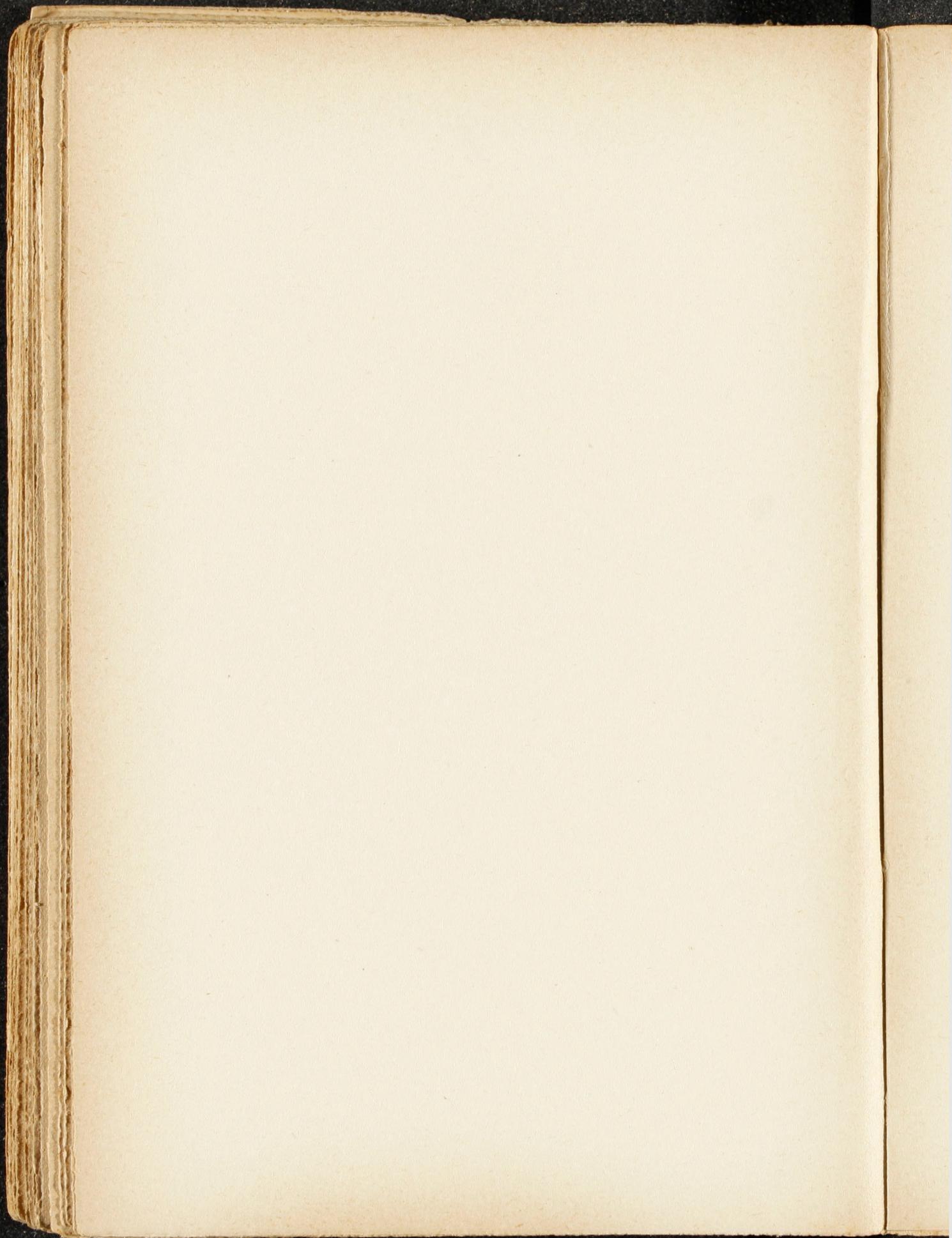
E enquanto elle vae... enquanto  
Teu santo balsamo cae,  
Faz-me o teu balsamo santo  
Erguer da campa meu pae...

O nosso pae, irmã boa,  
Que vendo a nossa união,  
Com uma mão nos abençoá,  
Sobre nós põe outra mão...

---



A AVE DO AMOR



*Lasciate ogni speranza...*

DANTE — *Inferno*

Que ave de paz lá vem, trazendo em cuidados  
No tenro bico tão mimosas flôres,  
— Talvez colhidas de rosas de sonhos,  
— Talvez medradas em vergeis de amores ?

Que encantadora que é! voga no espaço  
Como na mente a idéa de ventura,  
Como um sorriso a espreguiçar-se languido  
A' flôr dos labios de uma virgem pura.

Vem mais serena que a canção que passa  
Do coração ao labio, onde fluctúa  
Sustentada nas asas da harmonia,  
num céu de outomno a lua.

Avesinha do amor, vae com teus ramos  
Fazer teu ninho ; veiu a primavera :  
Adeus ! vae ser feliz. Adeus ! sê livre !  
Oh ! tão livre e feliz quem ser pudera.

Vae : não pares aqui. — Mas ai ! mau fado...  
Mau fado teu, onde poisar vieste ?  
Não havia algum campo mais viçoso ?  
Ha por ahi vergel menos agreste.

Que queres tu de mim ? — Ai ! desgraçada !  
Sabe-o Deus, para mim já que assim corres,  
Se desejo asylar-te !... Mas não posso :  
Vaes morrer, infeliz ! — Coitada, morres !...

O' não venhas, por Deus, ave, não venhas  
Fazer teu ninho, e assim morrer tão cêdo  
Num fundo abysmo, namorando a grimpa,  
Que ao pé se eleva de alcantil penedo.

Minha alma hoje é um sepulcro escuro e feio,  
Meu coração terreno montesinho,  
Inda que se ergue pelo mundo, altivo...  
Ai ! da avesinha que ahi fizer seu ninho !

Pobre infeliz ! Nem sabes que tormenta  
Anda num céu de pavoroso inverno,  
Aonde o sol das illusões é frio,  
Onde a descrença é um pegão do inferno.

Degradado do Eden dos meus sonhos,  
Vou ás vezes á porta prohibida  
Chorando, como Adão, e inda ouço ao longe  
Dulias de anjos da mansão perdida...

Mas ai! o desengano é gelo, é morte,  
P'ra as flôres d'alma um furacão eterno!...  
Pobre infeliz! nem sabes que tormenta  
Anda num céu de pavoroso inverno!

Quando se encara o nada desta vida,  
E a fôfa pompa a que este mundo aspira,  
E só se encontra no pequeno e grande  
Vaidade, orgulho, estupidez, mentira:

Quando se tem de manejar a intriga,  
A adulação vestir com phrases de oiro,  
Como um verme asqueroso andar de rastos,  
Para depois se haver um vão thesoiro:

Tropeçar na miseria a cada passo,  
Vêr que a fome ao seu lado a voar ande,  
P'ra matal-a manchar as mãos de sangue,  
Depois na rua blasonar: sou grande!...

Roubar ao orphão o pão, e á viuva triste,  
Fazer suar a esqualida pobreza:  
Subir pelos degraus do crime a passo,  
Até chegar ás salas da grandeza!...

Olhar lá do alto a mesquinhez dos outros,  
Vêl-os vergar; pisar-lhes sobre o collo,  
Julgar que delles os separa um mundo,  
Quando é só a traição, o crime, o dolo!...

E nós pensamos que nossa alma é um templo,  
Que tem pcr tochas grandes pensamentos,  
Ardendo ante o altar de sans idéas,  
Mas nunca em aras de idolos poentos!

Que este craneo é uma alampada eviterna,  
Pendendo accessa desse tecto immenso,  
A distillar suavissimos perfumes  
De ambar e aloes e myrrha e nardo e incenso!

Mas qual!... E' uma taberna e pobre, e suja,  
Onde a plebe se ebria, onde vomita,  
Onde faz dissencões, onde blasphema,  
Onde ulula e pragueja, e ri-se e grita.

Taes são as sensações as mais austeras,  
Que á alma vão por qualquer das cinco portas;  
Lá se ebriam, lá brigam, lá se rompem,  
Lá se enervam, por fim lá ficam mortas.

E o craneo? Isso é um covil meio encoberto  
Por esta grenha de cabellos densos:  
Rasgado corucho, que as hervas cosem,  
E em que andám bandos de aves más suspensos.

E quem dirá, que occultos não voltejam,  
Sinistros, como sombra em corredores  
Projectada por lampada mortíça,  
Na mente atans, e ansias, e amargores?

E os que tem alagado o rosto em luzes  
De um riso, que do labio está pendente,  
Como lustre do portico de um paço,  
Cheio de festa, de prazer, de gente?

E dentro? Não passeis daquellas portas:  
Vos mente o coração; é chagas todo:  
Fructo, — oiro por fora, e a massa vermes;  
Lago, — prata na flôr, no alveo lodo.

Homens, quereis saber quem sois ? Um dia  
Ide sós, ermos, longe da cidade  
Vêr roçar pela face azul do oceano  
As asas do dragão da tempestade :

Ide ás florestas nos festins das brumas,  
Negro o céu, densa a noite, o vento forte,  
Rugindo aos sons do cedro, que desaba  
Como um riso de escarneo aos ais da morte :

Ide... e ouvindo o estalar dos galhos seccos,  
Que imita de um cadaver as passadas,  
Que entre as brenhas, ao entrechocar dos ossos,  
Bate palmas ao raio, em gargalhadas !

Meus amigos, trazei as vossas taças,  
Enchei-as neste oceano de luz pura :  
Barca d'ouro é uma nota de harpa joven,  
Que erguendo ondas de um mar de luz, murmura,

Desfralda as velas como um cysne as asas,  
Cortando um mundo immenso da harmonia,  
Traz cada vaga um pensamento d'ouro,  
Um ramo de coral da phantasia.

Meus amigos, trazei as vossas taças,  
Ide enchendo-as da luz que um canto escorre :  
Hoje eu canto : amanhã ? não sei : quem sabe ?  
O cysne canta, e quando canta, morre...

Meus amigos, gravae bem na memoria :  
Um thesoiro não vale uma impostura ;  
Uma acção vil macula a vida inteira ;  
Uma virtude vale a sepultura.

Abri... abri caminho a vis escravos,  
Olhos torvos, copando a frente o loiro :  
Do que arrasta a zombar grilhões de ferro,  
E a arrastar — vis! — os seus, por serem d'oiro.

Deixai-os, sim! — As aves, que de noite  
Dando d'aqui, d'alli um curto salto,  
Como não vêem de dia o vôo da aguia,  
Não crêem que possam céu pisar mais alto.

Eu não : eu triste, que só tenho um'harpa,  
Abordado e mudo peregrino,  
Como um cysne batendo as asas brancas,  
Sem deixar rasto, sigo o meu caminho...

Tambem ás vezes sobre a estrada paio :  
Olho o mundo a soslaio, e vejo o espaço  
Pejando gralhas, cujas ricas pennas  
Roubaram dos pavões : ergo-me e passo.

Paio além : olho ; e então dou té que o homem,  
— Rei desthronado, — ensaia um vôo ainda  
Ao reino, d'onde foi por Deus lançado :  
Delira ; — mas o arrojo seu não finda.

E' verdade : nossa alma, — essa aguia immensa —  
Abre as asas vaidosa, e aos céos remonta :  
Eil-a quasi a empolgar um astro... empolga...  
Quasi... Mas lá naufraga em luz, de tonta.

Tantos mundos, que em chammas arrebentam,  
Tanta gloria no azul do céu traçada !  
Que não dê um rasgão em tanto arcano !  
Que veja tanto ! que não saiba nada !

E' grande só quem não levanta os olhos,  
Para acima de si vêr cousas bellas.  
Quem tem aos pés milhões de soes, de mundos,  
E muito abaixo as nuvens e as procellas.

E' grande quem não volta a frente ao vento,  
Que lhe sacode o pó da terra á cara ;  
Quem os olhos não fecha á luz do raio,  
Que faz tremer de mêdo o vil que a olhára.

E' rico só quem com um desejo apenas  
Do nada um céu tão lindo desencanta,  
Quem pode só com um pé erguer mais astros,  
Que o pó dos campos, que o tufão levanta.

E' sabio só quem pode a tantos mundos  
Dar leis e ser o unico monarcha,  
Conduzindo-os mais calmo que um remeiro  
Conduz, cantando amor, num lago a barca.

E' bom sómente quem podendo tudo,  
Vendo o homem que quer ser rei, ser forte,  
Não despenha torrentes de coriscos,  
Chuvas de fogo, furacões de morte.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

E o que é o amor ? Um sonho inebriante,  
Que aos braços da mulher num beijo passa :  
Sembra a amizade que acompanha o fausto,  
Que se apaga, que foge ante a desgraça.

Ah! que as rijas lufadas das descrenças  
Varreram-me illusões! Conheço o nada  
Dos gosos deste mundo; e que má sina,  
Quem não tem de illusões alma enflorada.

Não ha mais para mim auroras lindas,  
Nem sol de encantos, nem scismar profundo;  
Só ouço os passos de uma turba louca,  
Só vejo trevas a reinar no mundo.

Ah! e o que é um coração de poeta,  
Onde a desgraça em rijos tufões brama?  
O que ahi pode florear? Nem cardos,  
Nem pobre relva, nem rasteira grama.

E' como a rocha á beira mar, sem viço,  
Onde o mar vae quebrar iroso a sauha!  
E' como a lança, que branqueja a neve,  
De esteril corôa de brutal montanha.

E então lá quando as aves de almos sonhos,  
Namoradas, como aguias, pela altura  
Desse alcantil, ahi em flôres vôam,  
Poisam na lagea de uma sepultura;

Qualquer rugir do coração as deita  
Ao abysmo d'alma!... Ai! teu adejo corta;  
Avesinha de amor, se queres vida,  
Não poises, não, aqui: poisando és morta.

Minha crença é não crer em cousa alguma,  
Menos em Deus, menos nas dôres, menos  
No fim de tudo, nas sombrias cousas,  
Que nos pedem, chorando, uns vagos threnos.

Vae buscar algum campo mais florido,  
Um vergel para ti menos agreste,  
Um coração, onde illusões vicejam :  
Para que a um calvo coração vieste ?

Mulher, se prezas tua felicidade,  
Quando me vires a sorrir um dia,  
Não creias, não, em mim : — é falso o riso :  
Oh ! não queiras amar estatua fria.

Se, no meu coração, fazer tentares  
Com pennas de illusões de amor o ninho,  
Vê : se queres viver, lembra o meu canto ;  
Corta teu vôo e deixa-me sósinho.

Deixa, na brenha do soffrer occulto  
Rochedo, o coração, como atalaia  
Do abysmo de minh'alma, até que um dia  
Raio de morte o despedace e caia.

Goivos, então, que hoje bordaes meu bosque,  
Livre estrada abrireis de galho em galho,  
Por onde passe á areia resequida  
O rocio da manhã, da noite o orvalho.

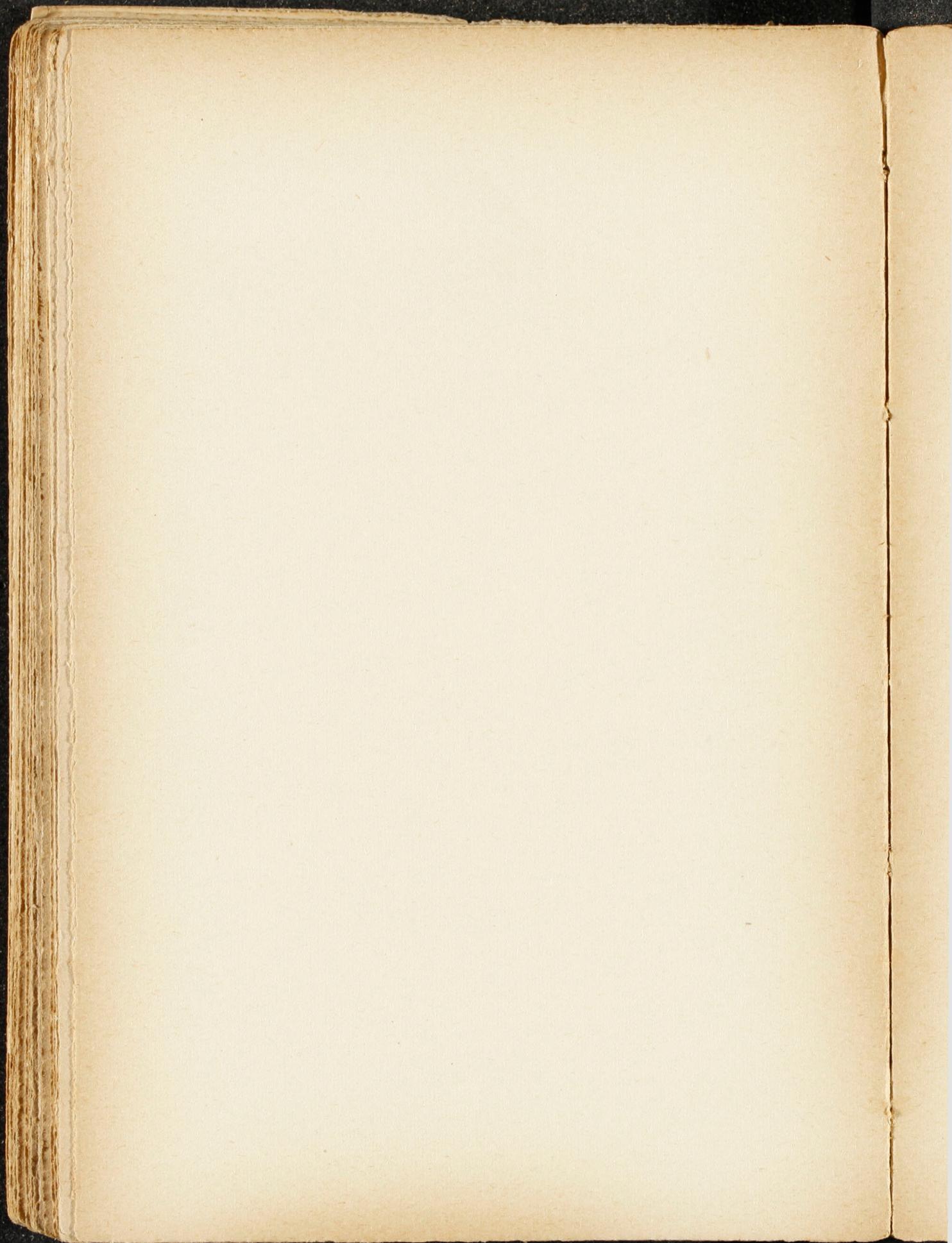
Porém, lá quando o sol quizer seus raios  
Calar, goivos, fechae, não quero flôres  
Num granizo esquecido, que não pôde,  
Emquanto coração, ser para amores.

E onde irás tu, meu pobre canto ? E's folha,  
Que aos soões da existencia entregue, corre ;  
Cahida já de uma arvore esgalhada,  
Inda que nova, mas que pende e morre.

Passarás pelo mundo, como passa  
Um suspiro de um peito desgraçado,  
Como uma gotta solta no oceano,  
No tumulto da vida abandonado.

Homens, porém, se algum de vós moteja,  
Se algum de vós em mim não crê tão pouco,  
Entregae-me aos baldões, passae felizes,  
Que eu irei só, como caminha um louco...

SALVE. O. LIVRO



*Num album.*

A' sombra do vergel coberto de loureiros,  
Onde os cysnes da Lysia e do Brasil rivaes  
Roubam á abelha o mel e o clarão aos luzeiros,  
Em melodicos sons, em cantos divinaes,

Vim sentar-me, conviva extranho, humilde, ignoto,  
Entre a turba de reis, que é cada um pensador,  
E erguer a voz tambem, tambem fazer meu voto,  
Mesclando aos seus laureis a minha pobre flôr...

Sonhei. — Vi do horizonte erguer-se um vulto armado,  
Com gesto de guerreiro antigo e colossal,  
E abraçar um mancebo a erguer-se do outro lado  
Tão grande que o cabelo era-lhe um florestal.

Tinha um rio enroscado á floresta ; — era o casco,  
Como serpente argentea em troncos a silvar :  
Na bocca enorme traz um enorme penhasco,  
Que, dissereis, ser ilha em verde e pleno mar.

Os pés punha-os tambem sobre outra egual serpente,  
Estendendo a lamber uberrimos vergeis :  
A imagem cri eu vêr do meu Brasil ingente,  
Que á fronte tem um rio e outro rio nos pés.

Levando aos hombros nus as vagas espumosas,  
Entre elles o oceano estortegava em vôo :  
Fronte a fronte no ar, alli os dois gigantes  
Firmavam num amplexo uma eterna união.

Emquanto á mente o quadro em sonhos me apresenta,  
E eu quero e aspiro vêl-o eternamente assim,  
De um e de outro paiz o genio aqui se assenta  
No mesmo livro como á mesa de um lestim.

O livro então parece o braço destinado  
A ter a humanidade em senda mais feliz,  
A ligar o Cruzeiro ao Tejo decantado  
E os montes de um paiz ao mar de outro paiz.

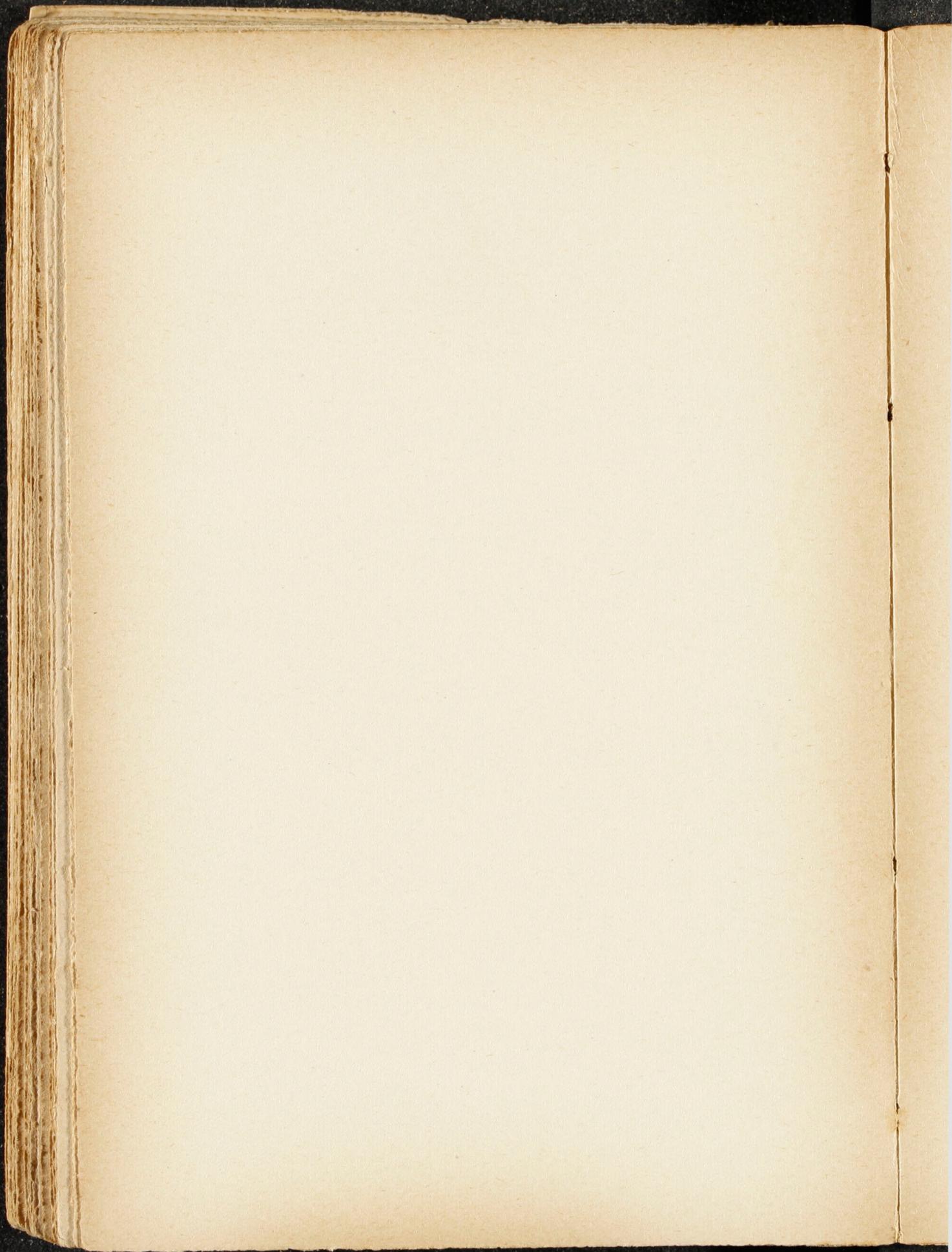
O livro é como o sol, aguia da immensidade  
Nos páramos do céu em vôo perennal,  
O facho que illumina o passo á humanidade,  
A espada que fulmina o anjo torvo do mal,

O raio que derruba as raias dos imperios,  
E nivela as nações e une povos e reis,  
Que faz o poeta vêr nos espaços ethereos  
Junto ao joven Brasil o ancião portuguez,

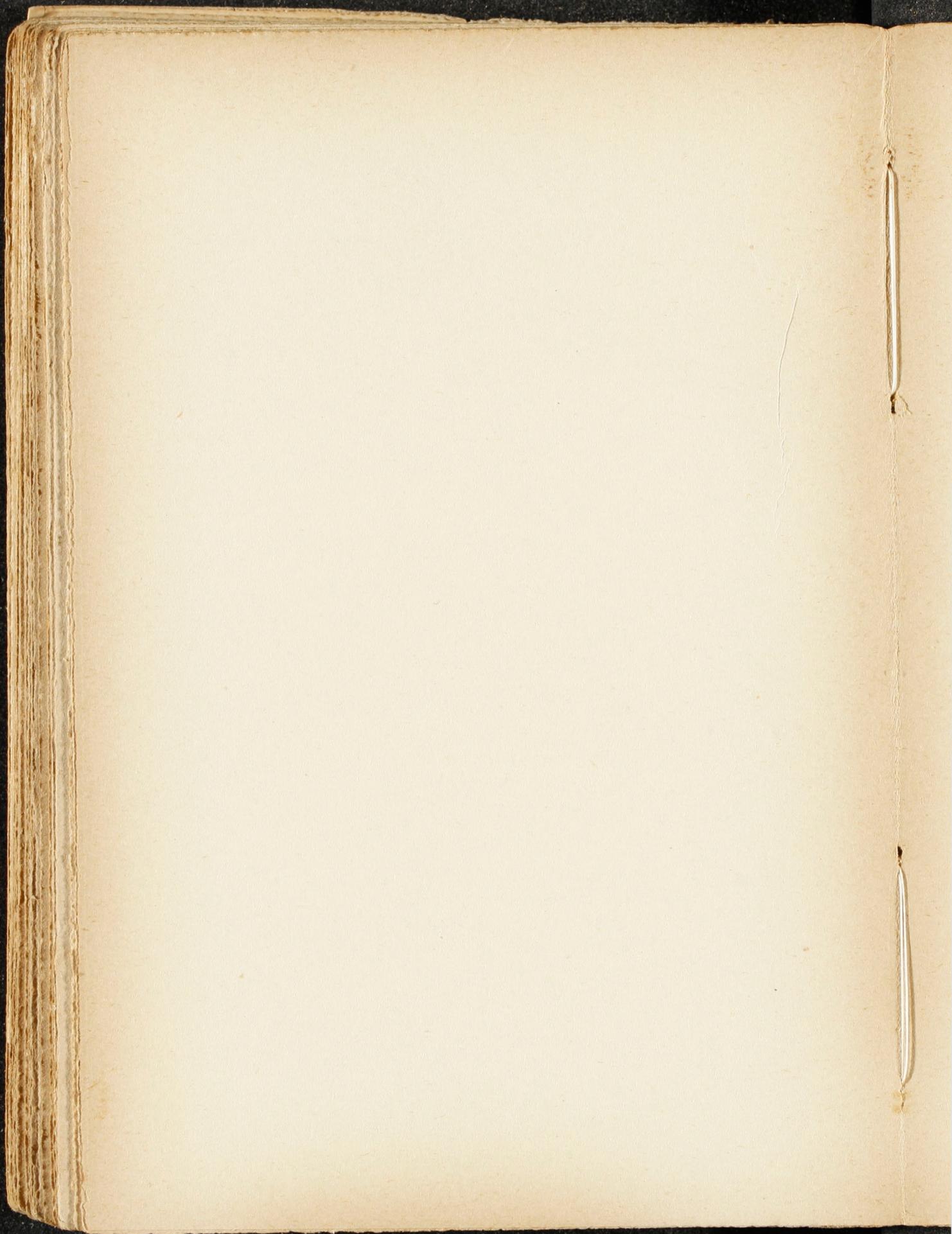
---

Caldeira refervente em que cae a pedaços  
A vida e o coração e a alma do pensador,  
Donde sae, pé em terra e a fronte nos espaços,  
Feita de sons e luz a figura do amor,

Elo santo que prende o mar grande ao vil lenho  
E ás divinas canções um tenue som de mais :  
Salve, ó livro, arca d'oiro em que guardar eu venho  
Meu pobre nome e unil-o aos nomes immortaes.



AQUELLA TARDE...



Quizera atiral-a ao espaço,  
Dar-lhe inteira liberdade...  
Cantar minha felicidade  
Aos montes, aos céos, ao mar :  
Quizera sentir o abalo,  
Que percorrêra por tudo :  
Mas ai ! devo ficar mudo ;  
Mas ai ! não devo falar.

Custa guardar um segredo !  
Custa saber que astro ignoto,  
Não sabido, em céu remoto  
Visto por mim a luzir,  
Deve ficar sepultado  
No seu ninho resplendente...  
É que hei-de eu só... eu sómente,  
Vê-lo, amal-o, e o não trahir.

Que ha-de ser como um abysmo,  
Como entranha que devora  
O resplendor de uma aurora,  
Sem ter poder de a mostrar :  
Contel-a por que não saia !  
Foi grande o meu fatalismo :  
Cahiu a perola no abysmo,  
E eu fui o abysmo do mar.

Agora sei o que custa  
O esconder a ventura !  
E' tão fraca a creatura !  
E' tão constante o soffrer,  
Que quando chega o momento  
Da menor felicidade  
Quer contal-a á immensidade,  
Quer dal-a a todos saber.

Não cabe um argueiro destes  
Dentro de suas entranhas,  
Elle que engole montanhas  
De obscuros dramas de dôr,  
Que cala todos os gritos  
De suas miserias brutas,  
Com as palpebras enxutas,  
Limpa a fronte de suor !

Chega o instante radioso,  
Morde no fructo doirado,  
Fica-lhe o labio banhado  
Do doce mel a luzir ;  
Quer esconder a ventura :  
Mas o gôso é tão profundo  
Que aos vegos olhos do mundo  
Quer e não pode mentir.

Argilla que estala, e deixa  
Pelas fendas entreabertas  
As essencias mais secretas  
Fugir... perder-se no ar.  
E a inveja que enruga a fronte,  
Por toda parte procura,  
Quem pôde o olor da ventura  
Deixar do vaso escapar.

Ai! desta fraqueza humana,  
Ou desta humana vaidade,  
Que esconder a felicidade  
Quer, e succumbe no afan!  
Miseria!... cobarde intamia  
Os nossos brios consomem,  
Mas o homem é sempre o homem  
Hontem, e hoje, e amanhã!...

Assim dentro de mim gira  
O ignoto astro, que veiu  
Metter-se dentro em meu seio,  
Encher-me de extranha luz!...  
Ai! se o descobrem acaso!  
Qualquer grito traiçoeiro  
Fará seccar meu loureiro,  
Fará nascer minha cruz.

Não! não o mostro; não posso:  
Bom grado o mostrava! E embora  
As flôres, a selva, a aurora,  
Astros, sol e dia, e luz,  
O mar, as nuvens, os montes,  
Noite, orvalho, primavera  
Me dissessem que não era  
Um astro, como suppuz!

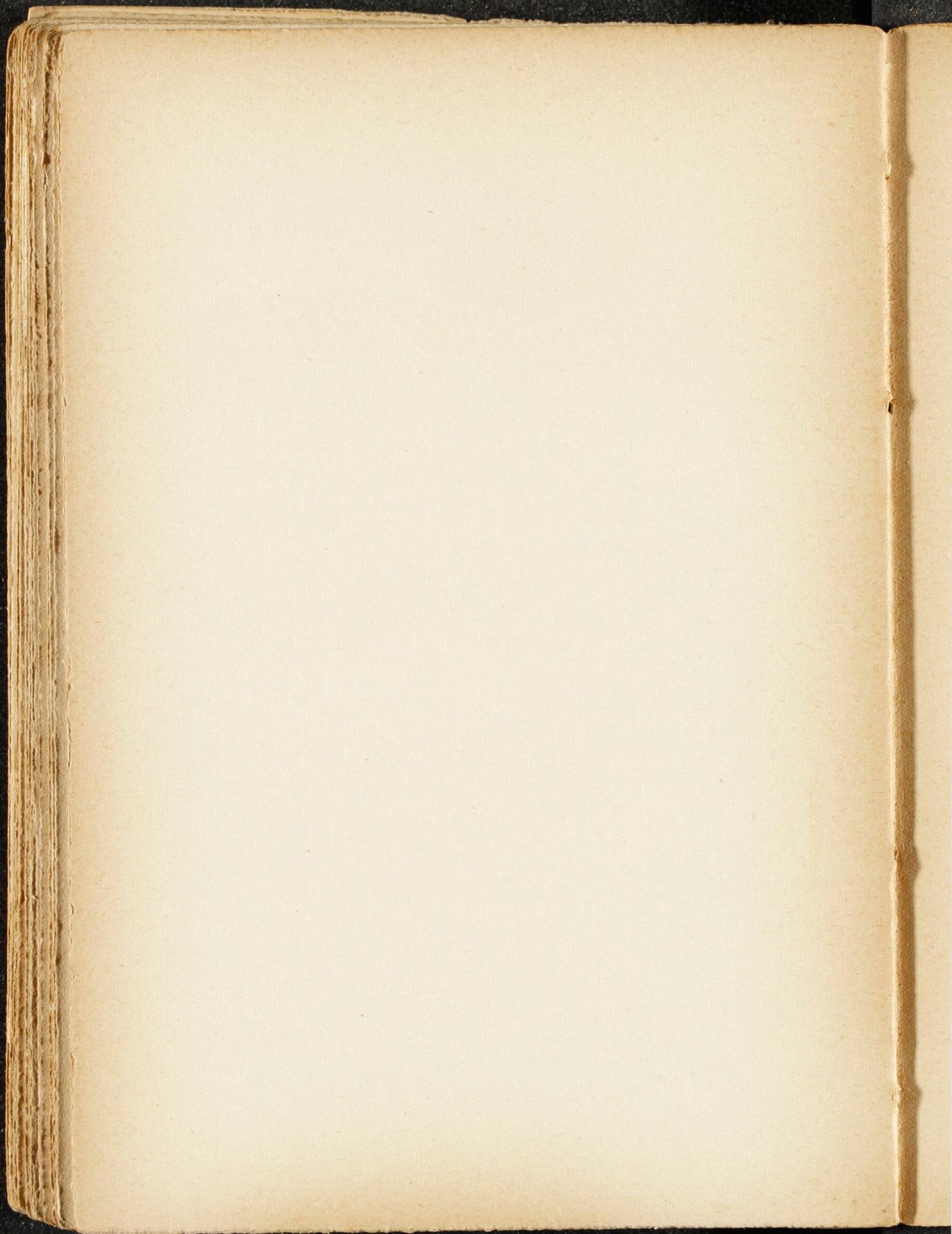
Podiam negal-o todos,  
Negal-o podia tudo ;  
Ficára estatico e mudo,  
Ouvindo todes negar,  
Emquanto o astro rolando  
No seu leito chammejante,  
Vinha com seu beijo amante  
Minha fronte illuminar.

Aquella tarde!... Quem dera  
Poder bem contar os annos,  
Que depois de tantos damnos,  
Ella então viver me fez!  
Aquella tarde!... foi seculos...  
Foi talvez a eternidade...  
Na taça da felicidade  
Bebi por primeira vez!

E' meu segredo!... Não digo ;  
Quasi não posso contel-o ;  
Mas ai! não devo dizel-o...  
Ninguem o deve saber!  
No dia em que alguém soubesse,  
Ao pé da minha ventura  
Abrira-se a sepultura,  
E só restava o morrer...

Assim limpido regato,  
Nítido fio de prata,  
Scintillante se desata  
A' sombra dos palmeirões :  
Mas se cortam as palmeiras,  
Onde a fonte se escondia,  
Foi o seu ultimo dia,  
A fonte não corre mais.

CRER E MORRER



Meu Deus, que mal te fez a creatura  
Antes de ser creada ?  
Para a fazer soffrer, ó Deus, sómente  
A tiraste do nada ?

Não vês ? — Passar a escala das torturas,  
Chorar desde o nascer . . .  
Beber a dôr no calice da vida,  
Bebel-a até morrer ! . . .

Lançaste o homem, como o vento a folha  
Que arrasta pelo pó :  
Teve a esperança, a duvida lhe deste ;  
Mas certo o soffrer só.

Em cada ruga a cicatriz do raio,  
Que o anjo fulminou,  
Palpa na fronte bella e em cada pulso  
O ferro, que o manietou.

Encelado cahido sob as ruínas  
De tudo que elevou ;  
Prometeu amarrado ao eterno Caucaso,  
Em que a dôr o deitou...

Eil-o misero ! E é isto o homem !... Isto  
E' tua obra, Senhor !...  
E com que fim fizeste esta obra hedionda,  
Mescla de barro e dôr ?

Fizeste o mar : pois bem, o mar é grande :  
Fizeste o céu ; pois sim !  
O céu inda é maior : e o homem fizeste  
Tambem : mas com que fim ?

Quem do creado se ergue ao que tu podes,  
Podes muito, Senhor !  
O mar o diz, o céu o atesta : o creado  
Proclama o creador !

Para que a dôr, a podridão, as fezes ?  
Para te comprehender,  
Para louvar-te, era preciso o homem  
Na dôr nascer, morrer ?

A dôr ! A dôr !!... Foi o primeiro leite,  
Que o homem amamentou.  
Para soffrer e comprehender-te as obras,  
E louvar-te, aqui 'stou...

Só ?... E' enorme !... Só ?... E' crime... Escravo  
Fizeste-me da dôr !  
Ai ! desvenda-te aos olhos de minh'alma,  
Senhor ! Senhor ! Senhor !

Eu não te comprehendi : eu não te entendo :  
Luz... luz ao pobre cego :  
Vou á mercê dos ventos, como a taboa  
Do naufragio no pego...

Vou, porque vou : a onda me arrebatá,  
O vento me conduz :  
Ouço-te a voz talvez, mas te não vejo ...  
Luz, para vêr-te, luz.

Fugiste, ó Deus, á nossa natureza  
Para céos mais distantes :  
Sê della e as mesmas leis hão-de prender-te  
Nas malhas cruciantes...

Rogar no pó do templo a fronte imbelle,  
Cantar em teu louvor,  
O peito lacerar com mãos convulsas,  
E' facil, meu Senhor :

Vão holocausto, com que tu não folgas,  
Que a pobre humanidade  
Faz por terror ; onde ha sómente o uso,  
Não amor, não piedade.

Ao que pensa, ao que quer estar comtigo,  
A vêr-te te não dás :  
Lá dentro do infinito e tu com elle,  
Lá muito longe estás...

Meu Deus, Senhor meu Deus, se um dia ao menos  
Não se dormir sem dôr,  
Na pedra tumular poisada a fronte  
Sob o véo do pallor...

Se em nós se enroscam, inda alli, as serpes  
De lentas agonias,  
Que envenenaram toda a nossa vida,  
Todos os nossos dias...

Então, Senhor, bemdiga-te a existencia  
Outro feliz, não eu :  
Quem á sombra da tua providencia  
Nasceu, viveu, morreu :

Que eu farto de soffrer, sinto a blasphemia  
Os meus labios queimar :  
Deus, ao menos de té colma minh'alma ;  
Ensina-me a esperar...

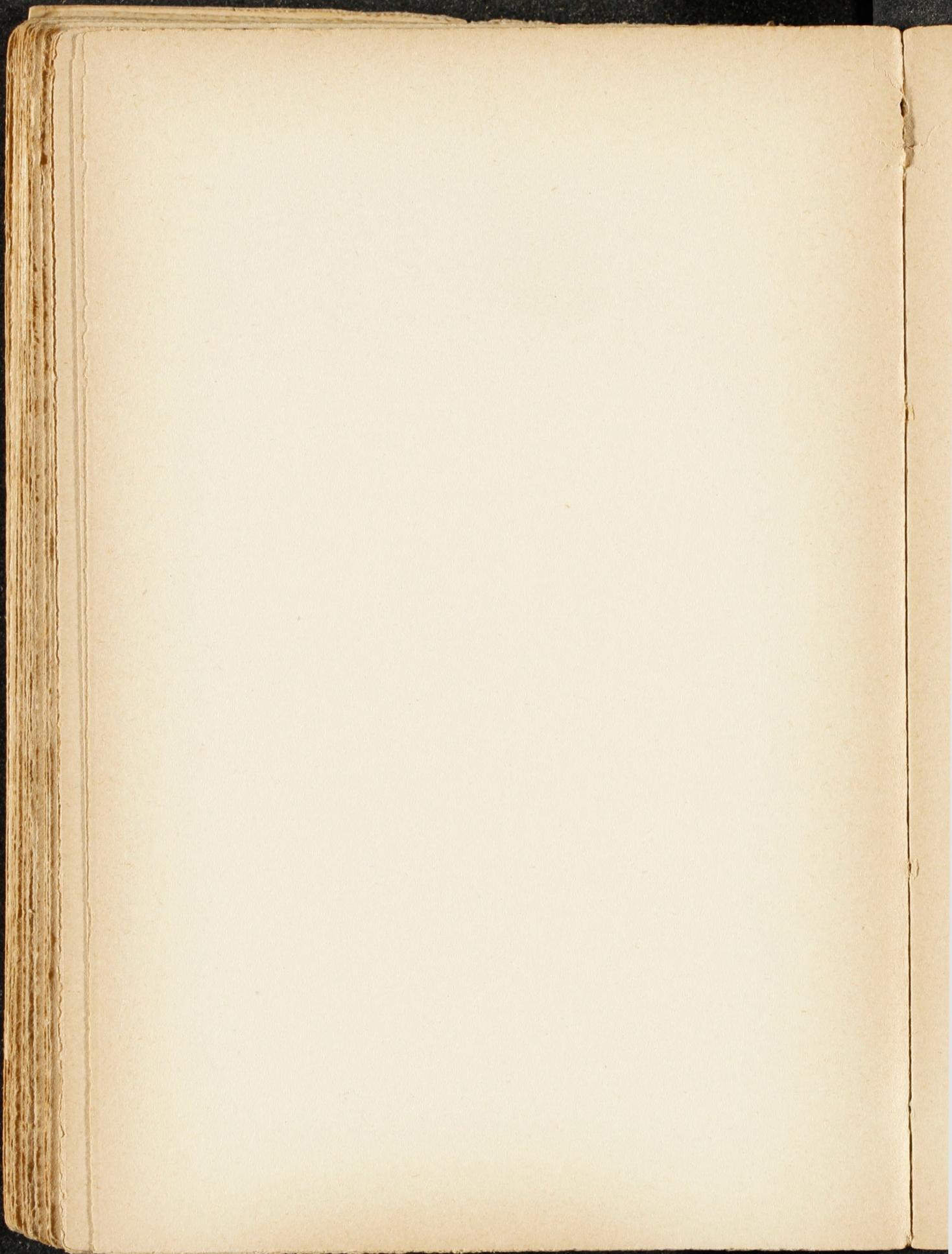
Oh ! a esperar em ti, a crer que em breve,  
Além da sepultura,  
Não ha dôr, nem sotirer, que em paz repouisa  
A pobre creatura.

Feliz ! feliz, quem perpassou na terra,  
O olhar em ti só fito,  
E, sem tocar as asas na planicie,  
Voou para o infinito.

Feliz, quem creu, amou, viveu, só tendo  
No céo seu rumo e norte :  
E que diz : vejo o porto : e morre, e encontra  
Emfim a paz na morte...

---

PALMAS E LOIROS





Porêm o oiro do sol que a terra inunda,  
E lança ao mar o seu purpureo véo,  
Pendurando-o na coma da floresta,  
E as asas doira aos passaros do céu,

Não é da terra, não ; não é dos bosques,  
Não do mar, não das aves ; de ninguem ;  
E quando o sol refoge além-montanha,  
Leva consigo esse oiro todo além.

A concha enorme da turqueza aerea  
Entorna a sombra tetrica e feral,  
Boceja o somno entre as estrellas, dorme  
Cheio de vagos sons o florestal.

Uma gotta no musgo de uma rosa,  
Fonte sem nome em cava de alcantil,  
Que o passaro conhece e onde elle bebe,  
Tenue ruido entre harmonias mil,

Eis o que sou... Porêm se o sol um dia  
Inclina o regio diadema ao val,  
E um raio fulvo vibra-lhe da fronte,  
Parece a gotta um mundo colossal...

## II

... *dum adhuc infans...*

APOLLONIO DE RHODES — *Argonauta*.

No meu primeiro despertar, na infancia,  
Quando a palavra era um murmurio apenas,  
Como uma ave que o espaço não calcula,  
Ao sol da gloria eu sacudia as pennas.

Chorei cantando na manhã da vida.  
— No céu ridente d'alma sombra alguma, —  
Como o aroma de um tronco não ferido  
Que chora e o ar nas lagrimas perfuma.

Eu nesse tempo modulava ás brisas,  
Ao sorrir da mulher tecia endeixas,  
E adormecendo mollemente os ventos,  
O ambiente enchia de amorosas queixas.

Cantava as nuvens que nos céos erravam,  
Como um bando de pombas fugidias,  
E as vagas, que correndo á flôr dos mares,  
Vinham morrer a rir nas penedias.

Voz prophetica a vir dos quatro ventos,  
Parecia dizer-me : — Espera... Espera...  
— Espero!... aos ventos respondia : e effluvios  
Cria beber de eterna primavera...

Esperar pelo que ? — Qual o meu sonho ?  
 A prophetica voz me não dizia ;  
 Comtudo o que era grande me enlevava,  
 E o que era bello aos clhos me sorria.

Que ha-de esperar por fim quem tudo espera ?  
 A infancia mede o seu porvir distante :  
 E olha p'ra o Homero, e ri-se, e diz : — quem sabe ?  
 E diz : — talvez !... — ao temeroso Dante !

Está tão alta em suas esperanças !  
 Proximo ao berço tanta luz radia !  
 Ai ! mais um passo e está perdido o Eden,  
 E o tanger dessas musicas que ouvia . . .

Como a lagoa transparente embala  
 O céu que a cobre, e o bosque que a rodeia,  
 E o céu, e o bosque, e o azul, e o oiro, e enfim tudo  
 Perde a lagôa com um só grão de areia.

## III

*I'vo piangendo i miei passati  
 tempi...*

PETRARCA — *Rime*

Eu morrerei da tarde entre os perfumes,  
 Num valle escuso a rir-se todo em flôres,  
 Vendo passar por mim extranhos numes,  
 Quasi a rir-me tambem das proprias dôres . . .

Sobre que pó, sobre que lodo impuro  
 Cahiu-me quasi em pranto e quasi a mêdo  
 D'arvore bella dos meus grandes sonhos  
 Uma das flôres que murchava cedo . . .

Do tempo vão na lutulenta vaga  
Vês este povo que se arrasta agora ?  
Vasos podres de argilla, o oiro da gloria  
Bate lá dentro, e não retine fora.

Não os maldigo, não. — Não foram delles  
Minhas tristezas, minhas alegrias ;  
Quando semeava a noite o céu de estrellas,  
Eu tambem povoava-o de harmonias.

Cantava, como canta o passarinho,  
Como soluça a jurity queixosa,  
E minha dôr desabrochava em cantos,  
Como entre espinhos desabrocha a rosa.

A gloria... o tempo... a eternidade!... ruido,  
Que sempre ao mesmo esquecimento corre :  
Aqui, alli, mais perto ou mais distante  
A vaga cresce, rola, arqueja e morre.

Oh ! porque é bom cantar, eu canto ás vezes ;  
E porque é bom gemer, eu gemo : eis tudo ;  
E lanço as minhas flôres sobre o tempo,  
Como quem as desfolha em lago mudo.

E' da noite na mascara sombria  
Que esconde a face quando o labio chora :  
E ainda os olhos humidos enxugo  
No véo de rosas, quando volta a aurora,

Só quero hoje o silencio, o amor, a calma,  
Todo o casal bem festejado d'heras,  
Na porta sempre o sol e dentro d'alma  
Ai! o perfume bom das primaveras.

Gloria... ambições... procellas rugidoras  
Em oceanos de vagas agitadas!  
O enorme, o colossal!... nada. — A paz antes  
Que esse montão de fulgidas ossadas.

Depois, ó poeta, a palpebra descendo,  
A mais... a mais... ao somno conduzida,  
Como o ultimo accorde do instrumento,  
Que a tarda noite a repouisar convida...

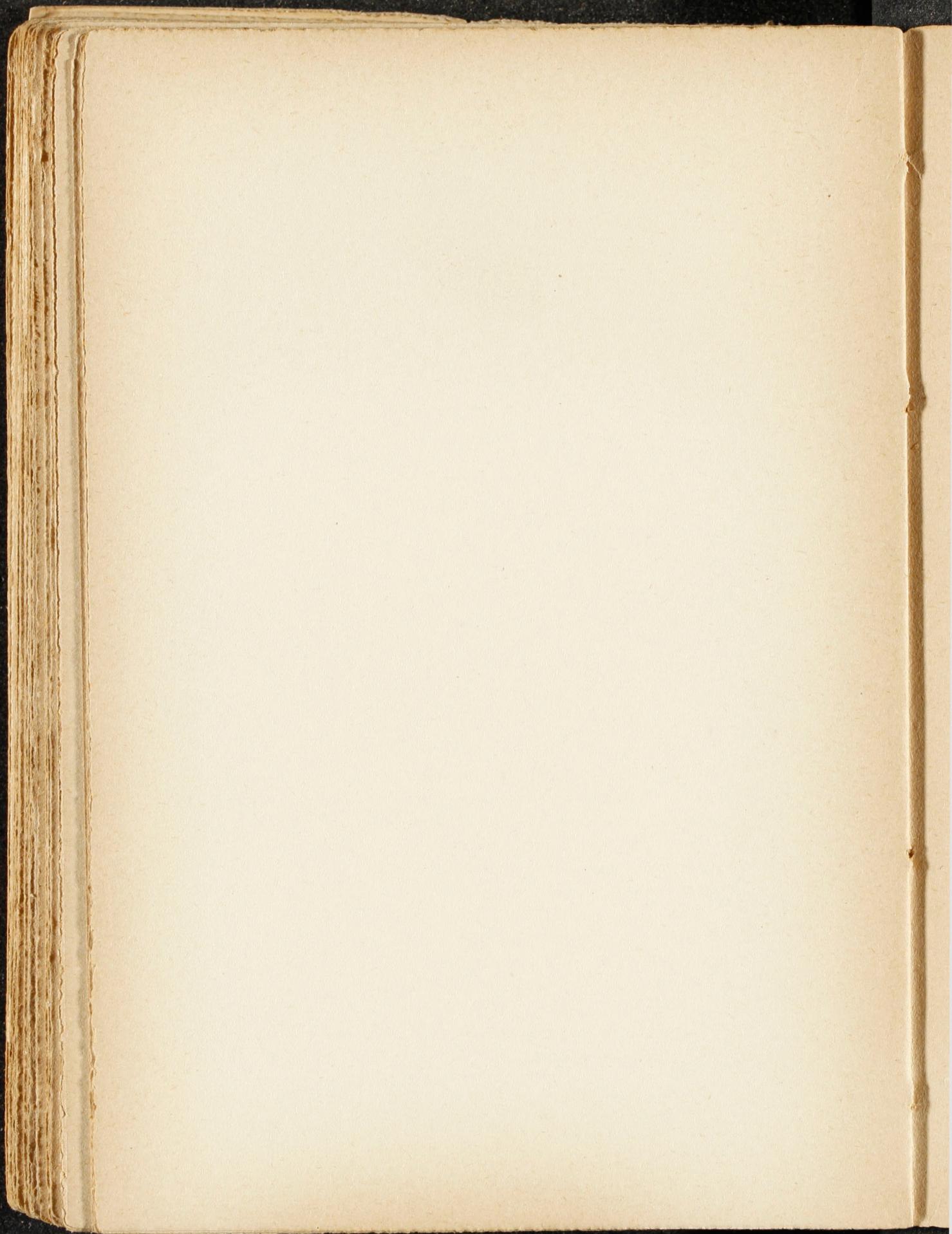
Algumas flôres do jardim, colhidas  
Por mãos dos que têm lagrimas no rosto;  
Cespede escusa em qualquer canto e adeuses  
De poucos... e o que fôr do lado opposto.

.....  
.....  
.....  
.....

## IV

Eia, poeta, inunda-me de palmas,  
Lança-me corôas, como um rei, que és:  
Tudo isso é teu: levanto-as para dar-t'as:  
São tuas: pisa-as com teus regioes pés...

VIRTUS



Alta, branca, emmoldado o rosto longo  
Em bastas ondas de cabellos negros,  
Triste o sorriso, o olhar nos céos perdidos,  
Como em vago desejo e em vago enleio,  
De luz e aroma enchia o ambiente todo.

Tinha nas largas dobras dos vestidos  
'Stremecimentos d'asas ; sussurravam  
Vagas molles de um mar nos movimentos  
Dos seus pés : ondulava o corpo todo  
Suavemente, como no infinito  
Do mar a vaga rumorando rola,  
Mal tocada do vento : uns longes toques  
De nuvens não rosadas, mas de um doce  
E diaphano azul, meio esbatido  
Em gaza branca, a fronte lhe envolviam.  
Era a tristeza angelica não vinda  
De desesperos, de agonias fundas,  
Mas de um doce scismar . . .

Eu vi-a erguer-se,  
Como a divina estatua da harmonia,  
Levantada a cinzel por mão de artista,  
E depois inclinando-se, qual dobra  
A vaga ao vento, a relva aos pés da deusa,  
Que cutrora andou errante pelos bosques,  
As longas mãos branquissimas soltando  
Sobre o piano, a alma enamorada,  
Candida e triste, esperançosa e bella,  
Lançar ahí toda ao musico instrumento...

Alma branca de um marmore aquecido  
A sol extranho, ao ideal, em Deus, andavas  
Como uma sombra pallida e palpavel,  
E quente, como o bato dos teus labios,  
Fazendo o ar enlouquecer de ouvir-te,  
Porque não sei, se ao ouvir-te, o ar sorria,  
Porque não sei, se ao ouvir-te, o ar chorava.  
E eu sentia-me triste e ao mesmo tempo  
A alma em festa corria-me por dentro,  
Asas batendo em turbilhões de sonhos...

Vaporosas imagens passam, voltam  
O luminoso rosto e as brandas musicas,  
E as estrelladas citharas sussurram  
Queixas, que quasi irmãs são de um sorriso,  
Tão vagamente se parecem ambos,  
Sussurro doce, anonymo, que embebe  
O ar de aromas, de dulias tenues,  
Como se as violetas desdobrando  
O perfume tenuissimo, com elle  
Tambem mesclassem sons inda mais ternos.

Amo-te. — A ti me prende uma indizível  
Mysteriosa corrente : amo-te : és bella :  
Nem sei mesmo se és bella : em ti ha tudo  
Da formosura mãe : como sou doudo  
Pelo luar, como amo o céu profundo  
Cheio de dia e sol, de noite e estrellas,  
E é minha cada estrella d'ouro ou prata  
Para beijal-a em cada raio, como  
Amo o mar quer em calma ou procelloso,

Come na hora apraz a Deus ; — e o santo,  
E o grande e o nobre me arrebatá e prende,  
Me faz morrer de amor, me enleva e arrouba :  
Amo-te assim. — A nuvem de um remorso  
Não sulca a minha frente : um violento  
Tremor não toma o coração de assalto...  
Ai ! quando penso em ti...

Pudessem todos  
Rasgar minha alma, e vêr espadanando  
Della, como espadana o sangue a jôrro  
Do seio, cujos lyrics arroxiam,  
Ferro, que ousou tocal-o, e vêr pudessem  
Pedacos do meu céu cahir rolando  
Ainda as luzes tremulas de sonhos  
Em turbilhões que fervem, soes errantes  
De indefinidas scismas ; nebulosas  
De idéas mal formadas, que tomavam  
Vulto agora lá dentro ; e esses retalhos  
De um céu de imagens bellas e estrelladas,  
Mundos a palpar, mundos já mortos,  
Que toram todavia da esperanza,  
Mundos cheios de luz, soes formosissimos...  
Pudessem vêl-o emfim todo entornado,

Já sereno, já céo tempestuoso,  
 Todo o céo de minha alma e ao abysmo della  
 Apanhar cada sensação ainda  
 Não feita sentimento... eu não teria  
 De alli corar ; as conjuncturas lubricas  
 Em palpaveis visões não toldam nunca  
 O meu amor por ti... O ethereo encanto,  
 O mysterioso impalpavel, o infinito,  
 Talvez a imagem do meu Deus mais pura,  
 E' o que amo em ti!...

Eu posso amar-te,

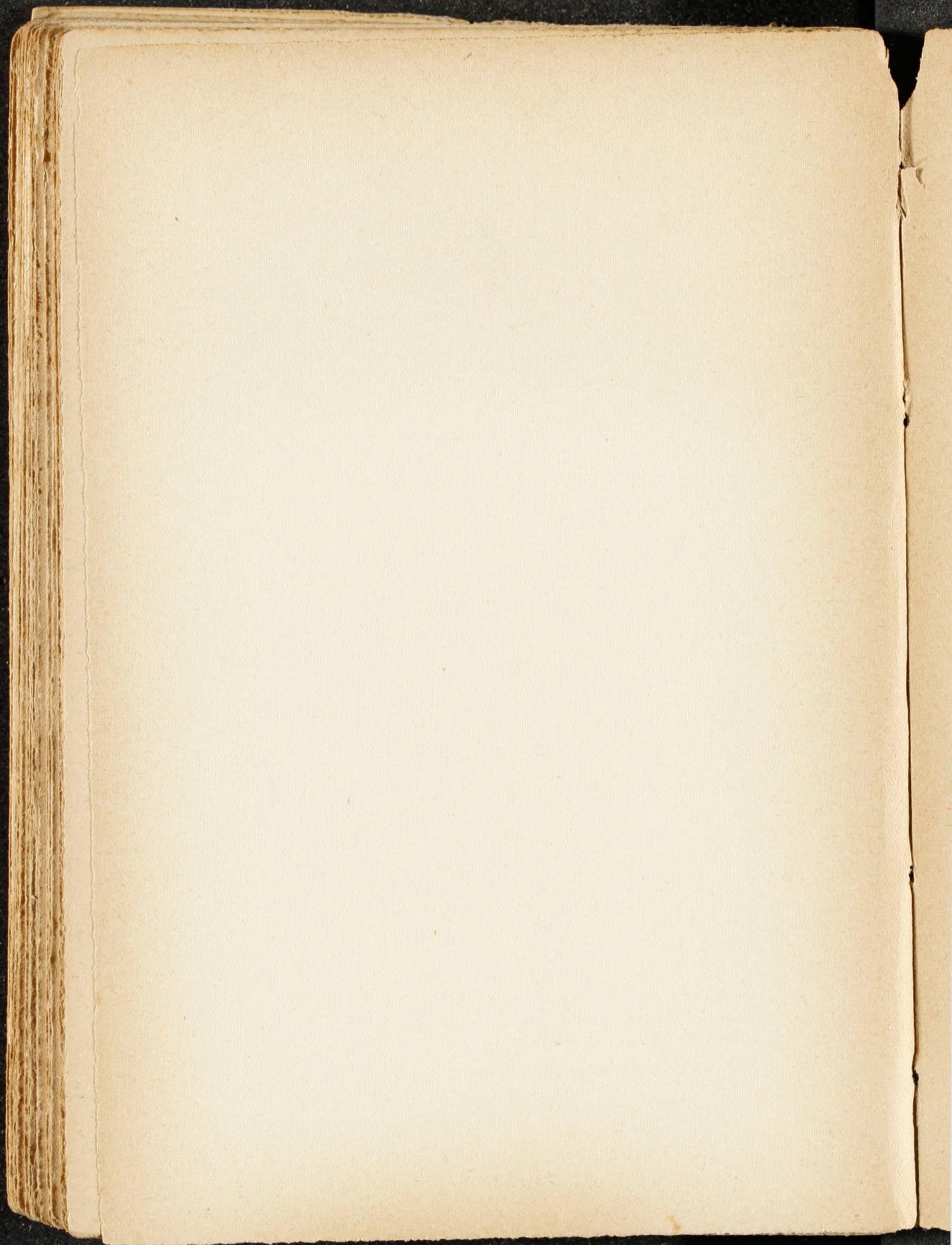
Calçar de beijos, luminosa estrella,  
 O teu caminho : a minha vida inteira  
 Estender-t'a no chão, qual branda relva  
 Em que possas calcar teus pés mimosos ;  
 Queimar dia por dia em ereo vaso  
 Toda a existencia para aromar-te o ambiente,  
 Em que lançares teu olhar angelico...

Posso morrer por ti...

Quando apontares

Com teu marmoreo dedo côr de rosa  
 O caminho da morte, esse caminho  
 E' o da honra ; — hei-de morrer sem mêdo,  
 Sem vacillar, sem resistir, sem unico  
 Suspiro por quanto ha mais caro á vida,  
 Porque tu vales mais, formosa. Foste,  
 E's o meu amor ; quero morrer á sombra  
 Do meigo olhar dos teus suaves olhos,  
 O' tu, belleza, encanto, amor, Virtude.

PAUPERRIMA DOMUS



Eu fui hoje espiar a tua casa  
Por entre as folhas verdes do jardim ;  
Dous infinitos tinha ante os meus olhos :  
Era a tua casinha e o mar sem fim.

Volvi de tua acasa ao mar meus olhos ;  
Volvi do mar ao céo, que então brilhava ;  
Douda andorinha á cata de um galhinho,  
Minha alma errante as asas fatigava.

Como uma taça azul e transparente,  
O céo estrellas aos milhões continha ;  
O mar, que as reflectia, era formoso :  
Nenhum encanto a tua casa tinha.

Entre velhas irmãs, irmã mais velha,  
Sobre as muletas dos portaes se erguia ;  
Nada de outras tão pobres como a tua,  
Nada artistico e bello a distinguia.

Do tempo estava gasta e já sem brilho  
A cal branca que a frente lhe vestia,  
E, como acocorada sobre os membros,  
Parecia tremer á ventania.

Não é de outra maneira um ninho : serve  
Um ramo secco, um musgo, e qualquer palha,  
E está lá dentro a perola do bosque . . .  
'Stá quem no bosque hymnos do céu espalha.

Uma tepida brisa de Dezembro  
Vinha a intervallos murmurosa e olente,  
Carregando o ruído das creanças  
Que brincavam contigo alegremente.

Guarda-joias de amor e de esperanças,  
Ninho quente onde tu, pomba, dormias,  
Céu mais céu do que o céu num canto apenas,  
Em que teus passos a voar volvias ;

Era essa casa . . . a tua pobre casa,  
Esquecida na beira do caminho,  
Como uma estrella além no fim da estrada,  
Como na extrema da palmeira um ninho.

Meus olhos, onde andava então minh'alma,  
Pregam-se á tua porta : eu esperava  
Que sahiria della alguma cousa  
Mais brilhante que a luz que a illuminava.

Eras tu ? — Não sei eu. — O bando loiro  
Das creanças ? Também não sei : mas era  
Alguma cousa assim como uma estrella,  
Cheirosa e alegre, como a primavera :

E também melancolica, assim como  
O céu e o mar de sombra e luz vestidos...  
Talvez uma mulher, em cujas veias  
Girassem céos de amores derretidos !

Sei lá... Porém o mar não tinha encantos,  
O céu nocturno e esplendido os não tinha,  
Nem o jardim... nem nada em tórno ou longe...  
Era o meu ramo verde essa casinha.

Sahi. — Os guardas do jardim faziam  
Sahir o povo alegre e amotinado ;  
Dez horas dera o proximo mosteiro ;  
Rançou nos gonços o portão pesado :

Notei que os pés pesavam-me, que os olhos  
Iam, num movimento irresistivel,  
Por dois mudos grilhões quasi arrastados...  
Quiz ficar : era tarde ; era impossivel.

Sahi pensando que amanhã viria  
No meio da indiferença desse povo,  
Ao céu, ao mar, ás flôres, ao universo  
Tua casinha preferir de novo.

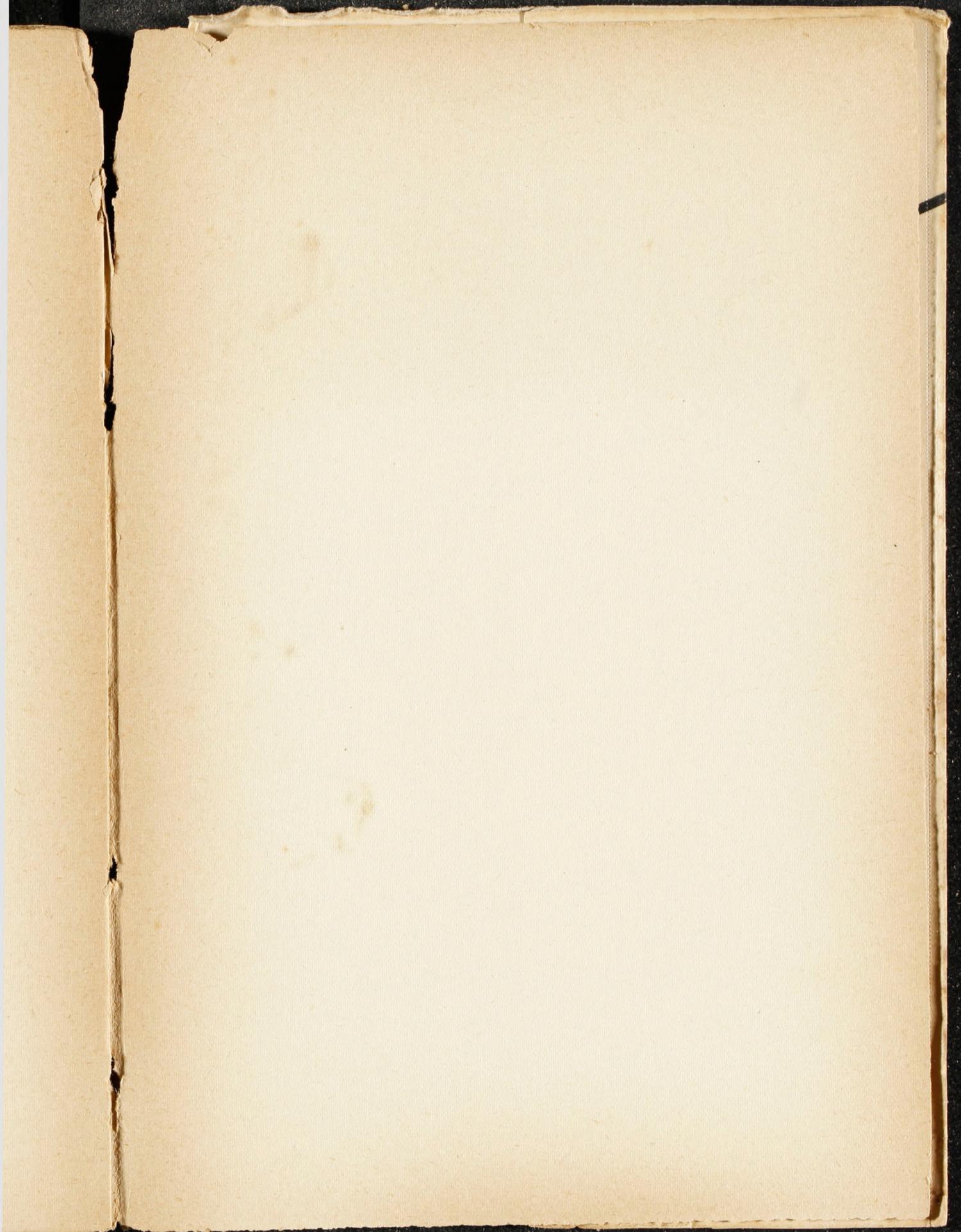
Tua casinha... um pardieiro em ruínas,  
Grãos de areia sobre outros grãos de areia ;  
Mas nella havia o que em ninguem havia :  
Da minha felicidade estava cheia...

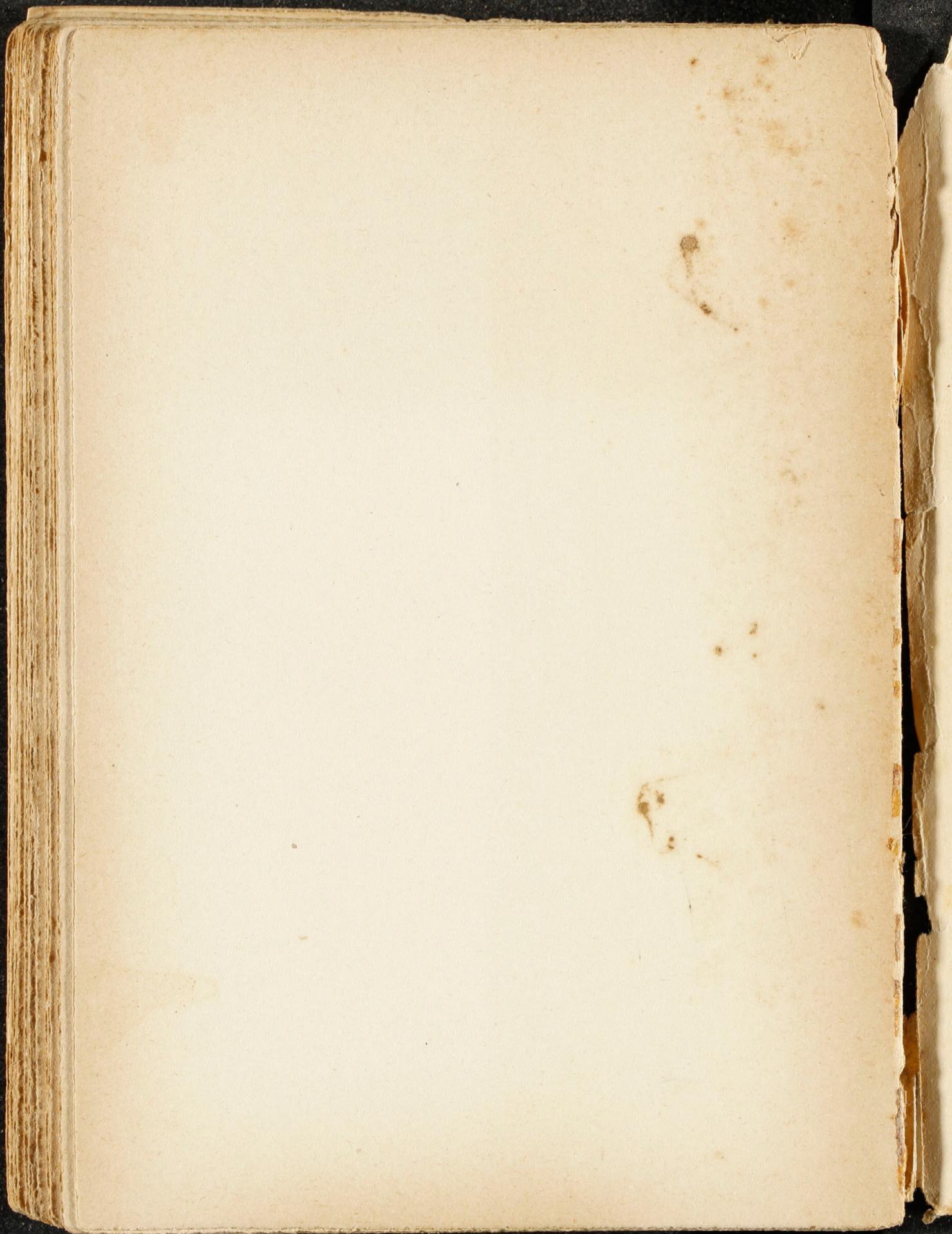
Parei no meio do caminho ansiado ;  
— Não a vi hoje... e suspirei ! — Embora :  
Tornarei. — Para mim aquella porta  
Tinha o deslumbramento de uma aurora...

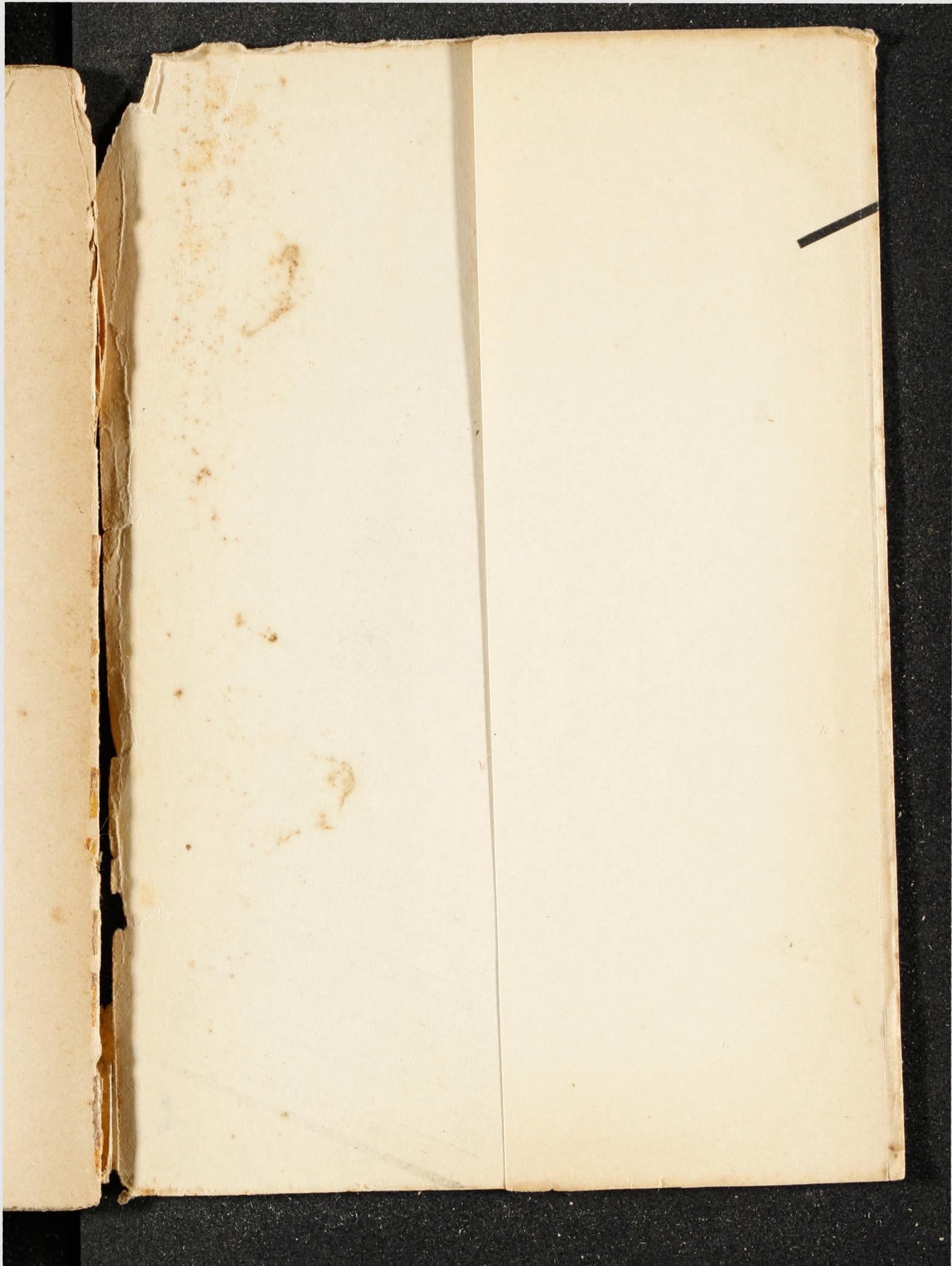
Ultimo enfim sahi. — Entre as mãos rijas  
Puxa um guarda o portão : era preciso  
Sahir ; sahi : — as grades estrugiram :  
Pareceu-me esboroar-se o paraíso.

Tu morrerás um dia ; e has-de espantada  
Ouvir dos anjos a loucura minha,  
Que eu ia ás noites espreitar de longe  
Tua velha e miserrima casinha !...

---







**Outras edições da  
Cia. Editora Nacional**

Luiz Delfino: POESIAS LYRICAS 6\$000

Paul Verlaine: FESTAS GALANTES  
Tradução de ONESTALDO DE PENNA-  
FORT . . . . . 5\$000

Paul Géraudy: EU E VOCÊ — Trad.  
de GUILHERME DE ALMEIDA . . . . . 5\$000

Rabindranath Tagore: O GITANJALI  
Tradução de GUILHERME DE ALMEI-  
DA . . . . . 5\$000

Menotti Del Picchia: POEMAS, 6\$000  
— POESIAS, 6\$000 — JESUS (Trage-  
dia Sacra) . . . . . 5\$000

Cleómenes Campos: MEU LIVRO DE  
AMOR, 6\$000 — HUMILDADE, 6\$000  
— CORAÇÃO ENCANTADO (2.ª edi-  
ção) . . . . . 6\$000

Ribeiro Couto: NOROESTE E OU-  
TROS POEMAS . . . . . 4\$000

Belmiro Braga: TARDE FLORI-  
DA . . . . . 4\$000

Guilherme de Almeida: VOCÊ (Can-  
cionista) 2.ª edição, 4\$000 — DANSA  
DAS HORAS, 4\$000 — CARTA A MI-  
NHA NOIVA, 4\$000 — LIVRO DE HO-  
RAS DE SOROR DOLOROSA, 5\$000  
— NÓS, 3\$000 — SIMPLICIDADE,  
5\$000

Amadeu Amaral: POESIAS COMPLE-  
TAS . . . . . 6\$000

Suzanna de Campos: MUNDO INTE-  
RIOR . . . . . 6\$000

Da Costa e Silva: ANTHOLOGIA 6\$000

Augusto Frederico Schmidt: CANTO  
DA NOITE . . . . . 6\$000

Paulo Setubal: ALMA CABOCLA (4.ª  
edição) . . . . . 5\$000

Alberto de Oliveira: POESIAS ESCO-  
LHIDAS . . . . . 7\$000

Catulo da Paixão Cearense: MEU BRA-  
SIL . . . . . 6\$000

**SÃO PAULO**